

**LÍNGUA PORTUGUESA: UM PRETEXTO PARA O EXERCÍCIO
DO SER EM LIBERDADE ...**

por

Sueli da Costa Ferreira

11397

Dissertação Apresentada à
Faculdade de Educação
Universidade Federal do Rio de Janeiro
como Requisito Parcial à Obtenção do
Título de Mestre

Dezembro - 1992

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÉNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

A dissertação LÍNGUA PORTUGUESA: UM PRETEXTO PARA O EXERCÍCIO
DO SER EM LIBERDADE ...

elaborada por Sueli da Costa Ferreira

• aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pela Faculdade de Educação e homologada pelo Conselho de Ensino para Graduação e Pesquisa, como requisito parcial à obtenção do título de

MESTRE EM EDUCAÇÃO

Data 03 de dezembro de 1992

BANCA EXAMINADORA

Nelly Alcolea Lataia.....

Silvina Bello.....

Maria Magalhães.....

DEDICATÓRIA

A meu pai
(in memorian)
e à minha mãe,

pelo exemplo de
honestidade,
trabalho e
perseverança
com que nos encaminharam.

Agradecimento

Este trabalho é um resultado
de um projeto de extensão
realizado no ano de 2009.
O projeto teve como objetivo
apresentar e discutir a
experiência de vida e ensino
do professor Antônio Lúcio
Pereira, que faleceu em 2008.
O projeto contou com a participação
da professora Maria Virgínia Faria
e da professora Maria Virgínia Faria
Professora Maria Virgínia Faria
Para
todos os meus alunos
de ontem e de hoje
por serem fonte constante
de inspiração
para o trabalho e
de prazer, a cada
encontro humano-pedagógico.

AGRADECIMENTOS

v

"O Senhor é meu pastor:
nada me faltará..."

(Salmo 22)

Agradeço por haver
tão grande mestra
que não me fez
sentir pequena:

Professora **Nelly Aleotti Maia**

Agradeço por haver
tão generosas mestras
que me fizeram
sentir responsável e estimulada:

Professora **Balina Bello Lima**

Professora **Márcia Magalhães Gomes**

Professora **Maria Vitória T.de Carvalho**

Professora **Lúcia Vilarinho**

Agradeço por haver
mestres que nos convidam a
perseverar num ideal

Professor **Paes e Barros**

Professora **Elza Vieira**

Professora **Lilia da Rocha Bastos**

Professora **Hebe Goldfeld**

Professora **Thereza Penna Firme**

Professora **Lúcia Monteiro Fernandes**

Professora **Lydinéa Gasman**

Agradeço por haver
colegas-amigos
profissionais conscientes
a quem se pode
promover a **j u í z e s**

Professora Ariete da Rocha Duarte
Professora Cléa Rocha da Cunha
Professor Francisco da Silva Salvino
Professora Isis Miqueline Ferraz
Professora Márcia Rodrigues Camargo
Professora Maria Clara da Silva Cascaes
Professora Maria Tereza da Silva Cascaes
Professora Sueli de Albuquerque Fontes
Professora Vânia Fonseca Maia
Professor Vânio Marcos Lenzi

Professora Jandyra Chavarry Correa e Castro

Agradeço por haver
tão colaboradora amiga
que bem soube
traduzir
sua consideração
na versão de um
a b s t r a c t

Professora Artemis Nogueira Castro

Agradeço por haver
uma Diretora de Escola
que dê o apoio
que o trabalho do PIC
merece e precisa
Professora Marlene Clemente

Agradeço por haver **pessoas**
que nos atendem como funcionários
amigos e competentes:
Ignez, Rosângela, Maria Isabel,
Almira, Nádia e Alexandre
da Secretaria do Mestrado.

Cecília, Otacílio, Neli e Dalila
da Biblioteca.

Soninha, Airton e Dadá
da Reprografia.

Marisa, que datilografou com arte
tantas laudas...

A todos um abraço carinhoso
que os envolva num agradecimento
sincero.

ACORDAR OU... DAR A COR (?)

- acordar

como faz o **sol** com a aurora
toda manhã

- dar a cor

como faz o **sol** com os objetos
do nosso olhar

... a primeira claridade
desperta o dia (!)
... a luminosidade intensa
revela as cores (!)

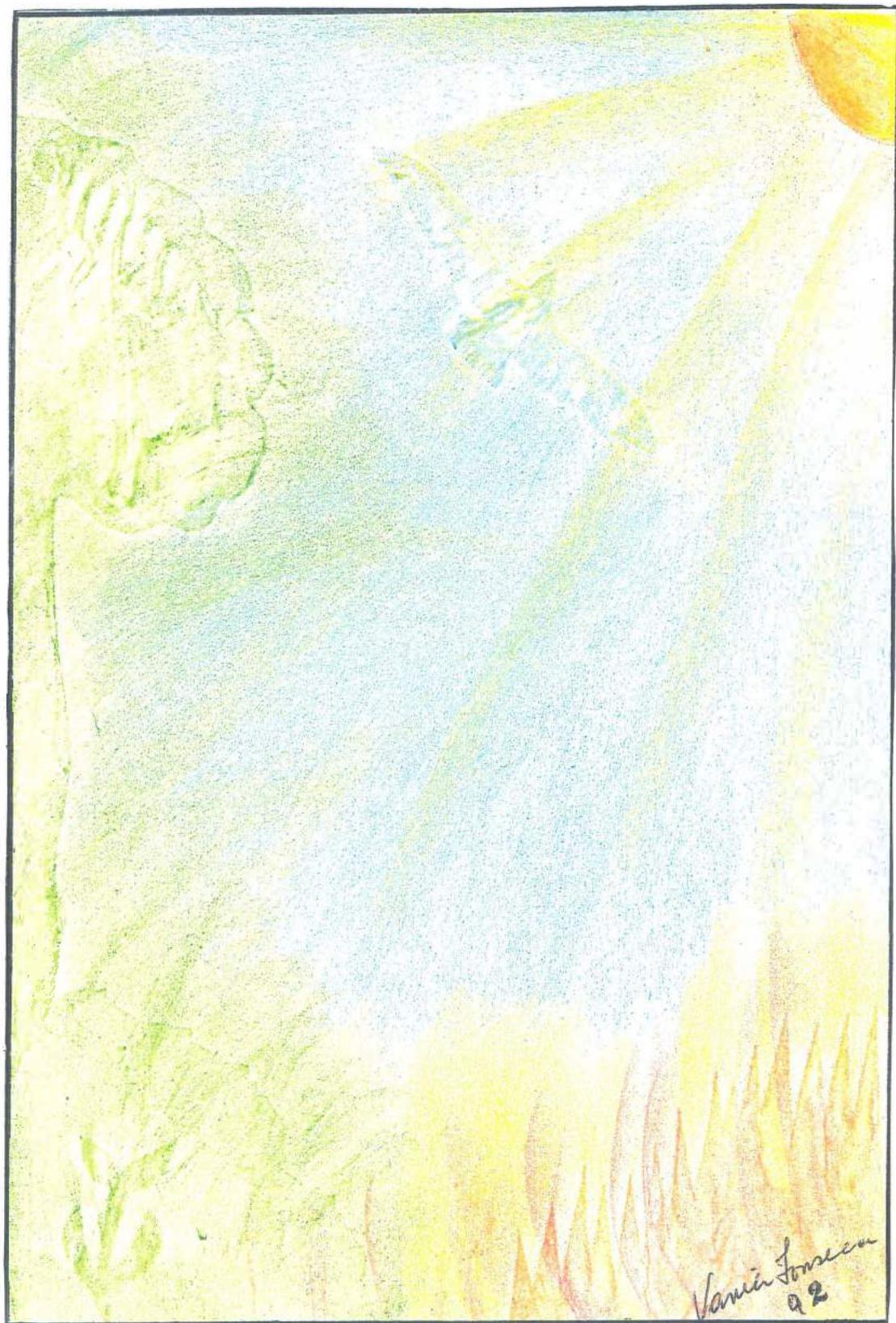
**- e tudo é natural
imanente...**

acordar

e

dar a cor

**- eis a p r o f i s s à o
do m e s t r e s o l...**



QUANDO SOU EDUCADOR...

Sou educador
quando **pretendo mais que o "ensinar"**
porque me lembro que meus atos
valem mais que minhas palavras ...

Sou educador
quando me **conscientizo** de que
- para educar a criança -
preciso
 constantemente
me re-educar como adulto...

Sou educador
quando **pratico** as idéias
que "fazem a minha cabeça"
(senão, sou apenas bacharel...)

Sou educador
 sobretudo
quando **semeio** à minha volta
 o que há de **melhor**
 em mim
para obter uma **safra** da melhor **qualidade** ...

Í N D I C E

Página

LISTA DE ANEXOS	xii
Capítulo	
I. O PROBLEMA	1
Introdução	
Objetivo	
Justificativa	
Metodologia	
II. PENSO E EXISTO: CONTINGÊNCIAS DA EXISTÊNCIA HUMANA	10
O Filósofo, o Educador e o Compromisso com a Verdade	
O Homem Pensa: uma Questão Filosófica	
O Humanismo: um Desafio para os Humanos	
Existencialismo: o Ser em Liberdade	
Alunos ou... Filósofos?	
III. AUTO-CONHECIMENTO: O MERGULHO NECESSÁRIO	53
Corações e Mentes: os abrigos da emoção	
Rogers & seus Princípios	
IV. A SALA DE AULA: UM ESPAÇO PERFEITO PARA O CONVÍVIO HUMANO-PEDAGÓGICO	73
Educação: um Desafio Humano Pedagógico	
Professor & Aluno: os imprescindíveis parceiros na elaboração do grande texto ...	
V. LÍNGUA PORTUGUESA: UM PRETEXTO PARA O EXERCÍCIO DO SER EM LIBERDADE	146
Língua Portuguesa: tão inculta quanto bela...	
Lingüística: um Conhecimento Essencial ao Professor de Língua Portuguesa	
Vôo Livre: Caminhos do Coração... Caminhos da Liberdade ...	
CONCLUSÕES	188
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	193
ANEXOS	197

LISTA DE ANEXOS

Anexo	Página
1. Documento Oficial do PIC	197
2. Material Didático: uma amostra	204
3. Com a Palavra, o Aluno	208
4. DEPOIMENTO	259

SUMÁRIO

O presente estudo se refere à importância — especificamente, para o aluno — da busca do autoconhecimento, para a conquista da auto-realização.

Trata-se da apresentação de um trabalho realizado no campo da Língua Portuguesa, com alunos adolescentes de 5^a a 8^a série de cinco escolas públicas municipais.

A fundamentação teórica subjacente ao trabalho, alvo do estudo, envolve pressupostos filosófico-educacionais inspirados no humanismo-existencialismo, bem como pressupostos psico-didáticos que, essencialmente, remetem ao ensino centrado no aluno — conceção de Carl Rogers.

O estudo revela, através da palavra dos sujeitos envolvidos como, efetivamente, a Língua Portuguesa se torna um pretexto para o exercício do ser em liberdade, evidenciando - se como "deficiência de forma" não implica, necessariamente, "deficiência de conteúdo" - o aluno, em condições favoráveis de aprendizagem, com liberdade, consegue pensar e redigir com coerência, com lógica.

ABSTRACT

This study concerns the importance of the students autoknowledge for the sake of self-achievement.

It deals with the presentation of a teaching experience which was developed in five high junior schools in Rio de Janeiro County with teenagers students.

Theoretical support is based not only on philosophical & educational concepts which come from Humanism/Existencialism, but also on psycho-didactical presuppositions which lead to the student centered teaching, according to Carl Rogers learning theory.

The analysis of the subjects' opinions - the teenagers students - reveals the way on how the working skill in Portuguese Language becomes a good and pleasant self exercise - when the students have freedom to create. It also shows us that not always "a pattern failure" means "a content failure". In truth, as the students are led to learn in liberty they will be able to think and write with coherence and criativity.

"De todos os males que aflijem o homem, o mais angustiante é a consciência da perfectibilidade".

(NELLY ALEOTTI MAIA)

RECEITA LIVRE

No quadrado dos teus dias
traça círculos abertos.

Na rotina do teu desenho
inventa matizes diversos.

E, se não cabe, no quadro,
violenta as molduras
espraia-te nas paredes,

fura tetos, quebra telhas,

veste asas, voa alto

e vai completar-te no espaço.

(BALINA BELLO LIMA)

"É difícil atingir o autoconecimento. Dá medo, causa ansiedade. Entretanto, é através desta introversão que conhecemos nossas limitações e aprendemos, dentro do possível, a superá-las: é sofrido, mas vale a pena".

(MÁRCIA MAGALHÃES GOMES)

CAPÍTULO 1

O PROBLEMA

Introdução

O homem. A vida. O mundo.

Estar no mundo...

Viver a vida ...

Ser homem...

Ser livre...

Desde os primórdios, o homem se vê compelido a lidar com o problema de sua existência: nasce livre e vive "condenado a ser livre" (Sartre, s.d.), sente-se, muitas vezes, desamparado "jogado-no-mundo" (Heidegger, in Padovani & Castagnola, 1978) e "está-no-mundo-para-a-morte" (Jaspers, 1973).

Precisa se auto-conhecer, para se auto-realizar... precisa decidir de seu futuro, sempre: sofre a angústia da escolha consciente.

Dotado de sensibilidade e inteligência, nem sempre conhece todo o seu potencial — eis aqui um "problema" crônico dos nossos alunos, da nossa escola: o aluno aprende de tudo (?), menos a se conhecer... (Rogers, 1978)

O presente estudo pretende tratar do problema do aluno, enquanto **ser em liberdade**, na busca do **auto-conhecimento**, para a conquista da **auto-realização**.

Objetivo

O objetivo deste estudo é apresentar uma experiência com alunos de 5^a a 8^a séries, em que o trabalho com a língua portuguesa se torna um pretexto para o exercício do ser em liberdade, na busca do auto-conhecimento para a conquista da auto-realização — uma análise à luz do Existencialismo.

A clientela-alvo pertence a escolas da rede pública municipal do Rio de Janeiro.

Justificativa

Educação em crise... ensino de Língua Portuguesa, por extensão, em crise... baixo rendimento escolar, como queixa generalizada... por onde começar? Começar pela nossa sala de aula, pelas nossas turmas. O que há muito constatamos é o aluno se sentir impotente, incapaz de vencer as dificuldades que lhe são apresentadas na sala de aula. Deve até parecer-lhe que o professor está ali para ajudar a complicar a sua vida (!), em certos momentos... Pois, diante de tal realidade, sempre procuramos pautar a nossa conduta por uma "relação de ajuda" intuitiva, que se tem aperfeiçoado - cremos - após um convívio maior com as idéias de Rogers, pois acreditamos que um ensino realizador (tanto para o aluno como para o professor) precisa levar em conta a importância do professor, mas também a importância do aluno - por sinal, motivo precípua de uma atividade de ensino. Tem sido dentro destes princípios que temos realizado o nosso trabalho com os alunos, procurando levá-los à conscientização de suas reais capacidades, num processo de conhecer - se

melhor, de auto-iniciativa nas atividades de aula. E, dados os resultados alcançados, nestes últimos doze anos, resolvemos aprofundar o estudo desse trabalho.

A proposta do PIC, como fora concebida, contou naturalmente com a influência do fazer pedagógico, da postura docente de cada professor nela envolvido. De nossa parte, ao nos engajarmos, em 1980, nesse trabalho, não encontramos muitos obstáculos para transformar uma proposta, exclusivamente teórica em prática - atividades - pelo fato de já termos, em muito, uma linha de trabalho como a que vinha preconizar o PIC. Apenas, tornava-se então possível operacionalizar melhor e mais várias estratégias de aprendizagem, visto que as condições de trabalho favoráveis - que faziam falta no núcleo comum - eram agora oferecidas para as aulas do PIC, como, por exemplo, sala-ambiente e número menor de alunos, cerca de 20/meia turma (Segue, como Anexo 1, o Documento Oficial do PIC).

Concebemos, então a dinâmica das aulas, partindo do texto - fornecido ao aluno ou por ele escolhido - e chegando ao texto - produzido pelo aluno, tendo como grande colaborador um clima amistoso, criado especialmente para tornar aquele um convívio humano-pedagógico, um acontecimento gratificante para os alunos e a professora. E passou a ser assim cada aula/atividade:

1. contato com textos variados, inseridos na realidade afetiva e social do aluno;
2. leitura, interpretação, reflexão e debate do(s) texto(s);
3. manuseio de material didático, especialmente cria

do pela professora para provocar a auto-reflexão sobre os textos lidos e no momento do debate, com vistas ao desenvolvimento do espírito crítico;

4. produção livre de trabalhos originais e variados, cuja base, cuja matéria-prima seja **a palavra**;

5. auto-avaliação: discursivamente, ao final de cada aula/atividade, o aluno se auto-avalia, conscientizando-se de suas dificuldades e progressos (e, por extensão, avalia a aula).

Cumpre ressaltar que, nas primeiras cinco ou seis aulas, a proposição de atividade parte da professora, bem como também a abordagem de alguma noção importante para o bom desempenho do aluno nesta ou naquela atividade proposta. Daí em diante, está franqueada ao aluno a liberdade de escolha e de execução dos trabalhos - é o momento em que ele começa, timidamente, a experimentar o caminhar com seus próprios pés e escolher os seus próprios caminhos. Ali, na sala-ambiente, está o professor facilitador, à sua disposição, bem como um variado material didático (Anexo 2) com que vai-se familiarizando, a cada aula e aprendendo a utilizá-lo, como fonte de consulta ou de inspiração para os **seus** trabalhos. A orientação não-diretiva predomina, então, e os resultados são, em geral, surpreendentes, principalmente, para o aluno, que não está acostumado a experimentar tanta liberdade e... responsabilidade (!) E, assim, vai-se conscientizando de quanto é capaz de realizar, vai conhecendo melhor a si próprio e formando, subjetivamente, o seu auto-conceito. Conhecendo-se mais, ousa mais, lança - se mais confiante aos trabalhos e a consequência natural é (predo

minantemente) uma aprendizagem bem sucedida. Estes são os frutos que temos colhido e que nos encorajam (como já afirmamos) a realizar o presente estudo para, inclusive, conhecer melhor este acontecimento humano-pedagógico que tão bem reúne corações e mentes: o PIC ...

Em tempo: regemos turmas (6 grupos) do PIC e turmas de Língua Portuguesa (núcleo comum) - também nestas realizamos aulas de PIC que se integram às atividades previstas para a abordagem dos conteúdos programáticos (convencionais/estabelecidos) previstos para as demais turmas da escola.

Concebido, inicialmente, para os Centros Interescolares, lá o aluno se inscrevia para o PIC (se desejasse) e várias disciplinas de Formação Especial. Nas Unidades Escolares, o aluno era/é encaminhado para o PIC, combinando-se dia de trabalho do professor e a disponibilidade de horário da turma. Mesmo assim, procura-se atender à motivação do aluno: PIC ou Artes Industriais, PIC ou Técnicas Agrícolas.

Metodologia. Este estudo é fruto da observação, em profundidade, de um trabalho, em língua portuguesa, realizado com crianças de 5^a a 8^a séries de cinco escolas (incluindo um CIEP) da rede pública municipal - onde a pesquisadora atuou como professora regente de turma.

Os dados colhidos para este estudo o foram, antes do mesmo ser concebido: são trabalhos e auto-avaliações de alunos recolhidos ao longo destes últimos doze anos; estavam guardados para algum aproveitamento futuro - que acabou vindo.

Os sujeitos envolvidos (clientela-alvo) são alunos de

classes populares, dos subúrbios de Rocha Miranda e Santa Cruz. E, sendo a pesquisadora/autora do estudo a própria professora desses alunos, consequentemente integra esse conjunto de "sujeitos" envolvidos.

A instrumentação se constituiu nos trabalhos e auto-avaliações dos alunos - material já existente.

De um conjunto de cerca de dez mil trabalhos, foram retirados mil, aleatoriamente. E cada conjunto de cem unidades foi entregue a um juiz - dentre um conjunto de dez.

A escolha desses juízes se pautou pelos seguintes critérios:

- ser professor reconhecido pela autora como comprometido com a Educação (engajamento profissional);
- ter experiência como professor regente de turma: preferência para os com mais de vinte anos de magistério, predominante - mente na rede pública.

Foram então, considerados cinco professores de língua portuguesa e outros cinco professores não de língua portuguesa - estes últimos, assim se especificam: professor de matemática, professor de história, animador cultural, psicólogo e diretor. E nove dos dez juízes têm mais de vinte anos de magistério.

Das cem avaliações recebidas, deveriam escolher, no máximo, cinco - as que lhes parecessem mais significativas - e fazer um comentário crítico inspirando-se na sua prática/vivência, como educador.

Foi também solicitado aos juízes que cada um desse, ao fim da análise das avaliações, um conceito seu sobre EDUCAÇÃO - e que, ao final, também se auto-avaliasssem.

E assim foi feito.

As avaliações aos juízes apresentadas são fruto de um trabalho realizado com os alunos, a partir de um projeto lançado pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, em 1977 (Revista Estudos e Pesquisas, 1980).

O projeto se chamava **Plano Intensivo de Comunicação - PIC** e posteriormente passou a Pedagogia do Confronto no Ensino de Língua Portuguesa - foi-se extinguindo a partir de 1986 e hoje só existe em duas escolas - preservado aí, graças - em muito - ao empenho da autora deste estudo.

Dentro, então, de uma perspectiva qualitativa-fenomenológica (Britto, 1986), o estudo procurará descrever, analisar e interpretar os dados sobre o referido trabalho, a partir da pessoal forma de interpretação dos pensamentos, sentimentos e ações de todos os sujeitos envolvidos, inclusive da autora do estudo.

Segue, como Anexo 1, o Documento Oficial contendo a fundamentação teórica do PIC.

Apresentamos, a seguir, um exemplar da carta que enviamos a cada professor-juiz.

Nota: Por uma intenção de realce, preferimos grafar com hífen a maioria das palavras iniciadas por "auto", inclusive as do tipo "auto-conceito".

Rio de Janeiro, 10 de outubro de 1992

Prezado Colega

Solicito a sua colaboração no sentido de avaliar e interpretar um conjunto de 100 trabalhos (avaliações e auto-avaliações) de alunos meus.

Desse conjunto você deve escolher, no máximo, 5 — os que lhe pareçam mais significativas, a critério seu.

Só a título de esclarecimento: se puderem representar aspectos diferentes, tanto melhor para o nosso estudo.

Redigidos os pareceres, elabore, inspirando-se no conjunto de avaliações, um conceito sobre EDUCAÇÃO, nos seguintes termos:

EDUCAÇÃO:

uma questão de ...

Apresente tudo em manuscrito; não assine nada.

Ao final, auto-avalie-se também.

Agradeço-lhe a urgência que puder dispensar ao trabalho.

Com um abraço,

Sueli Costa

ALUCINAÇÃO
(Belchior)

Eu não estou interessado em nenhuma teoria
Em nenhuma fantasia, nem no algo mais.

Nem em tinta pro meu rosto ou oba-oba ou
melodia

Para acompanhar bocejos, sonhos matinais

Eu não estou interessado em nenhuma teoria

Nem nessas coisas do Oriente

Romances astrais

A minha alucinação é suportar o dia-a-dia

E meu delírio é a experiência com coisas reais

Um preto/um pobre/um estudante/uma mulher
sozinha/

Blue jeans e motocicletas/pessoas cinzas
normais/

Garotas dentro da noite/revólver; "cheira
cachorro"

Os humilhados do parque com os seus jornais/

Carneiros/mesa/trabalho/meu corpo que cai

do oitavo andar/

A solidão das pessoas nessas capitais/

A violência da noite/o movimento do tráfego/

Um rapaz delicado e alegre que canta e

quebra/ [É demais?]

Cravos/espinhas no rosto/rock/hot dog/play it
[cool, baby]

Doze jovens coloridos...

Dois policiais cumprindo o seu duro dever

E defendendo o seu, amor. É nossa vida

Cumprindo o seu duro dever e detendendo o

seu, amor

Eh, nossa vida

Mas eu não estou interessado em nenhuma
teoria

Em nenhuma fantasia, nem no algo mais

Longe o profeta do terror que a laranja

mecânica anuncia

Amar e mudar as coisas, me interessa mais.

CAPÍTULO II

PENSO E EXISTO: CONTINGÊNCIAS DA EXISTÊNCIA HUMANA

"Conviver com o sonho e a realidade é a eterna contingência dos humanos - habitantes de um universo em contrastes que nos convida a participar como artífices do equilíbrio para a conquista do belo.

Sueli Costa

Este capítulo destina-se à abordagem dos aspectos filosóficos em que se fundamenta o estudo. Compõe-se de seis seções: a primeira apresenta o capítulo e as demais se identificam pelos seguintes títulos:

- O Filósofo, o Educador e o Compromisso com a Verdade
- O Homem Pensa: uma Questão Filosófica
- O Humanismo: um Desafio para os Humanos
- Existencialismo: o Ser em Liberdade
- Alunos ou ... Filósofos?

O Filósofo, o Educador e o Compromisso
com a Verdade

O homem, distinguido excepcionalmente com a capacidade de raciocinar, desta muito se tem valido para tentar entender o mundo à sua volta, o seu mundo e a si mesmo. E Aristóteles assim registrava esta obstinação humana:

Com efeito, foi pela admiração, que os homens começaram a filosofar, tanto no princípio como agora; perplexos, inicialmente, diante das dificuldades mais óbvias, avançaram pouco a pouco e enunciaram problemas a respeito dos maiores fenômenos, como os da Lua, do Sol e das estrelas, assim como sobre a gênese do Universo. (Giles, 1979)

É realmente impressionante quão indecifrável é o Universo em que se encontra o homem: há mais de dois mil anos (para nos referirmos apenas a Aristóteles) este privilegiado ser da criação já era flagrado às voltas com mistérios que desvendou ainda tão parcialmente... Parece mesmo que este ser que nos diz respeito prima, essencialmente, por possuir uma natureza paradoxal: ao mesmo tempo que se manifesta limitado em seus atos de descoberta, revela-se potencialmente ilimitado na sua motivação para descobrir... O ensaio-e-erro configura-se-lhe, assim, como uma contingência perene, inevitável e, até, recursiva. A propósito, lembremo-nos do mitológico (e desastroso) vôo de Ícaro, mas também do utópico (e vitorioso) vôo de Gagarin... do ambicioso (e desastroso) vôo da nave Challenger, mas também do inusitado (e vitorioso) vôo da nave Atlantis...

Assim é ele: imperfeito, sim, mas também ousado, corajoso, talentoso, sonhador, realizador... imprevisível! O Homem.

E há tanto ainda a descobrir, a realizar, que este mesmo homem, na dimensão de filósofo, especialmente, tem no seu passado um acervo de conquistas que parecem peças de uma sinfonia inacabada: a Filosofia. O pensamento filosófico é marcado por descobertas rudimentares, descobertas arrojadas, mas sobretudo descobertas sujeitas a possíveis reformulações.

Por isto mesmo, é dever do filósofo (e, certamente, de todo pensador, de todo pesquisador, de todo educador crítico) "estar em contato constante com todos os fatos e todas as experiências, firme em nunca renunciar a seu radicalismo, à procura dos pressupostos e fundamentos da realidade" (Giles, 1979). O compromisso primordial do filósofo não é, pois, com a infalibilidade - não foi distinguido com este dom - mas, com promisso com a Verdade.

De nossa parte, queremos co-participar deste compromisso, ao apresentarmos este estudo: seja ele o retrato de uma experiência real, concreta, com alunos reais, concretos... a Verdade desses alunos, a Verdade dessa professora.

E queremos ainda reafirmar que o educador crítico também muito se assemelha ao filósofo, quanto à sua convicção sobre as suas descobertas: em verdade, naquele momento, está convencido do valor absoluto de suas posições. (...) Seu pensamento sofre as influências das épocas e das filosofias anteriores. Traz em si alguma coisa de efêmero, que o tempo vai levar. (Vancourt, 1964)

É exatamente assim que nos sentimos em relação às descobertas feitas, durante o trabalho realizado com os alunos: estamos conscientes de que as nossas opções, os caminhos escolhidos, tudo está, em princípio, sujeito a avaliações diferentes

tes, futuramente. Tudo está mesmo sujeito à possibilidade, à contingência do "efêmero, que o tempo vai levar..." Mas, antes, como agora, sempre o que nos move é a verdadeira convicção do efetivo valor das nossas posições - fruto do nosso engajamento profissional, humano, existencial mesmo.

Verdadeira convicção: eis um ponto-chave para se acreditar na possibilidade de sucesso de uma idéia...

Reflitamos neste exemplo da filosofia:

"...Husserl (...) esboçou um quadro pessimista da filosofia moderna, de seus conflitos internos, de sua dispersão e de sua ineficácia (...) entretanto, os críticos não se desencorajam diante das deficiências que descobrem (...) esperam, ao menos, fazer melhor que seus predecessores..." (Vancourt, 1964)

Educador, é preciso fazer do fracasso o ponto fênix do renascer...

Este estudo associa-se ao nosso trabalho em turma, numa verdadeira "operação fênix" — rejeitamos a morte da auto-realização do nosso aluno, rejeitamos a morte da auto-realização do professor (!)

E aqui estamos, expondo o nosso descobrimento, o noso conhecimento... apenas chamando a atenção para o fato de que

"...o conhecimento se realiza em múltiplos sujeitos, que têm (cada um) sua visão diferente e parcial das coisas. Em linguagem leibniziana, diríamos que cada mònada reflete o universo à sua maneira." (Vancourt, 1964)

Por outro lado, como "não há ponto de vista universal" (James, in Vancourt, 1964), desejamos que cada olhar dirigido a este estudo reserve-se, pois, o pleno direito a uma visão particular. Passemos, então, ao desdobramento do estudo...

O Homem Pensa: Uma Questão Filosófica...

E eis que em meio ao universo da criação, um ser foi, pois, contemplado com o superior dom da intelectualidade: o homem pensa (!)

Isto é problema ou solução?

Para o pensador "profissional" - o filósofo - pensar, isto é, filosofar "é ter consciência de que tal atividade exige a busca criativa de soluções, como também a busca criativa de problemas" (Giles, 1979).

Os enigmas que se apresentam ao homem são desafios à sua inteligência, reclamam soluções... Mas, a cada enigma, sucede outro, disfarçado em peças soltas de um quebra-cabeça que só os sensores de um bom radar (o filósofo) podem identificar: está em jogo a percepção intelectiva... habilidade só possível ao homem.

E tudo parece mesmo constituir-se num inteligente e constante exercício da atenção:

O eu, o mundo e o outro - é isto o que vemos, mas que, no entanto, precisamos aprender a ver. É este eu, este outro, que a Filosofia procura levar à compreensão e à expressão. É com essa finalidade que o filósofo interroga o mundo e a visão do mundo, seguro de que podemos ver as próprias coisas, desde que abramos os olhos. (Giles, 1979)

Sim: "precisamos aprender a ver" - nós: os filósofos, os educadores... O educador crítico, consciente, engajado, certamente, tem compromissos de filósofo: o pensar a educação, assim como o filosofar,

não se restringe a um colóquio exclusivo e privativo do filósofo com a verdade, numa atitude de quem sobrevoa o universo e a história, como se o filósofo não se encontrasse enraizado na condição humana, que por si mesma é problemática. (Giles, 1979)

Também assim enredado pela sua condição humana, sente-se o educador; e, por conseguinte, não lhe é lícito - como não é ao filósofo - "construir um homem artificial; cumpre-lhe descrever um homem verdadeiro" (Cassirer, 1977).

Parece-nos não haver mais lugar para o filósofo (nem para o educador) isolarse na torre de marfim, numa atitude contemplativa, de mera constatação dos problemas, ou de impulsiva contestação da realidade, apenas... Cremos que o mundo pede mais; certamente, sempre pediu. O próprio Marx, num misto de crítica e exortação, sinalizava: os filósofos

não devem contentar-se em contemplar o mundo: eles devem estudá-lo para transformá-lo. Um humanismo puramente teórico pode tornar-se ópio dos intelectuais e traição do homem, sobretudo dos homens que ainda não conseguiram desfrutar da condição humana. (Nogare, 1985)

E, dentro do princípio maior que deve reger a Filosofia - o compromisso primordial com a Verdade - o que pode, mais verdadeiramente, inspirar as suas investigações, que a própria realidade da existência humana?

Pois, "a filosofia contemporânea tem - como a poesia - sede de realidade vivida, original e originária, concreta, individual" (Vancourt, 1964). E, dentro de tudo o que se compõe como realidade, está o protagonista, o ator, a figura máxima - o ser humano. Há quantos e quantos anos, este se pesquisava, se auto-analisa e tão pouco se conhece... E o que a Filosofia pode fazer por ele?

Parece ser universalmente admitido que a meta mais elevada da indagação filosófica é o conhecimento de si próprio. (...) O conhecimento de si mesmo é a primeira pré-condição da auto-realização. (Cassirer, 1977)

Auto-realização: estamos chegando ao ponto chave, ao fim-princípio que nos mobilizou o tempo todo no trabalho com os alunos - propiciar-lhes o sentimento real da auto-realização, via conhecimento de si mesmos. Todo o nosso esforço foi sempre no sentido de um convívio **humano-pedagógico**, cientes de que, mais que uma crença utópica, os frutos colhidos, diariamente e por tantos anos, reafirmavam a nossa convicção de que

uma doutrina e, sobretudo, uma determinada situação histórica podem ser qualificadas de **humanistas**, só na medida em que, reconhecendo o homem como um ser, de longe superior a todos os outros seres, nele vêem o objetivo e a meta de todas as atividades e de todas as instituições, no sentido de possibilitar-lhe a realização mais plena e perfeita possível de sua **humanidade e personalidade**, isto é, de sua **liberdade**. (Nogare, 1985)

Um desafio!

Pensar o homem... reconhecê-lo como humano... passar da reflexão à ação... é uma tarefa de ser humano para ser humano, que merece o nome de humanismo. Como diz Furter (1979):

O humanismo é uma tarefa, no sentido muito concreto em que devemos criar condições para que qualquer homem possa participar deste movimento. (...) A educação se rá humanista quando os educadores assumirem suas responsabilidades concretas, para que a prática educativa corresponda a este imperativo.

E, quando também poderão "assumir suas responsabilidades concretas" os educadores? Por que não as assumem? Questões a examinar... (num próximo estudo, certamente).

Parece estarmos assistindo a um jogo desumano: homem versus homem... Mas, o homem pensa... filosofa...

E os filósofos, o que propõem?

Um humanismo para salvar o homem do homem... caro reiteria Furter (1979): "O humanismo é a resposta que damos ao

mundo, que é inumano, a um universo que ignora o homem".

Em outras palavras, ousaríamos dizer: urge retirar utopias do mundo do sonho e convertê-las em fatos do mundo real...

Afinal, o homem pensa, o educador pensa... e o educando pensa...

Por tudo isto, e muito mais, acreditamos que, humanisticamente, podemos colaborar para que o homem se encontre como pessoa, como ser humano .. e que comece a fazê-lo já, dentro de uma sala de aula, por exemplo.

Pode parecer utopia, mas nós acreditamos na utopia... como "visão do que pode e deve ser alcançado, de modo a tornar o homem mais feliz, mais racional e mais humano do que tem sido". (Brameld, 1971)

O homem pensa... pensa, descobre e propõe, mas, não raro, muitos não conseguem acompanhar os passos dos pioneiros de uma idéia e, assim, têm sempre um "rótulo" preparado para designar "qualquer construção da imaginação que ultrapassa o aqui e agora, no sentido de fins culturais realizáveis". (Brameld, 1971)

O rótulo?

UTOPIA.

E o homem pensa... filosofa e fica perplexo. E, nesse momento, deve aperceber-se de que

filosofar não significa ficar perplexo por aquilo que não devia provocar perplexidade, nem cultivar a perplexidade por si só, pior ainda, fingir perplexidade. A perplexidade é apenas o início, e não o fim de um pensamento que se quer sério. (Giles, 1979)

Assim é que, em geral, o que nos foge à expectativa, nos faz também ficar perplexos. E, muitas vezes, em lugar de tentarmos desvendar o "mistério" - o diferente - que se nos a presenta, reagimos das mais diversas formas, principalmente estranhamos, rejeitamos, condenamos e... arranjamos logo aquele "rótulo" tão à mão: UTOPIA.

Pode causar-nos perplexidade "qualquer visão do mundo relativa a atitudes, práticas, idéias e instituições que fundamentam uma concepção de cultura considerada **diferente** da predominante". (Brameld, 1971) Utopia!

No entanto, essa concepção "diferente da predominante" deve se constituir apenas no "início" de um novo problema a investigar seriamente - não basta a perplexidade que gera o preconceito, a rejeição, a classificação "a priori" como utopia, com uma conotação negativa.

Consideramos que conseguimos realizar algo de utópico, dada a realidade desanimadora, desestimulante - para alunos e professores - que, principalmente, nestes dez últimos anos, vem-se agravando e se impondo com uma tônica de irreversibilidade que nos assusta. (Cunha & Góes , 1991)

Que educador ainda não o sentiu, não o percebeu?

Pelas auto-avaliações dos alunos, recolhidas nestes últimos dez anos do nosso trabalho, cremos poder (na seção específica) demonstrar quanto de utopia existe em conseguir - a despeito de tanto desencanto e inércia, como forças contrárias à prática educativa - tornar o nosso aluno mais feliz, mais racional, mais humano; propiciar que ele próprio experimente ul

trapassar o seu aqui e agora, ousando e arriscando, com empenho e responsabilidade, desenvolver um trabalho cuja concepção havia de ser - claro - uma concepção "diferente da concepção predominante".

Aliás, alguém já disse "Viver é arriscar-se". E não é?

Arriscamos: fomos semeando, analisando os frutos e aumentando a área plantada...

Permitir, não: propiciar que o humano brote, desabroche, em cada ser-aluno, deve certamente contribuir para um mundo mais humano - mesmo que a nossa sementeira seja pequena, do tamanho de uma sala de aula...

O homem pensa... pensa e realiza!

É assim que vemos a concreta contribuição que um pensar humanista pode e deve dar à causa da educação.

É preciso que, de uma vez por todas, pregue o humanismo quem o pratica: os oradores do discurso vazio já encheram todas as medidas (!)

Urge re-estabelecer uma ética humanista antropocêntrica - de fato - onde o homem seja realmente "a medida de todas as coisas". "A posição humanista é de que nada há de superior ou mais digno do que a existência humana." (Fromm, 1960)

E é especificamente ao Humanismo que dedicaremos a seção seguinte. Passemos a ela.

Humanismo: um desafio para os humanos. Queremos, de antemão, retomar os conceitos Brameldianos de utopia (enfocados na seção anterior), enquanto concepção "diferente da predominante", "construção da imaginação que ultrapassa o aqui e agora", por sentirmos uma íntima afinidade com essas idéias.

Acreditamos, até por vivência própria, que no mundo dos sonhos proliferam utopias que vão ganhando consistência até que se tornam realidades...

A realidade educacional das nossas salas de aula - inserida, cremos, no contexto maior de uma humanidade desumana e desumanizadora - torna-se, cada vez mais, a nosso juízo, um desafio a transformar a simples aula num convívio humano-pedagógico, produtivo, frutífero. Estamos ali igualados, pela humanidade do nosso ser, professor e aluno: suscitar atitudes humanas um ao outro deve se constituir numa reciprocidade, cujo passo inicial precisa ser dado pelo professor - o profissional a quem cabe, até por dever de ofício, compreender empaticamente a sua clientela.

Isto é sem dúvida um exercício mais fácil para uns, e mais difícil para outros.

Às vezes é até facilitado pelo "toque" que a turma dá ao professor: há turmas amistosas que, às vezes, dão o primeiro passo para "quebrar o gelo" trazido, encarnado, por um determinado professor. Feliz aquele que percebe "a deixa" e aceita o convite e se melhora como professor, porque se melhora como ser humano.

Por tudo isto, identificamo-nos muito com Pierre Furter, quando coloca:

O humanismo é uma certa maneira de viver a nossa condição humana. Supõe, portanto, de um lado que se acredite no homem e que não se duvide das suas possibilidades. De um outro lado o humanismo nada tem que ver com um vago otimismo, porque deve ter plena e clara consciência das condições que devem existir para que esta exigência se concretize. (Furter, 1979)

Antes de concretizar os seus ideais, o homem sonha, começa a desejar... (Utopia!)

Afinal como diz a canção popular: "Sonhar não custa nada, ou... quase nada" (Que o diga Galileu Galilei!).

Mas, se bem nos recordamos,
descobrir terras além-mar
já foi utopia...

voar como os pássaros
já foi utopia...

pousar e caminhar na Lua
já foi utopia...

mas...

os grandes navegadores do sonho, talentosamente, corajosamente, transformaram o sonho em realidade.

A verdade é que, neste nosso humano mundo, nem sempre os seres humanos merecem compreensão dos seus "congêneres"...

Parece mesmo que até os sonhadores criativos sempre sofreram, por conta da miopia dos realistas ou céticos - aqueles que se orgulham de terem "os pés no chão"... Pois saibam estes que os sonhadores criativos constituem, por assim dizer, uma categoria especial de humanos: é do seu "delírio" produtivo, do seu potencial imaginário, que surgiram e continuam surgiendo grandes invenções, grandes transformações na humanidade... O telefone celular é uma realidade que começou com o sonho de Graham Bell... O muro de Berlim foi derrubado (!) pelo

sonho de liberdade dos alemães... Portanto, ao que nos parece, quem não merece crédito são os (desprezíveis, diria Nietzsche) "filósofos do impossível"... pois os que, acreditando na utopia, voam do pensamento à ação, merecem muito respeito e - por que não dizer - o reconhecimento de que acompanhá-los não é para qualquer humano comum... basta lembrar Da Vinci (!)

Urge, pois, que cada ser humano seja despertado para a sua vocação, ou natureza, ou essência ou... mas que se consiga "renovar a face da Terra", fazendo com que o homem tenha um mundo melhor, para que o mundo tenha um homem melhor...

Com esta inspiração e determinação, temos conduzido o nosso trabalho pedagógico (humano-pedagógico), acreditando ser até um dever profissional propiciar aos alunos, como propõe Nogare, "a realização mais plena e possível de sua humanidade e personalidade", fazendo com que o melhor de cada um aflore e se manifeste como um caráter dominante. E, assim, como este humanista pressupõe, certamente, um dia

teremos um homem completamente novo, que talvez se distancie dos atuais como o atual se distancia dos primitivos. Há ainda muitas riquezas e potencialidades a descobrir no homem. (Nogare, 1985)

Com efeito, guardadas as devidas proporções, é esta também a nossa expectativa e o nosso objetivo maior, quando, a cada ano, iniciamos o nosso trabalho com os alunos. Ter "um homem completamente novo" um dia, porque hoje ele está iniciando (ou aprofundando) o seu auto-conhecimento, descobrindo "riquezas e potencialidades" que permaneciam incógnitas pelo próprio.

Sem dúvida, o educador que faz opção por esta filosofia

fia de trabalho não pode deixar de considerar Sócrates como um grande mentor. Afinal,

Sócrates transmitiu, antes de tudo, o preceito do oráculo de Delfos: 'Conhece-te a ti mesmo', pelo qual pode ser considerado o iniciador do humanismo ocidental - de que o 'Conhece-te a ti mesmo' se constituía sempre numa pilaster fundamental. (Nogare, 1985)

E, em sua trajetória, o humanismo ocidental passou por Sócrates, Platão, Aristóteles e chegou ao ano zero: nasceu Jesus Cristo... Deus feito homem ou mais um filósofo? O respeito à liberdade de pensamento e de religiosidade permite lidar bem com qualquer das duas respostas.

Os fatos que marcaram a sua passagem na Terra foram registrados nos Evangelhos e

os Evangelhos são a única história da Antigüidade em que pobres e humildes - não como massa, mas como indivíduos, com seu nome e sobrenome - tornam-se protagonistas, ao lado do personagem principal (...) tempos em que os pobres, os escravos, as crianças não valiam nada. Pela primeira vez, na História, todas essas criaturas começaram a ser consideradas e tratadas como pessoas. (Nogare, 1985)

O discurso do Mestre - como era chamado - fazia a multidão pensar, examinar a sua existência, o seu compromisso com o próximo, escolher se atirava ou não a primeira pedra na prostituta, escolher entre os bens materiais e o amor aos pobres e a Deus, como no caso do jovem rico - que pensou muito e escolheu a riqueza...

Devia incomodar os poderosos, quando recomendava que se desse a César o que era de César, bem como que quem tivesse duas túnicas desse uma a quem não tinha nenhuma.

Assim Cristo colocou as bases de uma civilização e sociedade verdadeiramente humanas. (...) É só pelo amor que se realiza a justiça: dar a cada um o que é seu. (Nogare, 1985)

Uma nova ética estava sendo proposta, não imposta:
escolher - decisão interior do homem.

O Cristianismo traz a conscientização de que à liberdade corresponde o senso de responsabilidade: "Tudo o que fizeres a um dos meus irmãos mais humildes, a mim o tereis feito". (J. Cristo)

Portanto, como bem pondera Nogare (1985): "Se o Cristianismo não conseguiu ainda formar uma sociedade humana, não é porque o preceito falhou, mas porque falhou a observância do preceito".

Plenamente, de acordo.

O verdadeiro sintetizador do Cristianismo, dentro do pensamento filosófico, é Tomás de Aquino. (...) Para ele, o distintivo fundamental da pessoa é ser racional, intelectual. Onde não há luz de inteligência, não há dignidade de pessoa. O animal não é pessoa e, tanto menos, a planta e a pedra. (Nogare, 1985)

Contudo, o homem no Cristianismo tem uma dimensão, uma dignidade, que lhe é emprestada pelo seu Criador. É uma personalidade delegada, transmitida.

Mas, o tempo passaria... idéias se sucederiam, século após século... e o homem, já no século XV, experiencia momentos de auto-convencimento de que ele não é só aquilo que se vê, mas tudo quanto puder experimentar, descobrir, ousar ... (Nogare, 1985). É tempo de Renascença!

E o homem - aquele ser dependente do Criador - descobre-se em sua dignidade de ser "a única criatura liberta de natureza determinante (...) projeto de si mesmo" - palavras de Pico della Mirandola. (in Nogare, 1985)

Sente-se criador também!

É um Humanismo que diviniza o homem, um antropocen-

trismo exacerbado.

A Renascença é uma poderosa afirmação (...) de humanismo e de imanentismo, o que é manifestado pelo seu individualismo, (...) pelo seu ardente interesse pelo mundo a conquistar, dominar, gozar com meios humanos; pelo seu naturalismo que diviniza o homem material.

(Padovani & Castagnola, 1978)

A Renascença provia, então, o homem de uma força, cujo potencial total era impossível, à época, aquilatar.

Assim,

o início do Humanismo e da Renascença é rico de todos os germes que se desenvolverão no sucessivo período moderno, imanentista, em que se poderá claramente conhecer a árvore pelos frutos. (Padovani & Castagnola, 1978)

E os frutos foram variados: dentre os bons, podemos destacar a positiva influência para a cultura ocidental e a auto-afirmação do homem, até certo ponto. Em contrapartida, houve frutos tardios que viriam a se revelar maduros (e perigosos), bem mais tarde:

aos poucos, o homem se exaltou tanto, que se convenceu de ser ele criador de Deus e não o contrário; (...) Foi outra revolução copernicana, iniciada por Feuerbach, continuada e revigorada por Marx e Nietzsche e propalada hoje como a última palavra da ciência. (Nogare, 1985)

Essa auto-mitificação do homem acabou por lhe trazer consequências desastrosas, pelo excesso com que se verificou. A propósito, detenhamo-nos um pouco, examinando alguns pontos aludidos no parágrafo anterior.

A Ciência: estranho fascínio exerce a Ciência sobre o espírito humano. Desafiadora, estimulante, fonte inesgotável de surpresas - perigosa - já inspirou autores como Aldous Huxley que, em seu "Admirável Mundo Novo", alerta ficcionalmente sobre o poder das ousadas e manipuláveis descobertas ci

entíficas. Por sinal, falta bem pouco das profecias de Huxley a se tornar realidade escancarada, nos dias atuais...

Nietzsche: teriam suas idéias ajudado a construir o muro de Berlim, um dos primeiros, radicais e inescrupulosos passos para transformar a Alemanha num "viveiro" de super-homens? Quantos "fracos" foram dizimados...

Então, repetimo-nos estas indagações de Pascal:

Que quimera é, portanto o homem? Que novidade, que monstro, que caos, que motivo de contradição, que prodígio? Juiz de todas as coisas, imbecil verme, depositário da Verdade (...) glória e repulsa do universo. (indel Valle, 1975)

- Eu tenho a força!
- Grande Nietzsche!

Como poderias ter sido maior...

E, quanto a Marx, parece que "o sonho acabou" (!) - ou a deturpação acabou com o sonho...

O marxismo na prática - pelo menos até agora - se comportou desumanamente: matanças em massa, assassinatos políticos, trabalhos forçados, campos de concentração, prisões, lavagens cerebrais, espionagem, recusas das mais elementares liberdades de consciência, expressão, movimento... (Nogare, 1985)

Que o digam os Soljenitsine, os Sakharov...

Mas, se a exacerbada auto-confiança do homem da Renascença teve, a longo prazo, efeitos colaterais negativos, também podemos separar os bons frutos que essa árvore foi capaz de produzir. É preciso saber olhar o outro lado da moeda. Analisemos...

Quanto ao insaciável desejo de tudo pesquisar, de tudo conhecer, de tudo desvendar, foi assim que se despertou e desenvolveu na Renascença "o interesse pela natureza, pela observação objetiva, pela pesquisa experimental (...) - as se-

mentes do ressurgimento das ciências experimentais modernas".
 (Nogare, 1985)

No tocante ao culto das potencialidades do homem, levado às raias da loucura por Nietzsche, em algum ponto há que se concordar com sua exortação à prospecção, à auto-exploração, à auto-descoberta das potencialidades latentes no homem e que, uma vez "detonadas", podem transformar homens fracos, (desprezíveis, para Nietzsche), homens comuns, em super-homens. (Quantas vezes, alguém que se julga fraco, se subestima, se sente mesmo desprezível, não é fato?)

E, finalmente, analisando a malefica e persistente exploração do homem pelo homem, que gera as Somálias do mundo e suas promissoras sucursais brasileiras, como negar a validade de alguns dos pressupostos de Marx, como:

o primeiro pressuposto de toda história humana é naturalmente a existência de indivíduos **humanos vivos**.

(...) para viver, é preciso, antes de tudo, comer, beber, ter habitação, vestir-se e algumas coisas mais ...

(Marx, 1989)

Como contestar que o homem tem **necessidades materiais**?

Por outro lado, se é vital assegurar a sobrevivência da "matéria", não menos vital é garantir a sobrevivência do "espírito"... se a "matéria" se alimenta de comida, o "espírito" se nutre de liberdade: liberdade de pensamento, liberdade de escolha, liberdade de expressão... LIBERDADE (!)

A auto-expressão é fundamental, e o bem-estar de outros, apesar de importante, está necessariamente subordinado à relação da pessoa com sua própria existência. (O'Neil, 1974)

Em que pese, pois, o homem ser definido como um ser

social, a sociedade, a coletividade não vive a sua vida por ele: viver é uma tarefa individual, pessoal, intransferível...

Portanto, cada qual precisa descobrir nos viventes os temas que hão de inspirar a sua vida e viver esta vida por si mesmo: **não se vive por procuração**. O **existencialismo** salientou muito bem estas idéias que, em bora um pouco esquecidas, não passam, em suma, de verdades do senso comum. (Foulquié, 1975)

Natural: sentir a vida - queimando ou acariciando a pele - é uma Verdade ao alcance de todos, perceptível a qualquer pessoa comum, em pleno gozo de suas faculdades mentais... (não precisa ser filósofo!)

Até uma criança alcança "verdades do senso comum"... principalmente, se for uma daquelas da Praça da Sé, evadidas da FEBEM, certamente é capaz de saber o que significa "estar-no-mundo", "condenado a ser livre", "entre o naufrágio e a salvação" ... sem nunca ter lido Heidegger, Sartre ou Jaspers(!)

Por outro lado, quantos ricos, milionários, não cheiram "cola de sapateiro", mas recorrem às drogas, igualmente, ou ao divã do psicanalista, por estarem com **problemas existenciais...** (?)

O que o Existencialismo faz é registrar as contingências humanas - das quais só escapam, pois, os não humanos.

Assim, pela forma como sempre sentimos e conduzimos o nosso trabalho com os alunos, nos identificamos com o pensamento filosófico do Existencialismo - esta espécie de "Filosofia ao alcance de todos".

É, pois, chegado o momento de passarmos ao enfoque do Existencialismo. Vamos a ele.

Existencialismo: o Ser em liberdade. Dedicamos toda a seção anterior ao Humanismo, como corrente filosófica que especula o humano ser — o homem.

E, como bem registra Nogare (1985),

culturalmente, somos filhos dos gregos e o nosso humanismo é modelado pelo deles. O povo grego é um povo filósofo por excelência. É também um povo eminentemente artista. (...) A obra de arte que eles ansiaram produzir foi o homem...

O homem foi o grande centro das preocupações de Sócrates que, com a exortação "Conhece-te a ti mesmo", conscientizava os seus discípulos (e a quem mais o ouvia) sobre a importância do auto-conhecimento.

É através do auto-conhecimento que o ser humano toma consciência de si, das suas potencialidades e fragilidades, das possibilidades e limites, com que, inevitavelmente, terá de conviver ao longo de sua existência. Conhecer-se, saber que "equipamentos" pessoais possui, para que possa sobreviver às dificuldades existenciais, consciente de que, conforme A. Crippa coloca:

A existência é um dom e uma responsabilidade. Sua trajetória é descrita individualmente e, pelo seu desfecho, ninguém — senão o próprio existente — pode responder. (...) Aceitar o dom é enfrentar o risco. A inseguurança radical confere grandeza ao empenho de cada homem na realização de si mesmo. (A.Crippa in del Valle, 1975)

E acrescentaríamos: e propiciar que seus alunos cheguem à realização de si mesmos confere grandeza ao professor. Levar os alunos a exercitarem o auto-conhecimento como um

trabalho de compreensão, pelo qual tentamos penetrar os segredos de nosso ser — pois nosso conhecimento empenha-nos totalmente com tudo o que somos — não é obra de especulação pura. (Vancourt, 1964)

Os segredos do nosso ser: "com efeito, a existência não é um estado, mas um ato, a própria passagem da possibilidade de à realidade." (Foulquié, 1975)

Passar da possibilidade à realidade implica auto-determinação, escolha. Para J.P.Sartre, como para Jaspers e para Heidegger, só existe autenticamente aquele que "se escolhe" livremente, que se faz por si mesmo, que é sua própria obra". (Foulquié, 1975)

Nisto o homem se distingue primordialmente dos demais seres: o cão, a planta, a pedra não decidem de seu futuro - não exercitam a liberdade de escolha.

A prerrogativa do uso da liberdade define a existência humana: ser em liberdade é privilégio, é desafio, é contingência.

Bloquear esse exercício da liberdade é desrespeitar a intimidade, o direito inerente ao existente humano de — nascido em liberdade — viver em liberdade.

A propósito, a questão da liberdade (o homem é / não é livre) parece ser tão polêmica quanto antiga. O próprio Kant assim ponderava: "Considerando a cadeia inquebrantável dos acontecimentos naturais, consideramos a liberdade a ser nada menos que uma ilusão." (Kant, in Giles, 1979)

E o próprio Sartre reconhece que

o homem é apenas uma situação, condicionado por sua classe, seu salário (...) condicionado até em seus sentimentos; até em seus pensamentos (...) mas é ele quem, livremente, dá ao proletariado um porvir de humilhação sem trégua ou de conquista e vitória, conforme ele se escolher resignado ou revolucionário. (Sartre, in Foulquié, 1975)

É, pois, da atitude interior, pessoal, do homem, face a face consigo mesmo, que Sartre cobra que seja livre: é na sua disposição para a luta que o homem se revela covarde ou héroi - os seus atos são a prova exterior da sua determinação interior.

E Sartre, em "Temps modernes", esclarece

Nosso intuito é concorrer para produzir certas mudanças na Sociedade que nos cerca... Formamos ao lado dos que desejam modificar ao mesmo tempo a condição social do homem e a concepção que este tem de si próprio. (Sartre, in Foulquié, 1975)

Pois, neste sentido ousamos dizer - nós foramamos ao lado de Sartre: procuramos levar o aluno à auto-conscientização de que ele como indivíduo só conhacerá o alcance de suas possibilidades, subjetivamente, pela sua auto-determinação, pela sua ação, pelo que ousar ser, por si, para si e para a sociedade que o cerca.

Por tudo isto, Sartre insiste:

...a existência precede a essência (...) o homem não é mais que o que ele faz. Tal é o primeiro princípio do Existencialismo. É também a isso que se chama subjetividade, e o que nos censuram sob este mesmo nome. Mas, que queremos dizer nós com isso, senão que o homem tem uma dignidade maior do que uma pedra ou uma mesa?

Sim: uma pedra ou uma mesa... não será a (quase) isto que se sente reduzido o aluno, quando o professor não reconhece nele um ser pensante e livre, ao invés de um ser (apenas) de memória e prisioneiro... de seu mestre.

E assim (de)formado, assim induzido, "coisificado", que concepção o aluno, em geral, acaba tendo de si próprio?

Em verdade é esta a nossa grande preocupação: subjacente a toda atividade realizada pelo aluno está a viabilidade

do auto-conhecimento.

É neste espaço, que a língua portuguesa se torna um (belo) pretexto para o exercício do ser em liberdade.

Mas... a liberdade tem um preço: isto confirmamos nos depoimentos dos alunos... Ao se sentirem em liberdade, diante da folha de papel em branco, podendo exercitar

a liberdade de pensamento,
a liberdade de escolha,
a liberdade de ação,
a liberdade de expressão,

os alunos experimentam, de alguma forma, uma espécie de angústia... e o que suas palavras revelam, confirma que, realmente, "a angústia se aninha constantemente no coração do homem. Se existir é escolher, existir é sofrer angústia." (Nogare, 1985)

Incrível semelhança: ali estão "condenados a serem livres... sós e sem desculpas... responsáveis por tudo quando fizerem..."

A sala de aula propicia ao aluno conhecer-se noutra dimensão — "o plano do ser (...) o plano da subjetividade, da intimidade, daquelas experiências pessoais e indizíveis em que o homem se reencontra a si mesmo, vive sua existência autêntica, realiza suas potencialidades." (G. Marcel in Nogare, 1985)

Na seção apropriada, faremos a correlação de alguns destes pressupostos com os depoimentos dos alunos.

A propósito, lendo e analisando tais depoimentos, reflexo dos acontecimentos de sala de aula, podemos perceber durante a escolha, a concepção e execução dos trabalhos, a evidência do engajamento do aluno — dos alunos na sua quase total

lidade — de modo que esse engajamento de cada um contribui para a **imagem** que fazemos dos alunos em geral: a melhor possível...

E, então, compreendemos e endossamos as palavras de Sartre: "Assim, sou responsável por mim e por todos, e crio uma certa **imagem** do homem que escolhi; escolhendo-me, escolho o homem." (Sartre, in Nogare, 1985)

É como dizermos: o mau profissional compromete, negativamente, a **imagem** de sua classe... como, ao contrário, o que escolhe ser bom profissional, escolhe dignificar o profissional da sua classe...

Assim, a **imagem** que eu tenho dos alunos com quem venho realizando trabalhos, nestes mais de vinte e seis anos de magistério, até hoje, é a melhor possível, no seu conjunto — o que fortalece em nós a convicção de que o professor, sabendo provocar o seu aluno, sensibilizá-lo, envolvê-lo em tarefas que o atinjam na sua **subjetividade**, esta é (via de regra) resposta positiva, produtiva.

Pois, como afirma Kierkegaard, existencialista pioneiro: "A subjetividade é a verdade (...) eu só conheço a verdade quando ela se torna vida em mim." (Foulquié, 1975)

E o que mais temos constatado ao longo destes anos de trabalho é que os alunos deixam patente, nos depoimentos, como uma tônica, a auto-superação das limitações, através da criação dos trabalhos, e da recriação de si mesmo... "o privilégio criador da pessoa: para esta, existir é fazer-se, ao se ultrapassar." (G. Marcel, in Foulquié, 1975)

É isto que, de um modo geral, não acontece nas aulas, em que ao aluno não é sequer permitido, quanto mais propicia-
do, vivenciar atos de liberdade.

Sobre essa privação do exercício de ser em liberdade, Louis Lavelle adverte: "a existência reside no exercício de um ato de liberdade que, quando não se produz, reduz o nosso ser ao estado de coisa." (Lavelle, in Foulquié, 1975).

Como já colocamos: coisificação do ser, confundido com uma pedra... uma mesa... ou...

Apreciamos a veemência com que Sartre insiste nesta questão-chave da doutrina que defende:

O homem é, antes de mais nada, um projeto que se vive, subjetivamente em vez de ser um creme, qualquer coisa podre ou uma couve-flor; (...) o homem será, antes de mais, o que tiver projetado ser." (Sartre, s.d.)

Se faz uma poesia, o aluno se faz poeta... se escreve um livro, o aluno se faz escritor...

E o professor, quando ser em liberdade, o que faz...?

Dentro de uma mesma realidade educacional, encontramos as mais diversas atitudes docentes... níveis diferentes de engajamento profissional... níveis diferentes de "compromisso político" com a educação, por parte das cúpulas... mas, o que permeia igualmente a todos os envolvidos no sistema educacional é a humana existência - traço distintivo irrefutável, incon-
testável... afinal, não temos (ainda) nenhum robô atuando na e
ducação, quer seja nas bases, quer seja nas cúpulas...

E ser educador é, sem dúvida, ser mais que uma pedra, mais que uma mesa... (ou não?); e, assim, no efetivo uso de suas prerrogativas existenciais, o educador decide, o educador

escolhe... (qualquer que seja o seu nível de atuação).

Com efeito, não há dos nossos atos - um sequer - que, ao criar o homem que desejamos ser, não crie ao mesmo tempo uma imagem do homem como julgamos ser. (Sartre, s.d.)

Consideremos, pois, que todo o sistema educacional é movimentado por pessoas: antes de ser professor, pesquisador, diretor, secretário ou ministro da educação, é-se pessoa, ser humano, "existente"... e o aluno ("existente" também) está lá na frente, na ponta, de certo modo sujeito às consequências dos "atos de liberdade" de todas essas pessoas.

Portanto, reflitamos todos, como educadores, nestas considerações de Sartre (s.d.):

...o homem é responsável por aquilo que é. Assim, o primeiro esforço do existencialismo é o de pôr todo homem no domínio do que ele é, e o de lhe atribuir a total responsabilidade da sua existência.

Discutível, força-nos a reflexão.

A propósito, certa vez, Sartre, participando de uma conferência-entrevista para esclarecer suas teses existencialistas, iniciou o seu discurso, questionando:

Acaso, no fundo, o que amedronta, na doutrina que vou tentar expor-vos, não é o fato de ela deixar uma possibilidade de escolha ao homem. (Sartre, s.d.)

Naturalmente, o existencialismo - tão polemizado - está aí exposto à crítica bem fundada, bem intencionada, comprometida com a busca da Verdade, como também não consegue escapar às críticas do modismo, que inconseqüentemente tanto tentam eleger, quanto destronar filosofias, ideologias, doutrinas... E, sob esta influência, há até os "filósofos amadores" que contestam uma doutrina, sem a terem estudado profundamente... falta a estes contestadores base de conhecimento, compe-

tência, para a crítica.

Inscrita nesse contexto, está uma prática político-administrativa muito em moda nesta nossa terra: o novo governo (federal, estadual ou municipal), ao assumir, trata de condenar a filosofia de educação implantada, e de impor uma outra, pondo por terra qualquer possibilidade de continuidade dos aspectos positivos do trabalho da gestão anterior. Parecem esquecer que estão lidando com pessoas, com um grande universo de "existências humanas"...

Pela nossa experiência de vida, pela nossa experiência profissional, podemos avaliar quanto a educação se constitui num problema existencial seríssimo, sempre que contribui para frustrar o projeto de vida de tantos professores, de tantos alunos... principalmente.

E, por tantas razões, cada vez mais, nos convencemos das estreitas ligações entre existencialismo e educação.

E, revisitando Foulquié (1975), convencemo-nos efetivamente da afinidade do **nossa trabalho - nossa afinidade** - com o **existencialismo**:

Com este agudo sentimento de fazer-se a si mesmo e fazer o mundo, o pensador existencialista não pode remanescer no estado de especulação desinteressada e do dilettantismo: ele vive o seu pensamento.

E mais: quando esse pensador é um educador, comprometido com a sua causa, já incluiu a causa dos seus alunos no cerne do seu pessoal compromisso... que este estudo possa evidenciar este envolvimento.

A nossa intuição falou antes... a pesquisa da literatura veio, posteriormente, e só fez confirmar o nosso sentimento

sobre que espécie de filosofia inspirava os nossos passos de "existente" - professor, responsável por tantos "existentes - alunos... neste mundo tão impessoal, tão racional..."

E em Padoveni & Castagnola (1978) encontramos uma explicação que, de certo modo, justifica a nossa afinidade com o existencialismo. Com efeito, apesar das críticas, o fato é que

O existencialismo tomou uma voga tão extraordinária em nossos dias, que não é possível silenciá-lo numa história da filosofia. (...) Certamente o existencialismo moderno surge e se afirma filosoficamente como crítica ao racionalismo moderno. (Padovani & Castagnola, 1978)

Assim, trabalhando com o real - o nosso aluno de carne e osso, nada "burguês decadente", mas emergente das "classes populares" - encontramos, em Gabriel Marcel, uma declaração que gostaríamos de subscrever:

De minha parte, eu estaria inclinado a negar a qualidade propriamente filosófica a toda obra onde não se consegue discernir isto que chamarei a mordedura do real. (Foulquié, 1975)

E "a mordedura do real" nos faz tomar uma franca posição de fazer alguma coisa por estes alunos, por esta escola, que justifique o nosso "estar-no-mundo" **vivamente**, pois como bem analisa Artur Alonso (1986): "Nunca, em seus milênios de história, se viu a humanidade imune de tais surtos epidêmicos, que desfibraram o indivíduo e anemiam as instituições".

E é nesse contexto de anulação, de desencanto do ser humano, que vemos professores e alunos sentindo-se "jogados no mundo" - não por serem ateus, necessariamente - mas por se conscientizarem de que "ninguém faz nada para resolver o seu problema".... Realmente!

Mas será que a **minha** "existência" deve ser solucionada

da pelo outro "existente"? Reflitamos...

Enquanto o animal vem definido, o homem vem apenas bosc
quejado. (...) Como é um ser que vive sempre em caminh
nho, com uma indeterminação ilimitada, nunca pode go
zar da comodidade animal de se fixar e emparedar - se.
Por sua consciência, por sua interioridade objetiva es
tá permanentemente aberto ao ser. Vive em circunstânc
cia, mas não é, como o animal, um escravo do seu con
torno. (del Valle, 1975)

Mas este homem que aí está - impotente, incapaz, na p
le de aluno, de professor, ou... está ligado a um "dado primi
tivo" altamente significativo, assim sinalizado por Ortega y
Gasset:

O dado primitivo não são as "coisas sem o eu", nem "o
eu sem as coisas"; na encruzilhada das duas coisas es
tá a vida, individual, concreta, que é essencialmente
atividade, espontaneidade: eu sou eu e minhas circuns
tâncias. (in Padovani & Castagnola, 1978)

O nosso trabalho sempre (pre)sentiu que, em cada ser
humano/aluno, estava a fonte de auto-realização para ele, por
extensão, para o professor... era preciso, apenas, criar condi
ções para sair da crise, para sair do marasmo da educação (Soa
res, 1972) que não deixa de representar perigo de contaminação
para nenhum de nós ... por mais responsável, todo professor é,
na sua origem, ser humano... sujeito às fragilidades da exis
tência...

É preciso tornar a educação da sala de aula personali
zada e personalizadora... inspirar-se no personalismo — filão
do existencialismo — pode ser, de fato, mais um caminho
que nos conscientize a todos de que é possível "furar o cerco"
do chamado "sistema"... Eis a proposta do personalista Mounier:

O personalismo é uma filosofia... não é um sistema(...) sendo a existência de pessoas livres e criadoras, a sua afirmação central, introduz no centro destas estrutu

ras um princípio de imprevisibilidade que afasta qualquer desejo de sistematização definitiva. (Nogare, 1985)

Não se confunda a proposta de Mounier com ênfase ou incentivo ao "individualismo", mas como uma determinação de afirmar o primado da **pessoa** contra qualquer tentativa de induzi-la a ser parte de uma **massa** (ou **classe**) que, **revolucionária** ou **alienada** (Nogare, 1985), continua sendo **massa** e não uma comunidade, conjunto de **pessoas**... com corpo, alma, sentimentos... (Afinal, não é obrigatório ser ateu, não é mesmo?)

O existencialismo assemelha-se, a nosso ver, àquela espécie de árvore que, a despeito de uma aparência de fragilidade, mantém-se firme... seu segredo? Raízes profundas (!)

É Foulquié (1975) que nos informa:

Se obedecêssemos à ordem histórica, deveríamos abordar, de início, o existencialismo religioso, pois este é bem mais antigo: Kierkegaard, não sem razão, o faz remontar a Sócrates.

E März (1987) nos conduz a Pascal, lembrando que a radicalidade com que este brilhante cientista — cientista! — "analisa os aspectos **existenciais** da solidão e do tédio da vida, da angústia e do desespero, **caracteriza-o** muito antes de Kierkegaard, Heidegger e Sartre, como filósofo da existência".

Pascal, homem da ciência, do racional, não esqueceu do instrumental que pode representar a intuição para a experiência introspectiva do homem reconhecido como ser mais que racional, nestas suas palavras: "O coração tem suas razões que a razão não conhece".

Este seu tributo à intuição, como meio de se chegar ao conhecimento (inclusive ao auto-conhecimento da dimensão metafísica do homem), pode ser encontrado à disposição do grande pú-

blico na corruptela - até aceitável - da versão popular de "o coração tem razões que a própria razão desconhece..."

Pascal reúne, em sua curta trajetória existencial — morreu aos 39 anos — momentos que bem ilustram as teses de Jaspers, existencialista cristão, e de Heidegger, existencialista ateu, no que estes frisam o efêmero da vida, o inevitável "ser-para-a-morte" em que se presumirá o "estar-no-mundo" de todo homem, ao cabo da existência: "Tudo o que sei é que morrei em breve; mas o que conheço menos é a própria morte, que não saberei evitar..." (Pascal, in März, 1987)

E, com relação a Jaspers, especificamente, vemos três momentos de convergência entre os registros do filósofo com as decisões do cientista diante de questões que lhe eram vitais:

Como cientista renomado, Pascal teria todos os motivos para compartilhar o orgulho da sua época sobre a grandeza do homem. Mas, não lhe é mais possível viver esse otimismo científico e humanístico. (...) toma consciência da sua própria condição de perdido e se espanta à respeito de si mesmo: sobre sua ignorância e solidão. (...) Retira-se ao convento (...), onde afastado do mundo e sua agitação, começa a trabalhar numa apologia do cristianismo. (März, 1987)

Resumindo: relegar as conquistas e envolvimentos do mundo humano/material a segundo plano (decisão difícil!), elegendo, assim, o mundo humano/espiritual-transcendental como prioridade um para uma auto-conversão realizadora.

Para Jaspers,

...desde o primeiro momento, o indivíduo humano não faz questão do mundo, e sim de si mesmo, da sua interioridade, da sua existência. (...) segundo momento: o indivíduo emerge da objetividade - existe, é consciente de si mesmo (...) o eu representa o centro do ser (...) Batemos contra o limite, sofremos uma derrota, naufragamos. (...) terceiro momento: apercebemos o encontro de nossa existência naufragante com Deus; (...) não deve

mos **crer** em Deus, mas "sentirmo-nos" em face de Deus. Viver significa existir, isto é, viver os limites, as lutas e as contradições da nossa vida. (Padovani e Castagnola, 1978)

E Giles (1979) complementa:

A consciência moral exige que a pessoa saia da passividade para ir ao encontro do "Acontecimento" que desemboque na pluralidade dos possíveis que a torne autêntica pela decisão; (...) o poder de auto-realizar-se pela liberdade e na liberdade vai além do constrangimento intelectual. (...) O que pode ser naufrágio pode também ser o caminho que leva à **existência**. Sem a ameaça do desespero possível, não há liberdade.

E foi o que Pascal tão somente fez: com risco e audácia, seguiu o que "o seu coração" mandava... foi autêntico (!) É preciso coragem para "se passar à existência autêntica", como postula Heidegger. (Padovani & Castagnola, 1978)

E quem não conhece a história daqueles três fidalgos que renunciaram aos bens materiais, à pompa e à riqueza, para seguirem sua vocação autêntica: Nóbrega, Anchieta e Francisco (de Assis) ...?

É... a existência está tão colada ao homem como as duas páginas de uma mesma folha... por isto, não vemos, sinceramente, como separar a vida, a **existência**, da filosofia **existencialista**: é uma convicção pessoal.

E, na seção seguinte, vamos ver como muitas das teses do existencialismo são, rudimentarmente, intuídas pelos alunos: crianças e jovens que, por certo, nunca travaram contato com tal literatura, muito além de seus níveis de escolaridade. (Aguardarei os resultados na próxima seção).

Gostaríamos de retomar a questão da **liberdade**; mais especificamente nos dois sentidos que comporta a proposital ambigüidade da expressão: "ser em liberdade".

Tomemos, primeiramente, a forma "ser em liberdade", no sentido de existir em liberdade, viver em liberdade - ou seja, sem algo ou alguém que nos impeça de agirmos conforme nos sos mais naturais e lícitos anseios. Isto é: a liberdade de escolha, como um elementar direito do ser humano, como prevê a própria Declaração Universal dos Direitos Humanos: "Todo homem tem direito à liberdade de pensamento e expressão".

Este é, pois, um dos princípios que elegemos para conduzir o nosso trabalho com os alunos: reconhecer-lhes tal direito e, então, fazer do estudo da língua portuguesa um pretexto para o exercício da liberdade. Aqui, pois, o direito de ser livre é um momento de afirmação democrática: o exercício do ser em liberdade, uma face do exercício da cidadania, importante para a formação do aluno.

A outra forma, no sentido de "ser em liberdade", refere-se às implicações que as exigências externas ao homem criam de conflito, de angústia para ele, a cada escolha que se vê obrigado a fazer e... a assumir a responsabilidade de cada ato de liberdade, situação geralmente desconfortável em que é colocado.

Naturalmente, estamos aqui nos referindo às questões existenciais complexas de que fala Sartre (não da angústia de escolher entre maçã ou sorvete, para a sobremesa...)

E, quanto a este sentido do exercício do ser em liberdade (*ser, em liberdade*) já o exploramos no início da seção.

Assim, o queremos alcançar com esta forma, é fazer das aulas de língua portuguesa uma oportunidade para o aluno exercer

citar os deveres, as responsabilidades a que corresponde o direito à liberdade. Igualmente um momento de exercitar a cidadania: a democracia pressupõe liberdade com responsabilidade.

Portanto, levamos o aluno, sistematicamente, a pensar bem antes de escolher, livremente, o trabalho que deseja fazer, bem como a pensar bem o **como fazê-lo...**

A folha em branco é o eterno desafio que se repete a cada nova aula que, intencionalmente, se torna um pretexto para o exercício do ser em liberdade... em toda a sua plenitude.

E é no caminho que cada aula se transforma, que vamos acompanhando, em nossos alunos, o progresso que conquistam, em termos de auto-iniciativa, auto-liberação, auto-libertação, auto-afirmação, elevação do nível de auto-estima, de auto-confiança: de auto-conhecimento, enfim...

As atividades, intencionalmente, ecléticas (quer seja por opções variadas que o aluno tem, quando a proposta parte exclusivamente dele, quer seja pelas propostas variadas colocadas por nós), visam a propiciar o exercício da escolha — livre e responsável — para que o aluno se aperceba e se conscientize de que "...o projeto **livre** é fundamental porque ele é o meu ser". (Sartre, s.d.)

Nesse ecletismo das atividades que, basicamente partem do texto (lido) e voltam ao texto (construído pelo aluno), estão as atividades que se destinam, mais especificamente, a levar o aluno a ensaiar os seus primeiros passos na reflexão sobre o homem, o mundo, eu e o mundo: uma forma de **iniciá-lo** na arte de **filosofar...** Próxima seção: "Alunos ou... Filósofos?

Alunos ou... Filósofos?

1. Márcio Mantovani & Wittgenstein

Aluno:

As batalhas

Às vezes, quando não tenho nada para fazer, e, quando estou sozinho, em silêncio, eu mergulho no profundo mundo que, além de mim e de Deus, é desconhecido por todos: o mundo da minha imaginação. Eu, na imaginação, vejo violentas batalhas interplanetárias, cães de guerra armados a laser, e, por infelicidade de todos, essas guerras não demorarão a acontecer, porque o homem avança a passos de gigante na tecnologia.

(Márcio Mantovani - T.601)

Filósofo:

Os limites da minha linguagem significam os limites do meu mundo.
(Wittgenstein, in Giles, 1979)

2. Flávia & Sartre

Aluna:

O homem é livre, sim, mais como um prêmio, porque a liberdade é um ato de viver... sem ela, o homem não iria se sentir nem humano, porque não poderia "falar alto", quer dizer, com autoridade.

Na aula de hoje, eu estava um pouquinho inspirada, então, em aprender que cada homem (ou ser humano) não deve dar nunca o braço a torcer, porque se todos nós decidíssemos por alguma coisa de melhor para o mundo, todos nós, com certeza, viveríamos bem mais felizes.

(Flávia - T.704)

Filósofo:

O homem é, antes de mais nada, um projeto que se vive subjetivamente, em vez de ser um creme, qualquer coisa podre ou uma couve-flor (...) o homem será, antes de mais, o que tiver projetado ser.

(Sartre, s.d.)

3. Carlos & Hegel

Aluno:

Tem horas que eu fico parado só pensando: (...) Quem seria eu, ou quem sou eu: E.T., ser ou um algo?

R.: eu sou um ser.

(Carlos Lacerda - T.601)

Filósofo:

O Ser é a realidade mais abstrata (...) Ser uma casa, ser azul, ser honesto - ser todas essas coisas é ser algo...

(Hegel, in Giles, 1979)

4. Silvio Sérgio & Basave del Valle

Aluno:

O homem é um ser-enigma, ninguém o conhece ...

(Silvio Sérgio - T.702)

Filósofo:

Tenho consciência da unidade da minha vida, não obstante, sou mistério para mim mesmo...

(del Valle, 1975)

5. Sérgio Roberto & Jaspers**Aluno:**

O homem é um ser-máquina, mas uma máquina viva (...) após um certo tempo ele não tem mais energia, e aos poucos vai se gastando, até que de repente um sono lhe surpreende... um sono o desperta para renascer...

(Sérgio Roberto - T.602)

Filósofo:

A existência é esclarecida em face da transcendência. (Jaspers)

(in Padovani & Castagnola, 1978)

6. Izabel Cristina & Heidegger**Aluna:**

Se o mundo é belo, vamos viver com bastante vontade, porque não sabemos quando vamos morrer e nem a hora...

(Izabel Cristina - T.701)

Filósofo:

... descobre-se que estar-no-mundo equivale a estar-no-tempo, isto é, ser-para-a-morte...

(Heidegger, in Padovani & Castagnola, 1978)

7. Denilson & Sartre

Aluno:

PIC...

liberdade de escolha... liberdade de caminhar com os seus próprios pés e descobrir os seus próprios caminhos...

(Denilson - T.802)

Filósofo:

Eu sou um homem, Júpiter, e cada homem deve descobrir o seu caminho...

(Sartre, s.d.)

8. Antônio, Ana Lúcia & Platão

Aluno:

O mundo é uma ilusão: não sabemos como surgiu... sabemos, sim, de algumas coisas porque lemos nos livros, mas nada prova o seu surgimento.

(Antônio - T.803)

Aluna:

Será que isso tudo é um sonho, que um dia eu vou acordar para a realidade e vou ver que nada disso é verdade... que é tudo da minha imaginação?

(Ana Lúcia - T.803)

Filósofo:

A dialética nos revela a profunda oposição que existe entre o sensorial e a verdadeira realidade.

(Platão, in Giles, 1979)

9. Oswaldo & Nietzsche

Aluno:

O mundo é um sonho que podia ser realidade (...) uma máquina o está destruindo (...) Essa máquina, o homem, é capaz de terríveis coisas que ele nem imagina. (...) A inteligência do homem evolui espantosamente... capaz de grandes projetos, projetos esses que, num piscar de olhos, estão incluindo todo o mundo, todos nós.

(Oswaldo - T.801)

Filósofo:

Eu vos anuncio o super-homem. O homem é algo que deve ser superado.

(März, 1987)

A audácia desses homens nobres abriu passagem por terra e por mar, erguendo por toda parte monumentos imorredouros do bom e do mal.

(Giles, 1979)
(Nietzsche, in März & Giles)

10. Sonia & Sartre

Aluna:

Eu no mundo, somente pensando e não expondo, sou uma pessoa insignificante, mas se eu pudesse dizer algo, o conselho que daria (...) seria o seguinte: por que eu e todos os homens que existem na face da terra não melhoramos o mundo...

(Sonia - T.801)

Filósofo:

Formamos ao lado dos que desejam modificar, ao mesmo tempo, a condição social do homem e a concepção que este tem de si próprio.

(Sartre, in Foulquié, 1975)

11. Sílvio Sérgio, Lúcio & Pascal

Aluno:

O homem é um ser racional, mas cobiçado pela fome e pela ignorância, é um ser cuja capacidade de pensar e de destruir as coisas é um dom...

(Sílvio Sérgio - T.702)

Aluno:

... depois que morrem muitas pessoas é que elas fazem acordo de paz ... você ainda acha que ele é um animal racional?

(Lúcio - T.701)

Filósofo:

Que quimera é, portanto, o homem? (...) Que novidade, que monstro, que caos, que motivo de contradição, que prodígio? Juiz de todas as coisas, imbecil verme depositário da verdade, (...) glória e repulsa do universo.

(Pascal, in del Valle, 1975)

12. Paulo Ricardo & A.S.Neil

Aluno:

Se não houver **Liberdade**, não há meio de chegar ao mundo maravilhoso da fantasia, onde tudo se realiza... e esta liberdade deve ser "quase" total... (...) (nem um papel, largado do alto de um prédio, bica em liberdade total..."

(Paulo Ricardo - T.801)

Filósofo:

Não há liberdade absoluta.

Quem deixar que uma criança faça sempre a sua própria vontade, está num caminho perigoso.

(A.S.Neil, in März, 1987)

"Alunos ou... Filósofos?"

(Manuscritos dos Alunos)

② O homem é livre sim, mas como um prêmio, porque a liberdade é um ato de viver... sem ela, o homem não iria se sentir nem humano, porque não teria "falar alto", quer dizer, com intensidade.

Na aula de filosofia, eu estava um pouquinho insatisfeita, então eu aprendi que cada homem (ou ser humano) não devia nunca o braço a torcer, porque se todos nos decidíssemos por alguma causa de melhor para o mundo, todos nós, com honesta, vivíamos um mais felizes.

Nota: O texto do aluno **Marcio Mantovani** não recebeu nenhum tipo de correção; escrevia, pontuava, com perfeição.

③ Eu e esse encantado mundo. Têm horas que
eu fico parado só pensando, queria ver se...
essa enorme espuma, sem ninguém. Eu
ficaria corado e desidioso na ilha de fag
de cera. Isso nem viria em ou quero dizer:
Está, ser ou não algo?

R - Agora, seu, seu...

④

O homem é um enigma,
minguado [conhece]

⑤

O homem é um
— ser-máquina, mas... uma
— máquina viva: não se aprende
— após um certo tempo
— ele não tem mais
— energia, e os poucos que
— se gastam só que
— é que ele repete um
— feito que surpreende...
— um sono é despertar para dormir.

52

⑥

Se o mundo é belo, vamos vivê-lo com vontade
que não sabemos quando vamos morrer e
nem a hora. 7

⑦

PIC:

Liberdade de escolha...

Liberdade de caminhar

um ou os seus próprios pés

C

descobrir os seus próprios caminhos...

Aluno: Denilson F. Batista / CIMFA/81

⑧

[O mundo é uma abagem na qual sóbremos como surgiu sabemos sim, de alguma forma, que fomos nos livres, mas malha apreva a ser algemado.]

⑨

E' certo que todo mundo
é um ser humano, que um dia ou não vai decidir
para si a liberdade e livre voz que mais disto
é liberdade... que é tudo da morte à imortalidade.

⑩

infinito se faz. O mundo é um bando
que proíbe a realidade, por que não?
porque é uma máquina o mundo

⑧ — [essa máquina, o homem, é capaz de terríveis coisas, coisas que nem ele imagina], está aí o fundo

⑨ — [A inteligência do homem é fantástica, também, corpos de grandes projetos, projetos estes que nem pescam de outros, estão distorcendo todo o mundo, todos nós.]

⑩ — [E no mundo, somente pensando e não agindo, sou uma pessoa insignificante, mas se eu pudesse dizer algo, o conselho que daria era: baseado nos três pilares anterior, seria o seguinte:]

— Por que em todos os homens que existem na face da terra, não melhorarmos o mundo?

⑪ — [O homem é um ser racional, mas cegado pela fome e pela ignorância, é um ser cuja capacidade depende de destruir ou curar quem doma.]

⑫ — [Depois que morrem muitas pessoas, é que eles fazem "mundo de paz" por que não morrem de morte as pessoas? Nossa avó já achava que era um mundo incrível?]

⑬ — De não haver liberdade, não haveria de chegar ao mundo idealizado de fantasia, onde não realizaria...

— Esta liberdade deve ser "quase" total, pois não existe essa liberdade total... nem é, portanto, capaz de alto de um reedição, fazem a liberdade total,

A esta altura, faz-se necessário voltarmos à questão do professor diante da sua auto-realização profissional que só concebemos incluindo a auto-realização do seu aluno.

Para retomar esta discussão, é importante aproveitar as informações de Foulquié (1975):

Cabe ao filósofo assumir esta situação, onde a angústia o elevará à autêntica existência. É um pessimismo resultante, segundo se crê, da situação da Alemanha na época em que Heidegger elaborou a sua filosofia — os anos subsequentes à derrota de 1918. É também após uma derrota que J.P.Sartre se filia a esta escola.

E Giles (1979) complementa:

Os dois pensadores mais representativos do existencialismo são Jean-Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty.(...) Com a guerra, a mobilização e, sobretudo no campo de concentração, a solidariedade antifascista tornou - se realidade. Foi nessa situação que os existencialistas aprenderam que **só a opção e a ação nos libertam** e nos lançam no mar da liberdade concreta.

Pois bem: como está a Educação hoje, neste nosso país, testemunhamos, no dia-a-dia, que o professor já se sente num pós-guerra — tamanho caos — mesmo a guerra não tendo acabado: a batalha recomeça a cada novo dia de aula (!)

E o que fazer?

Terá que escolher... terá que, a cada dia, ratificar ou reformular a sua escolha...

A **escolha** é possível, num sentido, mas o que não é possível é **não escolher** (...) devo saber que, se eu não escolher, **escolho ainda.** (Sartre, s.d.)

Assim, a nossa escolha por realizar este tipo de trabalho com os alunos envolve-nos até a alma (!), exige-nos uma dedicação que não vemos nunca recompensada **materialmente**. Salário! Condições de trabalho! Dignidade profissional! Problemas existenciais do professor, agravadíssimos hoje — mais do que

nunca!

Vivemos tempos absurdos!

Como pensar nos alunos - proporcionar-lhes o melhor, a que têm direito - sem pensar em nós mesmos?

Colaborar, gratuitamente, com "o sistema": suicídio!

Fugir ao engajamento em um trabalho que nos realize e aos alunos: suicídio!

Suicídio, como o concebe Camus (Foulquié, 1975)...

Só nos resta a revolta (a de Camus)...

Esta nossa revolta, nós a materializamos, formando consciências... cada aluno é uma possibilidade de se tornar amanhã um multiplicador de nossas atitudes de coragem — coragem de fazer por exemplo greve, coragem de não fazer greve ... Às vezes, a sala de aula é a melhor trincheira, nesse momento, através da denúncia, do debate das questões-motivos de uma greve dos professores.

Lutar por garantir ao aluno o melhor espaço para "o exercício do ser em liberdade" é questão inerente também ao nosso exercício de "ser, em liberdade"...

Assim, quem leva a profissão a sério, quem leva a existência a sério, quem vive cada minuto de suas contingências, entende que o existentialismo nada tem de "contemplativo", "alienado", "individualista", "alienante"...

Palavras de seu mestre, Sartre (s.d.): "A doutrina que vos apresento é justamente a oposta ao quietismo, visto que ela declara: só há realidade na ação..."

De fato: foi pela ação que tornamos realidade o trabalho com os alunos... como foi pela intuição que o conduzimos

dentro de vários princípios do existencialismo...

Como Kierkegaard, a nossa "idéia principal era de que, em nosso tempo, com o muito saber, esquecemos o que é cexistir..." (März, 1987)

E tratamos de valorizar o **existir** - o nosso e o dos alunos...

Assim, este estudo possa refletir quão importante é combinar intuição, reflexão e ação.

Passemos, então à seção seguinte — a dos aspectos psicológicos.

Notas: (1) Para melhor ilustrar todo o referencial teórico do estudo, providenciamos o Anexo 3: mais depoimentos dos nossos alunos - do nosso trabalho neste ano (1992).
(2) No Anexo 4, teremos o DEPOIMENTO da Profª JANDYRA CHAVARRY CORREA E CASTRO.

" V O O L I V R E ...
mergulho fundo... (!)"

CAPÍTULO III

AUTO - CONHECIMENTO: O MERGULHO NECESSÁRIO

" O PIC é uma porta aberta que, ao entrar, eu deixei a mochila de não poder lá fora..."

(Ivanildo, 8ª série)

Este capítulo destina-se a apresentar os fundamentos psicológicos em que se baseia o estudo.

Compõe-se de três seções: a primeira apresenta o capítulo e as seguintes se intitulam:

- Corações e Mentes: os abrigos da emoção
- Rogers & seus Princípios

Corações e Mentes: os abrigos da emoção...

Mantendo-nos sob a inspiração do pensamento humanista-existencialista, vamos, no decorrer deste estudo, frisar o nosso apreço concreto ao nosso aluno concreto: ser humano, cuja existência se constrói e se revela, primordialmente, pela razão, pela emoção e pela linguagem - dons que exigem liberdade para que o humano se torne ser ...

Que, pelo uso da **razão**, o homem **pensa**, nós já examinamos, no capítulo anterior.

Neste, vamos nos deter apreciando questões de **ordem psicológica** - a **emoção** estará, subliminarmente, permeando, em muito, as situações de aprendizagem trazidas para esta **apreciação** (sob a forma de trabalhos ou auto-avaliações dos alunos), que envolvem — contingencialmente — os alunos e a professora, autora do estudo.

Tomemos, de antemão, a Escola como microcosmo do mundo... e o aluno como microcosmo da humanidade... Examinemos nas responsabilidades presentes como repercutidores no futuro:

Podemos optar por utilizar os nossos conhecimentos crescentes para **escravizar** as **pessoas** de uma maneira **nunca** dantes sonhada, **despersonalizando-as** e **controlando-as** através de meios tão **minuciosamente** escolhidos que talvez nunca se apercebam de que perderam a sua **dignidade de pessoas**. (Rogers, 1976)

Somos pessoas / professores

- seres dotados de uma mente

lidando com pessoas / alunos

- seres igualmente dotados de uma mente...

Isto é um perigo, sabemos (!) Outro perigo: tornarmo-nos "máquinas de ensinar"... Não!

O professor é uma **pessoa**, não a encarnação abstrata de uma **exigência escolar** ou um canal **estéril** através do qual o saber **passa** de geração em geração. (Rogers, 1976)

O próprio professor se queixa da impessoalidade das **relações humanas modernas**, em geral. Mas, mesmo que inintencionalmente, acaba também tornando-se muito impessoal no convívio com os seus alunos, geralmente.

Medo de ser **pessoal**? Medo de mostrar o seu **verdadeiro**

ro eu ...? Corre o risco de, no pedestal em que se instala, ou na carapaça com que se protege, experimentar a solidão dos inatingíveis... Rogers assim analisa:

A profunda solidão individual que faz parte de tantas vidas não pode ser atenuada, a menos que o indivíduo se arrisque a assumir o seu verdadeiro eu perante os outros. Só então, consegue descobrir se é capaz de estabelecer um contato humano ou aliviar o peso de sua solidão. (Rogers, 1978)

O silêncio de um professor - constantemente circunspecto - fala muito...

E, às vezes, o mecanismo de defesa - para se proteger - é ter uma postura autoritária... É-lhe difícil conceber uma ética humanista segundo a qual

o próprio homem é que fixa as normas e a elas se sujeita, sendo ao mesmo tempo sua fonte formal o órgão regulador e seu tema. (Fromm, 1960)

Qual?

Os alunos não entendem o que é isso... "a gente dá um dedo e logo querem a mão" (!) Realmente... Mas, ao professor cabe inspirar a verdadeira autoridade - a que Fromm chama de autoridade racional e que tem sua origem na **competência**

(...) A autoridade **racional** não só permite como requer constante exame e crítica dos que a ela estão subordinados; ela é sempre temporária, e sua aceitação depende de sua atuação. (Fromm, 1960)

É nesta ética que acreditamos... até por isto, em nossa sala de trabalho, fazemos da "língua portuguesa um pretexto para o exercício do ser em liberdade"...

A propósito, gostaríamos de reportar uma passagem, de Rollo May, em que ele fala da necessidade de o homem ter onde ser livre para poder pensar... refletir...

Diz ele:

Nas montanhas de Delfos, ergue-se um santuário que durante muitos séculos desempenhou um papel muito importante na Grécia antiga. (...) Delfos é especialmente magnífico, com o longo vale estendendo-se entre as montanhas e o azul esverdeado do golfo de Corinto. O ambiente inspira reverência e faz sentir a grandeza própria de um lugar sagrado. Em Delfos os gregos iam buscar ajuda para as suas preocupações (...) [escreve o professor E.R.Dodds:] Sem Delfos, a sociedade grega dificilmente teria suportado as tensões a que estava sujeita na era arcaica. A sensação avassaladora da ignorância humana e da insegurança. (May, 1992)

Não queremos ter a pretensão de uma comparação...mas, por momentos, lembramos de como os nossos alunos se referem ao PIC, como um espaço, um lugar, onde podem chegar e podem meditar, pensar... em liberdade...

Às vezes, estamos longe de imaginar o que está acontecendo com o nosso aluno - de hoje - adolescente, jovem, representante de uma geração que não é a nossa...

Rollo May pode nos ajudar com suas pesquisas:

...verificamos que uma causa primordial da ansiedade, particularmente na geração mais nova, é que não existem valores viáveis na cultura, na base dos quais possa ser estabelecida uma relação com o mundo. A ansiedade, que é inevitável numa era em que os valores se encontram tão radicalmente em transição, é uma causa central de apatia; e (...) tão prolongada ansiedade tende a redundar na falta de sentimento e em sensação de despersonalização. (May, 1974)

Sentir-se despersonalizado... sentir-se "um zero à esquerda"... sentir-se "burro" (como disse um aluno)...

O que sou eu, para mim, para os outros...? Como me vêem?

Auto-identidade.

A auto-identidade ("eu" olhando para "mim") é constituída não apenas por nossa observação sobre nós mesmos, senão também pelo darmo-nos conta dos outros a nos observarem, e para nossa reconstituição e alteração das visões dos outros a nosso respeito. (...) Assim, o

"eu" se converte num "**mim**" que está sendo erroneamente percebido **por outra pessoa**. Isto pode transformar - se num **aspecto vital** de minha **visão** de mim mesmo. (Laing, Phillipson & Lee, 1972)

Ilustraríamos esta situação com uma pequena frase da auto-avaliação de uma criança de 11 anos, após ter conseguido fazer o seu primeiro poema: "Eu descobri que valho alguma coisa..." (T.503)

Qual era a sua "auto-imagem" até então?

São estas e outras verdades interiores, invisíveis aos olhos (não ao coração) que se alcançam pela "liberdade de aprender", pregada por Rogers (1985) e, **conscientemente**, adotada por nós...

Temos a pessoal convicção de que a educação antiga poder-se-ia dividir em **antes e depois** de Sócrates e a educação moderna em **antes e depois** de Carls Rogers - os dois são, para nós, motivo de infindável admiração e fonte de saber.

Desejamos, como Rogers, contribuir com trabalho e honestidade de intenções, para construir um mundo futuro que seja digno das pessoas:

O único modo de podermos garantir esse auxílio é ajudar nossa juventude a aprender **em amplitude e profundidade** e, acima de tudo, a aprender a maneira de aprender. (C. Rogers, 1985)

E, para isto, é preciso que **se leia** mais Rogers, a fim de que ele seja **realmente entendido** (!)

De nossa parte, acreditamos que os nossos alunos revelam, neste estudo, algumas **evidências** do que há de positivo nas idéias de Rogers, **bem entendidas e bem realizadas...**

Na verdade a rejeição ao novo que representa Rogers talvez possa ser explicado por Jung:

O homem sente um temor profundo diante do desconhecido. Basta perguntar isso às pessoas que têm a tarefa de promover idéias novas. Se até o **adulto**, considerado como maduro, teme o **desconhecido**, por que então não deveria hesitar uma **criança** em dar um passo à frente, em direção ao **desconhecido**? (Jung, 1981)

É: é preciso **coragem** (!)

A palavra **coragem** tem a mesma raiz que a palavra francesa **coeur**, que significa "coração". Assim, como o coração irriga braços, pernas e cérebro, fazendo funcionar todos os outros órgãos, a **coragem** torna possíveis todas as virtudes **psicológicas**. Sem ela, os outros valores fenecem, transformando-se em **arremedo** da virtude. A **coragem** é necessária para que o homem possa **ser e vir a ser**. Para que o eu seja é preciso afirmá-lo e comprometer-se. Essa é a **diferença** entre os **seres humanos** e o resto da natureza. (May, 1992)

Os seres humanos, pois, se caracterizam, inclusive, pelo sentimento, pela emoção, pela sensibilidade... daí poderem "entrar" em **desespero** e também... conseguirem sair (!)

A **coragem** (de que falamos) não é o oposto do **desespero**. Muitas vezes, teremos de enfrentar o desespero, como tem acontecido a todas as pessoas **sensíveis**, nas últimas décadas. Por isso, Kierkegaard e Nietzsche, Camus e Sartre afirmam que a **coragem** não é a **ausência** do desespero, mas a **capacidade** de seguir em frente, apesar do desespero. (May, 1992)

Nisto consiste a coragem... "coisa" que se passa por dentro da pessoa, primeiro... De modo que ninguém vê...

Tomemos, como exemplo, a **coragem** que o aluno precisa ter diante de certos desafios. Constatamos isto todos os dias em nossa aula: o aluno, diante da folha de papel em branco (!)

É um momento que se renova, a cada aula... é o momento de testar a **CORAGEM** - a **coragem de CRIAR**... inicialmente, um trabalho comum... ao final do ano, um livro... (!) Um ato de coragem...

São pequenos-grandes atos de coragem que o **criar** exige e por eles revela pequenos-grandes heróis...

E... falar em **criar** é falar de Fayga Ostrower e ouvir seus bem elaborados conceitos:

Criar é, basicamente, formar.
É poder dar forma a algo novo.

Em qualquer que seja o campo de atividade, trata-se, nesse novo, de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos.

(...) As formas de percepção não são gratuitas, nem os relacionamentos se estabelecem ao acaso. Ainda que talvez a lógica de seu desdobramento nos escape, sentimos perfeitamente que há um nexo. (Ostrower, 1989)

Descrito, assim... teoricamente, parece tão inalcançável... - mais um motivo para se dar valor a cada criança, a cada adolescente que diz:

Eu pensei que não era capaz, mas consegui...

ou

Eu, no PIC, tiro a minha imaginação, como se eu nascesse para criar... O PIC é, para mim, uma porta aberta que, ao entrar, eu deixei a mochila de não poder lá fora e comecei a ver as coisas que eu tanto quis, mais de perto. Eu sou muito grato ao PIC.

São estas "pequenas felicidades certas" - como diz Célia - que efetivamente se tornam gratificação por regência de turma...

Corações e mentes: abrigos da emoção... (!)

Em verdade, resistir nesta escola que aí está, seja como aluno, seja como professor - principalmente - é um ato de CORAGEM...

Encerramos aqui esta seção e, a seguir, apresentaremos alguns pressupostos básicos dos estudos de Carl Rogers (1978) - intitulados **Princípios**. São pontos essenciais à boa realização do ensino centrado no aluno.

Rogers & seus Princípios

1.

Os seres humanos têm natural potencialidade de aprender...

ALUNO :

"Prazer de esforçar-se"
Prazer, indiscutivelmente, o aluno sente, ao recorrer ao
Prazer.

Não custa nada... é de Graça e Você descobre que é muito
fazendo...

O Prazer do Aluno, no Prazer, se resume na capacidade de
o Aluno desenvolver sua própria intuição..."

2.

A aprendizagem significativa verifica-se, quando o estudante percebe que a matéria a estudar se relaciona com os seus próprios objetivos.

O aluno assume suas responsabilidades
quando conhece o Prazer Pois o Aluno se envolve
num trabalho do seu gosto ...

como o Sol

o Sol tem a responsabilidade de nascer
acima da terra...

Nota: Todos os depoimentos, aqui manuscritos, podem ser encontrados datilografados no Capítulo V, pois integram a seção "Vôo Livre".

3.

A aprendizagem que envolve mudanças no organismo de cada um — na percepção de si mesmo — é ameaçadora e tende a suscitar reações...

"Desenvolvemos a mente... a capacidade de nos adaptarmos... a criatividade..."

...nossa força é montada nas condições existuais imutáveis trabalhos que muitas vezes iniciam progressos, suspeitando o que é a verdade das coisas e que das ainda não percebidas descobremos."

4.

As aprendizagens que ameaçam o próprio ser são mais facilmente percebidas, quando as ameaças externas se reduzem a um mínimo ...

"DE NÃO HOUVER LIBERDADE, NÓ NÃO SERÍAMOS CAPAZES DE CHEGAR AO MUNDO MARAVILHOSO DA FANTASIA, ONDE TUDO É REAL..."

E ESTA LIBERDADE DEVE SER "QUASE" TOTAL, POIS NÃO EXISTE ESTA LIBERDADE TOTAL... (NEM DEPOIS, CARREGADO DO ALTO DE UM PREDIÇO, FICA EM LIBERDADE TOTAL, POIS AS FORÇAS DA GRAVIDADE O APRESIARÁ AO CHÃO...)

...MAS, NO P.R.C. A LIBERDADE É TÃO SUFICIENTE, QUE PODERMOS FAZER COISAS MARAVILHOSAS, COMO ESTE TRABALHO QUE ACABO DE FAZER!

5.

Quando é fraca a ameaça do "eu", pode-se perceber a experiência sob formas diversas e a aprendizagem ser levada a efeito...

"O PTC é um lugar onde se fazem
muitas idéias... e mais:
é um lugar em que, de súbito, "surgem
inspirações"!"

Essa inspiração refletiu-se originalmente no estudo
de audiências que se fizeram no PTC.
A liberdade é um dos fatores que não impedem
que tenha inscrições.

Professores incentivaram o aluno a fazer
estudos convencionais; não é assim visto os alunos
e professores é um universo muito maior
que, por razões suas mesmas, não tem, às vezes
não sentem, medo de...

Portanto... O PTC é um lugar onde
se fazem liberdades muitas idéias e mais
fazem "um jeito" para suas palavras,
pensos, posturas, ideias..."

6.

É por meio de atos que se adquire aprendizagem mais significativa (colocar o estudante em confronto experencial direto com problemas práticos)...

② VENCER obstáculos: O succeso!

O fiz com suas novidades ou prefeitas. Esta afirmação como a "a "Cabeça-".... em, como o aluno-propósito empreende que propon-

Pode viver o trabalho.

A minha alegria é isto, me bens de um trabalho

- Aí o fiz, a este: em vencer os obstáculos que a figura Portuguesa oferece...

7.

A aprendizagem é facilitada, quando o aluno participa responsavelmente do seu processo...

1

PIC É ALEGRIA...

os trabalhos são diversos...

Minha alegria é confiante, meu trabalho é benéfico...

me permitindo liberdade,
rebeloar não existe, engrandeço
essa estiver no trabalho...

pois a alegria é realizar o que
me permitam ou liberdade deles
é a confiança inspirada pela
minha professora...

Verse realista mostra my ho-
-alegria... nem sempre rebelo-
-ris o ^{meu} serviço é feito com
-alegria.

8.

A aprendizagem auto-iniciada que envolve toda a pessoa do aprendiz - seus sentimentos tanto quanto sua inteligência - é a mais durável e importante...

"No PIC, todos os trabalhos são originais..."

Tão originais, quanto a natureza...
Como uma criança, que nasce
dia necessidades de um amor...

No trabalho de pensamento,
surge uma inspiração,

a qual dia idéia a um trabalho
ideal e de intensa originalidade

9.

A independência, a criatividade e a auto-confiança são facilitadas, quando a auto-crítica e a auto-apreciação são básicas e a avaliação feita por outros tem importância secundária...

"O PIC ajuda nos necessários, criando situações incríveis e soluções inacreditáveis. O PIC constrói um clima de alegria (incrível) fazendo por alguém: ele transforma uma pessoa de uma maneira, que o ALUNO, ao assistir à aula, nunca mais se soltará dela. O PIC é 'uma chave' no aluno, que ele não pode fugir às situações propositorias pelo PROFESSOR..."!

O ALUNO que vem pela primeira vez à aula do PIC, ele se sente nervoso, inibido... A partir da segunda aula, o aluno vai ficando inspirado a fazer coisas, que ele não pedia pensar que

TINHA APTIDÃO PARA FAZER.

O dizer da aula do PIC é FABULOSO: QUÊ-NOS INSPIRAÇÃO... SENSIBILIZA-NOS, COMO SE PODESSÉMOS DESCOBRIR A SOLUÇÃO PARA OS PROBLEMAS DO MUNDO.

"SE O MUNDO NÃO VENDE AO PIC, O PIC IRÁ VENDER AO MUNDO...
ESTE É OUTRO SENTIMENTO ESTÁ CÁNICA PRECOCÍSSIMO..."

10.

A aprendizagem socialmente mais útil, no mundo moderno é a do próprio processo de aprendizagem, uma contínua abertura à experiência e à incorporação, dentro de si, do processo de mudança...

"NO PIC, O TRABALHO É UMA DAS PRINCIPAIS EXIGÊNCIAS.

ASSIM... MUSITAR-SE, FUNDAMENTALMENTE, DE UMA INTELIGÊNCIA AVULSA DA DURA REALIDADE CONCRETA."

COMO NOSSOS PAIS
(Belchior)

Não quero lhe falar, meu grande amor
 Das coisas que aprendi nos discos
 Quero lhe contar como eu vivi
 E tudo o que aconteceu comigo
 Viver é melhor que sonhar
 E eu sei que o amor é uma coisa boa
 Mas também sei que qualquer canto
 É menor do que a vida
 De qualquer pessoa
 Por isso cuidado, meu bem, há perigo na
esquina!
 Eles venceram e o sinal está fechado prá nós
Que somos jovens
 Para abraçar seu irmão e beijar sua menina na
rua.
 E que se faz o seu braço, o seu lábio e a sua voz
 Você me pergunta pela minha paixão
 Digo que estou encantado com uma nova
invenção
 Eu vou ficar nesta cidade
 Não vou voltar pro sertão
 Pois vejo vir vindo no vento
 O cheiro da nova estação
 Eu sei de tudo na ferida viva do meu coração
 Já faz tempo eu vi você na rua, cabelo ao
vento, gente jovem reunida
 Na parede da memória essa lembrança é o
quadro que dói mais
 Minha dor é perceber que apesar de termos
feito tudo que fizemos
 Ainda somos os mesmos e vivemos
 Como nossos pais
 Nossos ídolos ainda são os mesmos e as
aparências não se enganam, não
 Você diz que depois deles não apareceu mais
ninguém
 Você pode até dizer que tou por fora ou então
que tou inventando
 Mas é você que ama o passado e que não vê
 Mas é você que ama o passado e que não vê
 Que o novo sempre vem
 Hoje eu sei que quem me deu a idéia de uma
nova consciência e juventude
 Está em casa guardado por Deus contando vil
metal
 Minha dor é perceber que apesar de termos
feito tudo o que fizemos
 Nós ainda somos os mesmos e vivemos
 Ainda somos os mesmos e vivemos
 Como os nossos pais.

CAPÍTULO IV

A SALA DE AULA: UM ESPAÇO PERFEITO PARA O CONVÍVIO HUMANO-PEDAGÓGICO ...

Este capítulo destina-se ao estudo dos fundamentos da educação em que se alicerça o estudo e compõe-se de mais duas seções, além desta, que apresenta o capítulo, a saber:

- Educação: um Desafio Humano-Pedagógico
- Alunos & Professores: Juízes

Educação: um Desafio Humano-Pedagógico

Para a filosofia da educação é importante considerar:

a dimensão da **assimilação**, que arrisca transformar o educando em **instrumento** ou **sujeito passivo** do processo educativo; a dimensão **intersubjetiva**, que deve levar o educando a uma maior conscientização das exigências de sua integração na **coletividade**, e a dimensão **crítica**, que aguça a capacidade do educando para **avaliar**, nas de vidas proporções, a **realidade** em que vive. (Giles, 1978)

Teoricamente, perfeito.

Na prática, na realidade,

...a escola e os velhos processos continuam a ser os únicos em uso e em abuso. O professor fala, o aluno ouve e o aproveitamento verifica-se, quando o aluno fala e faz ouvir no professor o que ele já tinha dito.
(Santos, s.d.)

Como a escola "moderna", atual, se esquece de que Educar é alcançar a **pessoa** naquilo que lhe é mais específico, no seu **ser-humano**, isto é, na sua **intelectualidade**, na sua **afetividade**, nos seus **hábitos**, para levá-la à realização de um ideal. (Giles, 1983)

Esta realização pressupõe um futuro.

Preocupar-se com o futuro do educando é um dever de prudência do educador: o que lhe acontecer hoje, em questão de educação, certamente, terá consequências futuras... o educador terá sua parcela de responsabilidade, no peso e no contrapeso.

No futuro, bem breve, ou distante, como ocorrerá, por exemplo, a integração do **eu** individual no **eu** coletivo por parte do educando?

É uma questão para o educador, é uma questão para a filosofia da educação.

Reflitamos sobre estas considerações de Giles (1983):

No conjunto de problemas diante dos quais a Filosofia se situa, a educação surge como uma questão fundamental. Trata-se do processo que tem por objetivo integrar o **eu** individual no **eu** coletivo, como membro consciente e crítico. A educação condiciona todas as faces daquilo que chamamos de **existência** propriamente humana. O homem se torna **humano** graças à educação.

Nós apenas acrescentariam: seja pela educação formal (a da escola) ou pela educação informal (a da vida)...

E, quer o conceba ou não, acredite ou não, o educador influí na existência do educando: ele, como ser humano, não pode fugir à sua maneira (humana) de ser, de comportar-se, de agir, diante do educando, como se fora um E.T.(!)moderno, blindado em aço ou... um homem de pedra, antigo, troglodita, em sua linguagem rude...

Qualquer disfarce o revela em sua humanidade...

E deve levar em conta que também o educando — pessoa de carne e osso — está "classificado" como humano, como **ser vivo, concreto, individual**. A sua compreensão não pode ser conseguida pela aplicação de **princípios** ge-

rais, que nele não encontram **generalidade**. (Santos, s.d.)

Cada criança, cada adolescente, cada "educando" é um ser único - fazer parte de uma **turma**, de uma **massa** é apenas questão circunstancial, escolar...

Ele ali está e lhe será de fundamental importância que o educador o leve

ao **contato consigo mesmo**, ao seu **auto-conhecimento** ... à busca do único absoluto no **horizonte** da vida humana: **a autenticidade**. (Santos, s.d.)

Isto em mente, o educador partirá para a ação: uma ação que se paute pelo bom senso...

Conteúdos - sim ou não?

Equivale a perguntar: escola - sim ou não?

A escola existe **também** (e até primordialmente) para que o aluno adquira conteúdos de um programa bem elaborado. Acontece que:

A escola esqueceu a sua **missão**. Supôs que a realizava ensinando até ao **esgotamento** determinada **materia** do seu **programa**. É, porém, muito diferente a verdadeira missão da escola que, aproximadamente, pode ser assim enunciada: criar as condições possíveis de **aprendizagem na vida**, para a **existência** e pela **existência**. (Santos, s.d.)

Não se podem esquecer os educadores de que a escola foi **criada** para tentar colaborar com a **vida** do homem: é um artifício, um recurso - deve servir a, não servir-se de..., sob pena de não servir para nada...

Delfim Santos explica:

A escola é um **artifício** e a **pedagogia**, necessariamente **artificiosa**, o que em si não é um mal, se os artifícios forem pensados para o cumprimento da **finalidade** que deve orientar o homem: ser autêntico. (Santos, s.d.)

Um homem autêntico: procure-se de lanterna na mão...

Estas posições aqui defendidas representam a nossa identificação com a **pedagogia existencial**, pelo que seus princípios têm de convergente com as nossas crenças quanto à contribuição de uma educação humanista-existencialista.

Concordamos com Delfim Santos, mais uma vez e plenamente, quando afirma:

A pedagogia existencial não é, pois, uma atitude nova, nem uma nova moda - como os que nada entendem do novo pretendem afirmar - mas a fase de maturação de um processo secular na busca da dimensão humana para o tratamento do homem, como ser que aprende para se compreender. (Santos, s.d.)

A exemplo da Filosofia, a filosofia da educação também se assemelha a uma sinfonia inacabada, como, de resto, tudo o que se refere às conquistas do homem é também inacabado, sujeito a evolução, como ele próprio está sempre por fazer ...

Assim, para compreendermos melhor as questões da educação hoje, é preciso voltar no tempo: no seu processo de evolução de "maturidade", a educação tem uma fase decisiva, importante, no século XVII, no que tange ao acesso do homem comum (não filósofo) ao mundo do conhecimento, às "Luzes" ...

Ester Buffa (1991) assim nos reporta os acontecimentos:

Quem reforçará a crença na educação como pré-condição para a participação do homem comum será o racionalismo ilustrado do século XVIII que, no dizer de Kant, representa o momento em que o homem sai da minoridade para a maioria graças à educação pelas Luzes. Nesse momento, o homem adquire a capacidade de servir-se de seu entendimento sem a direção de outros. O racionalismo ilustrado teria dado ao homem coragem - sapere aude! - para servir-se de seu entendimento de maneira autônoma, e, assim, ser sujeito da história.

Uma forma de libertar-se, de fugir a qualquer tipo de dominação, de opressão, para ser busca constante do homem ...

Afinal, que busca e propõe Paulo Freire, há tanto tempo? Uma pedagogia do oprimido, em prol de sua libertação...

Uma pedagogia da libertação objetiva uma educação que possibilita ao homem em desenvolvimento inserir-se no processo histórico, como sujeito... o inscreve na busca de sua afirmação. (in Kowarzik, 1988)

Esta pedagogia se dirige diretamente às classes oprimidas, às classes operárias, às classes populares — ao povo, de modo geral.

E o povo é sempre levado a crer que há alguém fazendo alguma coisa por ele...

...faz parte da ideologia burguesa afirmar que a educação é um direito de todos os homens. Ora, na realidade sabemos que isto não ocorre. (...) Em geral, o pedreiro que faz a escola, o marceneiro que faz as carteiras, mesas e lousas, são analfabetos e não têm condições de enviar seus filhos para a escola que foi por eles produzida. (Chauí, 1992)

E um outro dado concreto, estatisticamente comprovado é que, nestas duas últimas décadas,

...mesmo tendo aumentado a presença do povo brasileiro na escola, o resultado da escolarização tem sido absolutamente insuficiente e insatisfatório. (Cunha & Góes, 1991)

Motivo?

Causas?

Curículos defasados, professores mal formados e mal pagos, metodologias inadequadas, escolas/prédios em ruínas — tudo isso e muito mais (!) Muito mais, porque tudo isso reunião...

Educação é questão multifacetada e polêmica, inclusive quanto a ensinar ou levar a aprender...

Guido de Almeida tem uma posição franca quanto à questão da formação do professor:

Considero urgente a recuperação do profissional do magistério, focalizada, principalmente, no aspecto que Mello (1982) define como "competência técnica", que poderia ser objetivada em termos do domínio do conteúdo do saber escolar e dos métodos adequados para transmitir esse conteúdo... (Almeida, 1986)

Guido se preocupa com uma questão relevantíssima para a educação: a competência técnico-profissional do professor.

Em verdade, os educadores de hoje (que não sejam mais tão jovens, cronologicamente) são fruto de um tempo em que os mestres tinham como missão formecer instrução aos alunos — ministrar conteúdos. Os mestres ensinavam: instruíam.

Era um tempo... e, que, como todo tempo, teve seu brilho e suas zonas sombrias...

Quem não tem boas e más recordações da "aurora da sua vida" escolar...?!

O mesmo não estará acontecendo já, hoje, com os formandos de nosso tempo? E também não acontecerá, futuramente, com as crianças de hoje?

Ensinar bem ou mal ou... não conseguir ensinar (!) e fazer com que o aluno aprenda, por conta própria, "apesar do professor"... Levar o aluno (ou não) a aprender (satisfatoriamente ou não)... tudo isto são contingências da educação, em seu caráter dinâmico-temporal. Afinal, ela é fruto da ação humana, sujeita à contingência do "ensaio-e-erro" que tão bem caracteriza as ações humanas, em geral... pecado e virtude: coisas do ser humano...

A nosso ver, o que vivemos hoje é um **tempo de guerra**:

é preciso combater os males que estão acometendo de morte a e
ducação, principalmente, em nosso país (!)

Não há mais tempo para perder...

E...

em **tempo de guerra** (!) diríamos que toda contribuição
positiva (que produza algum bom resultado) é bem-vinda!

Embora, pessoalmente, tenhamos preferência por uma Di
dática que leve o aluno a aprender, também incluímos em nossa
praxis a aula expositiva, dialogada, para que o aluno assimile
melhor determinadas partes do conteúdo...

Bruner, Piaget, Ausubel, Gagné (Oliveira, 1982) estão
aí para que o professor **criteriosamente** deles (e de outros) se
valha para colaborar **efetivamente** com o seu aluno, na **constru-**
ção do conhecimento, através portanto de uma Didática ampla (Li-
ma, 1985), também **construída significativamente pelo professor**:
sem auto-segurança não se caminha, não se chega a lugar algum.

Ao professor que queira formular ou reformular sua prá
tica docente, cumpre informar-se, formar-se, estudar... E,
até por testemunharmos a todo momento que "**ser professor** não
se aprende na escola", ousamos aqui recomendar a leitura de AM
PLA DIDÁTICA da Professora Balina Bello Lima, que será, certa-
mente, um bom livro de cabeceira para o professor, por um bom
tempo ainda... (boas descobertas devem ser compartilhadas).

É importante que o professor se prepare para saber tra
balhar com a sua clientela — que é, cada vez mais, oriunda de
"classes populares" (dado o empobrecimento progressivo desta
"minha-gente" !).

Neste sentido, concordamos, em parte, com Guido de Almeida, quando preconiza:

Já é hora de os professores se convencerem de que é necessário e indispensável ensinar, sobretudo para as classes populares, que precisam conhecer para lutar contra a discriminação social. (Almeida, 1986)

Permita-nos o autor de O PROFESSOR QUE NÃO ENSINA ponderar que o professor que leva o aluno a aprender também ensina: ensina como se aprende a aprender... como é a vida de uma pessoa sem o uso de muletas ... como é abandonar o estigma de DEFICIENTE e ascender à classe dos LIBERTOS...

Creia, Professor Guido, é possível alargar os horizontes e ousar uma Didática diferente, porque ampla...

A Ampla Didática não é escrava de métodos e técnicas de ensino; (...) Não adota sem crítica, adapta às reais situações de aprendizagem. (...) A Ampla Didática aceita o desafio de inventar uma metodologia para crianças pobres, cujo conteúdo seja o seu cotidiano, seus problemas, sua criatividade, sua vida. (Lima, 1985)

Foi, pois, um grande prazer, conhecer a AMPLA DIDÁTICA, recentemente, e constatar quanta afinidade temos com as concepções da autora sobre as questões que uma Didática abriga.

Diz a Professor-autora:

Em suma, considera-se Ampla Didática a didática pluralistica, nutrida de criatividade, voltada para o porvir, rica em possibilidades e apenas limitada pelo que não dá certo, pelo que prejudica os alunos. Apenas isso é anti-didático. (Lima, 1985)

Importante: não é um discurso teórico (vazio). Sente-se, nele, que foi ditado pela prática, pela verdade de uma vivência - só esta confere convincente eloquência ao orador (!)

E este é o caso...

Assim, faremos de suas palavras uma espécie de "liae-me" para a próxima seção, onde nossos alunos e um grupo de dez

professores-juízes dão seus pareceres sobre o nosso trabalho realizado em sala de aula.

Esperamos que as palavras dos juízes realmente atestem que - como acreditamos -

Cada aluno precisa aprender a expressar seu mundo, expressar-se no mundo, atuar sobre ele e transformá-lo na reconstrução positiva e permanente. (Lima, 1985)

O que é, então, este momento PIC (codiname beija-flor...) ?

É aquele momento caro (ou inexistente/desconhecido para quem não o promove/não o vive) em que a **palavra** é o ponto de partida e de chegada para **toda e qualquer** atividade que vabilize um aprofundamento do conhecimento/domínio da língua portuguesa... apenas, sem que se faça uso dos tradicionais "exercícios de gramática" - tão necessários quanto sem valor, geralmente...

Só isso!

Resumindo: há que se levar o aluno a estudar/praticar exercícios de gramática normativa, há que se conhecer - sistematizados - os fatos da língua... mas não só (!)

Da **forma** como em geral os alunos **escrevem** (grafam), e a cada dia, pior (!), afirmamos com profundo conhecimento de causa - 26 anos de trabalho - que o tradicional ensino de português predominantemente **só** pela gramática - prática já cristalizada - **precisa ser aposentado!**

Prestou serviços (até relevantes, estamos aí...), mas OS TEMPOS MUDARAM... "A CLIENTELA" MUDOU...

Por que os professores não mudam?!

Uma realidade GRITANTE e não a ouvem, não a enxergam...

Por quê?

Insensibilidade do século... ?!

É "pathético" ... (rememorando "pathos") : analisados mais de mil depoimentos... com todos estes, mais de mil, realmente construindo o conhecimento (e reconstruindo o auto-conhecimento), o PIC vale menos que um mico-leão dourado... (eu queeria que valesse igual...)

Só sobreviveu, pela nossa luta pessoal... Aliás, o professor também anda valendo menos que um mico — quem, afinal, ou que "**ONG**" ou "**OG**" (Organização Não-Governamental / Organização Governamental) faz campanha nacional/internacional pela preservação do professor? O professor, hoje, mais do que nunca, é ignorado, por mais relevante que seja o trabalho que ainda consegue realizar... (operação fênix!).

Talvez o professor tenha que inspirar-se naquela cancão popular que revela a situação-limite, a angústia existencial do seu sujeito lírico, que confessa:

vou acabar ficando nu,
p'ra chamar sua atenção ...

(está ouvindo, sr. governante?!)

O magistério não é apenas nossa profissão, o magistério é nossa paixão (!)

Quem está assassinando a educação, quem está matando os professores merece ser alvo de uma CPI que culmine com o seu IMPEACHMENT (!)

Quantos professores já optaram pelo "suicídio" (segundo Camus), renunciando, pelo desânimo asfixiante, à auto-realização profissional...?! Bons professores, dedicados, lutado-

res, responsáveis... porém também de carne, osso, sentimento, estômago, aspirações... Cansaram! Agora "empurram com a barreira", fazem o estritamente "previsto pelo sistema"...

E o pior: os novos professores... chegam e dão de cara com esse "exemplo" de mestre... que triste incentivo a quem começa...

Aqui ou ali, podem até se encorajar com a resistência heróica de alguns...

E, então, perguntamos: será ainda preciso que haja mais mortos...?!

A "precisão cirúrgica" do ataque está comprovada: eficiência quase total... pois, enquanto houver "munição" nas mãos de alguns "rebeldes (os de Camus), a revolta pode até mudar o rumo da guerra... na nossa sala, já mudamos. Afinal, como diz o poeta: "Navegar é preciso..."

Gostaríamos de encerrar esta seção, convidando o leitor para a reflexão, em companhia de Bertold Brecht:

Há homens que lutam um dia
 e são bons...
há outros que lutam um ano
 e são melhores
há aqueles que lutam muitos anos
 e são muito bons
mas
 há os que lutam toda a vida
- esses são os imprescindíveis.

Professor & Aluno: os imprescindíveis parceiros na elaboração do grande texto...

"Amigo é coisa
p'ra se guardar
debaixo de sete chaves,
dentro do coração ..."

Esta seção só nos foi possível, graças ao material produzido pelos alunos — nossos maravilhosos parceiros — nestes mais de dez anos, guardados, só por afeição, inicialmente... (impressionava-nos o que as crianças diziam) e, depois, com segundas intenções... e graças, também, ao empenho de cada professor-juiz que, com admirável dedicação, recebeu e se lançou à tarefa de análise e interpretação do "pacote" que recebeu...

Não me cansarei de agradecer a **cada um** por tão decisiva e valorosa colaboração: tão importante quanto a **validação** do trabalho apresentado, foi a **revalidação** da nossa afinidade de **consciência profissional**, que um dia nos uniu e hoje nos reuniu...

Vamos aos mestres,
com carinho ...

ALUNOS & PROFESSORES : JUÍZES

1. Eu achei que a aula de hoje foi uma das melhores que até hoje teve, e que eu aprendi a juntar as palavras e transformá-las em um poema. Senti uma sensação que nunca havia sentido, e também dei de mim o máximo que podia. E aprendi que posso aproveitar melhor as palavras e a mim própria, se eu quiser. (...) Com as aulas do PIC eu me sinto bem melhor quando saio daqui.

Ana Paula, T.701

é instar da cracó mas uma vez deserto na simplicidade da fala da adolescente.

U niferias nascem da discoteca
da emigração-vida.

2. ...Eu e o PIC somos bons amigos porque eu vou lá nele, faço um monte de coisas e ele não reclama muito... Só quando eu faço uma coisa errada... Eu gosto muito do PIC porque nele eu estou desenvolvendo o meu raciocínio e estou produzindo um pouco mais... O meu livro, para mim, foi a coisa mais "legal" que eu já fiz em toda minha vida de escola... O PIC é uma sala onde eu me sinto à vontade!

Renato, T.702

Porta a figura da amizade
é reais no valor da descoberta
de si mesmo num clima de liberdade /
espontaneidade.

3. Para mim,
a aula de hoje foi boa
porque eu pude ver como o poeta escreve uma poesia.
Com as aulas do PIC, deste ano eu tenho conseguido melhorar o meu português. Agora, eu me considero uma pessoa que conhece o poeta, agora, quando alguém vier me perguntar se eu conheço algum poeta eu vou poder dizer, com orgulho, que conheço.

Eliane, T.507

é desmitificação do fez por mim ...
é fundamental que o autor pressinta
no professor uma verdadeira afeição pelo
objeto de suas "práticas". Ele sairá
realizar extraordinariamente o conheci-
mento que adquiriu.

4. Ser poeta é criar certas verdades, falar sobre as coisas que nós temos no mundo, dizendo as belezas, as feiuras e outras coisas ... Poesia é um ato de tristezas, alegrias, pensamentos, sonhos e realidades.

Adriana, T.601

Que belo o conceito de poesia
desta criança!

5. A aula do PIC é um tipo de aula diferente das outras, pois o aluno pode criar, pintar, enfim, usar a sua imaginação. Em todas as aulas usamos a nossa criatividade, o nosso outro lado que os outros professores não conhecem. Nas aulas, nós nos divertimos muito, com música, e também temos oportunidade de ler os livros que são "legais". Com essas aulas estou conhecendo a gramática, as palavras. Eu acho que as aulas são boas para o aluno, pois ele tem que pensar. Enfim a aula de PIC tem dia que está super legal.

Simone, T.701

Não precisam consultar grandes bônus da educação.

6 todo momento os alunos nos indicam os pontos maralges da falinca de nossa escola só instituída. Basta lhes perguntar, como bons pacientes, onde dói...

EDUCAÇÃO:

uma questão de filosofia - resgatando a puraza do termo - amei ao conhecimento.

Quando professor - recurso (intidadios/individus) compreendem que o conhecimento é uma apuração solitária num momento intenso, tudo ficará melhor, pois ambos estarão na conceção de aprendizagem clínica, sustentando suas bases no vasto encalço do conhecimento já conquistados pela humanidade.

A escola será um catádoscópio, fornecendo as mais variadas imagens. - professor apenas o mediador entre las - e pequeno buscador, ao qual não deve ser subtraído o prazer da descoberta

6. ...O aluno que freqüenta o PIC, está preparado para viver em grupos, ter a capacidade de desenhar, escrever, pintar, enfim ser um bom aluno, comunicativo com seus companheiros. O PIC é uma sala que nunca estará fechada para quem quiser aprender, para aqueles que gostam de mostrar seus valores, e para quem quiser abrir seus corações com poesias, versos, e de até mesmo para aqueles que querem descobrir os seus valores.

Rosária, T.803

A solidariedade, tão importante para um mundo melhor e mais feliz, flui nestes encontros do PIC, onde os meninos "DESCOBREM" que são gente de verdade! E vão criando, sem medo ...

7. O PIC é um trabalho muito interessante, porque leva o aluno a raciocinar e isto é muito importante, porque toda pessoa é inteligente; mas falta apenas um desenvolvimento e isto é o que está sendo feito no PIC. A sala de aula tem um clima muito descontraído e assim ajuda o aluno em várias dificuldades. A presença da professora é agradável e dá ao aluno a confiança de que ele não é incapaz de fazer coisas belas.

Elias Maciel, T.803

"TODA PESSOA É INTELIGENTE", nos diz Elias Maciel! Feliz, o aluno que pode "DESCOBRIR" sua força interior, criatividade, num ambiente sem inúteis autoritarismos e repetitivos exercícios!

8. O PIC é sobretudo um grupo de amigos que juntos constróem um novo lar. Infelizmente não assisto aula de PIC, porque não está num horário ao meu alcance, devido a minha responsabilidade fora do colégio. (...) É muito bom estar numa sala de aula onde possa ter liberdades. (...) Com um simples e lindo trabalho conseguimos extrair tudo, nos sentindo assim alegres, dispostos a "tudo", enfim dispostos a viver...

Carlos Magno, T.803

A escola torna-se ATRAENTE para o aluno! Aprende-lhe um mundo novo, em que desabrocham suas potencialidades e as tristezas do duro e polvilhado cotidiano são AMENIZADAS!

9. Auto-Avaliação. Eu achei muito interessando pois eu não havia percebido quanto as cores influenciam nos sentimentos. Eu descobri coisas que existiam dentro de mim, e eu não conhecia. Eu gostaria que tivessem mais aulas como esta, que me fazem perceber o quanto a vida é importante.

Luciane, T.703

As vezes, alguns alunos são rotulados de apáticos, "BURRINHOS" mesmo, não?!?! Com atividades criativas e respeito humano, surge o verdadeiro "EV", surpresa para muitos professor que resolvem tentar o melhor!

10. (...) O ambiente é muito favorável pois o relacionamento entre o professor e o aluno é livre, quer dizer: todos podem falar, discutir o assunto, debater, enfim com isso é que chegamos a um denominador sem problemas que interfiram. (...) O PIC é, para mim, um grande resolvidor de problemas, pois, se estivermos com algum problema é só frequentarmos o PIC e veremos como é bom... A gente se distrai, ajudando a fazer os trabalhos, conversando... Enfim, nossa mente se esquece dos problemas...

Rosângela, T.803

Clima de LIBERDADE e CONFIANÇA mútuas: quem não gostaria de estudar assim? Eis aqui um exemplo da tão falada DEMOCRACIA... (EXERCITADA DESDE A INFÂNCIA!?!)

Educação: Uma questão de empatia e bom senso! sentir a importância da "LIBERDADE PARA APRENDER", sugerida por CARL ROGERS, há tanto tempo atrás e a contribuição de outros estudiosos como M. Montessori, Piaget, Anísio Teixeira, Paulo Freire...

O per humano já traz consigo grande bagagem e tudo depende do RESPEITO, DAS CONDIÇÕES DO MEIO EM QUE VIVE E DO PROFESSOR, na sala de aula! Ensinhar e aprender: faces do mesmo processo educacional! MUITA PACIÊNCIA, PERSEVERANÇA e AMOR!

BASTANTE AMOR, pois "BRINCAR com CRIANÇA, NÃO É PERDER TEMPO, E' GANHAR-LO! SE E' TRISTE VER MENINOS SEM ESCOLA, MAS TRISTE AINDA E' VÊ-LOS IMÓVEIS, EM CARTEIRAS ENFILEIRADAS, PERDENDO TEMPO EM EXERCÍCIOS ESTÉREIS, SEM VALOR PARA A FORMAÇÃO DO HOMEM..." nos diz HELENA ANTIPOFF! E' IMPRESCINDÍVEL ALEGRIA, CAROR HUMANO e MÃO AMIGA, como podemos captar nas aulas, ~~nos~~ ~~nos~~ auxiliá-los a crescer em cada trabalho escolar!

11. Gostei muito dessa aula, porque teve uma liberdade de expressar a minha criatividade, os meus sentimentos e a minha visão de como é o futuro (como escrevi na folha de atividades).

A desinibição para o ato de criar levando o aluno a atuar como agente modificador do contexto social.

12. A aula de hoje foi muito calma e eu, pela primeira vez na minha vida tomei uma atitude tão importante, eu sabia que o nosso prefeito não ia poder ler o meu cartaz, ou melhor meu trabalho, mas, mesmo assim, eu me sentia como se eu estivesse falando com ele!

Bárbara, T.602

O aluno, coexistindo como "ser político", se valorizando em seu contexto, reage aos estímulos que o meio lhe confere e age politicamente denunciando e/ou indicando possibilidades de transformações.

13. Eu criei um texto policial pois o meu texto é sobre um policial que era muito metido e acabou muito mal. Para mim, a aula de hoje, eu aprendi que ler e escrever faz bem para nós porque hoje eu li e escrevi e desenvolvi uma estória com pedaços de textos.

André, T.502

Aluno, quando sensibilizado para o ato de ler e escrever, conscientiza-se da sua importância e descobre, também, o prazer pela leitura e escrita.

14. Hoje eu criei de uma folha branca um painel de cores sem olhar de ninguém. A professora deu uma liberdade para a gente criar o que quisesse sobre o assunto da semana passada. Foi divertido. É como brincar com as cores. Eu estava meio atrapalhada sem nenhuma imaginação depois é que ela voltou sobre minha cabeça. Ah! não posso esquecer de um tempo de descanso quando entrei na sala, ouvindo música. Não foi uma aula cansativa.

Andréa, T.602

A liberdade de ação e expressão levando à autoconfiança e propiciando a fertilidade criativa a partir de uma folha em branco

15. Para mim a aula de hoje foi ótima. Refletimos quem somos nós na escola, quem é o Professor para nós. Enfim, tivemos a oportunidade de expressar o que pensamos a respeito deste assunto: Professor + Aluno = Amizade.

Wander, T.801

Num voo de liberação, o aluno atinge o ânimo da questão: - Para que serve a escola? Quem é quem dentro dela? Que relação de aprendizagem deve existir?

Torna-se claro, para ele, a partir da experiência vivenciada, que a aprendizagem se concretiza numa relação de empatia e prazer. ("Professor + aluno = Amizade")

Educação:

uma questão de transformar (-se).

Uma educação transformadora deve-se valer de práticas libertadoras que impulsionem o aluno a um "despertar", a uma supervalorização do "eu", às vezes adormecido por práticas pedagógicas tradicionais.

O aluno passa a atuar como indivíduo capaz de transformar-se, na medida em que não é só paciente do processo educativo, mas também agentes-transformadores de seu contexto pessoal e social.

16. A aula de hoje foi muito legal e gostosa. Bem que a senhora fa lou para a gente na sala. Eu senti uma vontade de desenhar mais. Descobri uma alma nova em mim. Desenvolvi a mente em muito. Eu aprendi a apreciar as letras, os desenhos e que se pode fazer muita coisa.

Nilda, T.601

O ambiente escolar transformado num lugar de vida mais democrático onde o temor é substituído pelo pensamento responsável se torna mais produtivo.

17. Hoje eu renovei o meu passado, a minha linda infância que eu tanto amei e sempre amarei por toda a VIDA. Hoje eu pensei tudo sobre o que eu fazia antigamente. Eu gostei da minha aula de hoje - porque pensei em tudo o que eu gosto de fazer e o que fiz na minha infância.

Patrícia, T.503

O importante é proporcionar ao aluno um mergulho fundo na sua alma.

18. O PIC - LP é uma coisa super legal. Hoje por exemplo (para mim) eu descobri o verdadeiro sentido de amar. Obrigado, professora.

Cláudio, T.601

Com a autonomia de viver em liberdade, o aluno começa a se conscientizar do papel que está fazendo no mundo.

19. Hoje eu não gostei muito da aula, mas bem que me aliviou, eu desabafei, falando da minha tia e do meu avô. Esta aula é boa para desenvolver o aluno. Quando eu disse que não gosto da minha tia, não é mentira, não, veja só a minha situação: não gosto do meu avô e nem da minha tia porque eles são falsos e eu não gosto de falsidade, eles mentem, eles são metidos...

Luciana, T.601

O questionamento da vida os conflitos humanos não são uma tomada de consciência apenas das pessoas mais velhas.

20. Eu gostei da aula de PIC porque em uma folha de papel eu escrevi o que é o amor. Eu acho que a aula de PIC foi boa porque se a gente puder mexer com as cores, dizer pra nós o que é o amor, o que é um sentimento e com uma professora muito boa, ótima e, apesar de tudo, brincalhona, a aula não vai ser divertida, vai ser maravilhosa. Quando a gente tem uma chance de ter uma aula dessas nós vamos ter que aproveitar até o último minuto...

Rosângela, T.601

O importante é possibilitar aos alunos usufruir o belo e o político que a vida e alguns pocos humanos podem oferecer a cada instante.

Educação:

uma questão de posicionar os alunos em relações ao mundo, em relações a outras pessoas e em relações a eles mesmos, transformando-os em exploradores que encontrariam um significado real para uma vida de mudanças.

21. Para mim, a aula de hoje foi ótima porque eu pude criar bastante coisa, porque eu consegui desenvolver a minha capacidade mental e porque eu aprendi que, na vida, existem tipos diferentes de pessoas.

Vera Lúcia, T. 701

A capacidade que existe em todos latente e cada aluno consegue desenvolver quando se apontam vários caminhos.

22. Para mim, a aula de hoje foi muito interessante porque eu pude botar minha idéia em prática para poder criar uma história em que eu quebrasse a cabeça.

Simone, T. 611

A encantada teve dire carimbos para a pessoa que se deixa envolver totalmente por si mesma.

23. Para mim, a aula de hoje foi bastante criativa pois pude definir uma grande história de humor. Porque eu pude criar minha própria história. E consegui desenvolver palavras inventando uma história de humor e alegria. Porque eu aprendi que, na vida, pude fazer, definir, criar do meu próprio jeito, fosse da minha criação.

Elisângela, T.802

El silêncio da escuta deixa flutuar ideias e pensamentos moradores dentro de cada um de nós

24. Para mim, a aula de hoje foi ótima porque eu pude criar um texto longo, porque eu consegui desenvolver a capacidade de criar um texto diferente dos outros e porque aprendi que, na vida, podem acontecer coisas doidas...

Simone, T.701

A ruptura com o lugar comum entre o inconsciente de aluno fazendo ver a encruz que é inserida na vida de forma diferente

25. Para mim a aula de hoje foi criativa porque eu senti que sou capaz de imaginar uma coisa que quase ninguém para p'ra pensar. E eu desenvolvi mais os meus pensamentos e descobri que uma bandeira é muito mais que um desenho qualquer. Eu aprendi que se uma bandeira tem um lema, ele foi feito para ser cumprido por todos, não só para as pessoas que pertencem ao país.

Patrício, T.802

O aprender não está desvinculado da realidade, por isso propicia ao aluno mudar seu enfoque diante da realidade.

Educação:

uma questão de propiciar ao aluno uma combinação de conhecimentos adquiridos numa alternância entre aula com o retrato de outras situações de experiência, apoiando-se nessa procura de dimensionar e misturar que é a realidade.

26. O que é ser Poeta? Ser poeta é se liberar para um mundo de fantasia, mas que alimenta a mente de cada ser. O poeta faz de sua poesia um momento importantíssimo para a sua vida, ele pensa, reflete e diz o que ele mais gosta e quer. Na verdade ele quer ser tão importante quanto seus poemas.

Elisângela, T.803

Poderemos verificar, claramente os elogios a um trabalho constitutivo. O senso crítico, a observação, a suavização dos detalhes, o pensamento diariamente expresso, ver a demonstrar o fortalecimento da auto-confiança, graça de boa qualidade...

27. O que eu senti? Muita inspiração de poder fazer o meu trabalho de hoje. O que eu descobri? Descobri o quanto é bom saber escrever, como tem muita gente que não sabe escrever, e de poder ter esta aula de PIC. O que eu desenvolvi? O que falar da natureza, da vida, do amor, do mundo, que o quanto nós ficamos até mais tranquilos de ter o que dizer de bom, que nós sentimos.

Neide, T.702

Este tipo de desempenho deixa claro a concepção de educação subjacente. O trabalho de medição da professora ficou evidente quando o aluno demonstra sentimentos em escrever e, sobretudo, sentir-se capaz de fazê-lo sem medo.

28. O que eu senti? Senti-me muito prestativa em tudo aquilo que fiz. Descobri que muitas coisas que pensamos podemos criar com nossas próprias mãos... Desenvolvi uma arte e uma maneira de proteger a natureza... Eu não aprendi muita coisa, mas aprendi a amar e respeitar colegas e professores.

Edmara, T.511

Podemos observar claramente aí, uma metodologia voltada para a cooperação, integração que estimula a criatividade indo direto ao cerne da questão, que é levar o aluno a acreditar-se capaz e saber se sujeito da própria história

29. Eu acho que a aula hoje foi boa, eu já estou entendendo mais. Eu descobri que, sem pensar, eu não sei nada. Pensando eu vou descobrir coisas muito interessantes. Eu desenvolvi a inteligência: já não sou tão o burro como eu pensava. Eu aprendi que falar mentira sobre as outras pessoas não é bom, eles podem tentar fazer alguma coisa contra a gente. Eu não gostaria que alguém falasse mal de mim.

Marcelo, T.511

É preciso clareza do que se pretende: apenas repassar conteúdo ou contribuir para a formação de pessoas capazes de enfrentar desafios. Para isso, é fundamental, e isso está aí evidente, oferecer questões que primem pela reflexão.

30. Eu senti uma liberdade de pensar e criar. Eu descobri uma estória sobre o Pantanal. Eu desenvolvi que para ver as outras espécies do Pantanal não precisa ir lá. Aprendi que não devemos matar sem ser para a alimentação e nem judiar dos bichos.

Alex, T.509

Podemos observar ai, um estímulo à imaginacão, o fazer pensar, essêncie do trabalho educativo com prometido. Podemos perceber o prazer na "viagem" que a leitura proporciona. Cabe lembrar, que dessa forma, os alunos são estimulados a pensar e trair soluções criando estratégias próprias.

Educação,

uma questão de filosofia, de vontade política e de compromisso, sem dispensar a competência técnica.

É preciso se ter clareza de quem, porque, para que educamos e como fazê-lo, qual metodologia dará conta desse cidadão que pretendemos formar: se um ser crítico capaz de enfrentar desafios, tomar decisões, agir e planejar ou um mero repetidor submisso apenas para reagir e executar.

31. ...E enfim este dia chegou. Quando comecei a estudar, o meu bicho papão era a redação. E o pior ainda havia de chegar; e chegou. Em minha cabeça, pra mim, não havia capacidade de construir um livro, nem que fosse uma linha, sequer... mas, para mim, eu não conseguia fazer. Hoje, acho que como todos os dias, eu não estava com a maior inspiração para fazer este trabalho. Comecei a escrever, sem eira nem beira o meu trabalho... Mesmo conseguindo superar o meu bicho papão, tenho certeza de que não fiz um bom trabalho, poderia ser melhor. Mas, à primeira vez dá-se uma desculpa. Espero (não mais com medo), escrever uma segunda, terceira... vez, prometendo a mim mesma tentar fazer um trabalho melhor do que o de hoje.

Erica, T.801

Rompendo os limites, enfrentando o medo, o aluno se sente com vontade de experimentar algo novo e dar continuidade a esses desvencilhamentos. e auto-avaliar, analiticamente. Bruto da liberdade de ação!

32. Eu hoje gostei da aula, porque desenvolvi uma lição que serve para todos. Descobri que gosto de criar, apreendi a lição que descobri para toda a minha vida.

Eliane, T.701

As coisas boas ficam gravadas em nossos mentes, por toda a vida. Há um processo natural de escolher o que queremos guardar. Experimentar algo novo que trouxe sua sensibilidade e se sentir bem consigo mesmo. Não somos colecionadores de nossas expressões.

33. O PIC - Todos trabalhando, colocando o que tem na cabeça para o papel, trabalhos magníficos que o próprio aluno pensava que não realizaria aquilo. O clima da sala, é um exemplo de sala bem comportada, facilitando assim o desempenho dos alunos... A professora vamos dizer, minha colega, ou, talvez, aluna também. Pois no PIC, todos aprendem... E, um ajudando o outro, formamos o PIC.

Luiz Cláudio, T.803

Desenvolver é sinônimo de transmitir
O professor não é o mero da palestra, o aluno
não é receptáculo de conhecimentos.

O professor é pra fazer respetar seu os dogmas da
distância. O professor amigo, desperta nos alunos,
o amigo, aprendem juntos. A criatividade de
ambos flui, naturalmente.

34. Nesta aula de hoje, eu relemrei o que o PIC me deu desde a primeira aula; serviu para despertar a consciência que estava longe, tão distante que nem passava pela cabeça que um dia voltaria a ter tanta vontade de desenhar quanto tinha quando era menorzinho e eu aprendi que, na vida, relembrar faz bem.

Eduardo, T.801

Diante da espontaneidade entre professor-aluno, numa sala de aula, as vontades remotas, as necessidades esquecidas, se afagaram; grande- se ali a barreira da distância, do querer aprender...

O resgate das potencialidades do próprio ser.

35. ... temos a satisfação de participar de um trabalho que é realmente bom. Nós realizamos atividades ótimas, trabalhos realizados medindo, e dando liberdade ao nosso raciocínio e à imaginação. Temos o diálogo livre, onde só damos realmente "asas à imaginação"... Nós os alunos, num clima desses só podemos nos sentir bem, e sentimo-nos.

Júlio Cesar, T.803

Quando a resposta vem do aluno; quando ele se sente a vontade para dialogar; quando ele é orientado e não dirigido; torna-se grande, descontrairado. Precisa não ter essa distância todos os dias. O que é liberdade de escolha.

Educação:
uma questão de:

Despertar

O importante que traga sempre um encontro, que as descobertas e descobertas dos alunos se confundam com a procura e a obstinade do professor. Pode ser simples das mesmas ameaças. A individualidade - sempre - respeitada como se fosse um novo horizonte.

Lerninhos, devaneios, descobertas, cidadania, ... são riquezas, nesses desencontros

Dois frases ficaram em minha mente, e eu ressi e me reavaliai muito.

"Obrigado senhor pela aula de hoje"

"Aprendi que na vida temos de permanecer antes de fazer".

36. Para mim, a aula de hoje foi ruim, porque não gostei e, principalmente, porque estava desanimada.

Lilian Eloá, T.506

Oportunidade de liberdade de pensamento
ser permitir que a auto-censura interfira
Sinceridade

37. A melhor coisa que eu já fiz até hoje foi participar das aulas do PIC, porque no PIC eu fiz coisas que eu pensava que era incapaz de fazer e imaginar... nele eu me sinto outra pessoa...

Sulaima, T.702

Conhecimento da si própria, de suas
dificuldades — descoberta da possibilidade
de superá-las.

38. Para mim, a aula de hoje foi ótima. Porque eu senti que as cores são muito boas. Porque eu desenvolvi um ótimo trabalho. Porque eu descobri que a arte está presente em cada instante de nossas vidas. E porque eu aprendi que a arte tem uma importância fundamental...

Maevi, T.701

Descoberta da arte no cotidiano e não como algo inacessível, de élite: a ARTE a ser desenvolvida em cada um.

39. Para mim, a aula de hoje foi boa, porque eu senti orgulho do meu país... porque eu desenvolvi mais a capacidade de criar... porque eu descobri o que é ter uma bandeira tão bonita igual à nossa. E porque eu aprendi que devemos respeitar a nossa bandeira.

Elisângela, T.701

Conhecimento da capacidade de criação, de crítica. Desenvolvimento do CIVISMO.

40. A aula de hoje foi regular e inteligente porque aprendi a fazer poesia e porque homenageei os poetas. Com as aulas do PIC desse ano, eu tenho conseguido ser um intelectual. Agora, eu já me considero uma aluna mais inteligente e uma pessoa útil à humanidade, porque é de pessoas úteis e inteligentes que este Brasil está precisando.

Márcia. T.704

Travando conhecimento com poetas,
poesia, valorizar o intelectual. Demonstrar
participar da situação do Brasil e da
necessidade de desenvolver o intelecto.

EDUCAÇÃO É UMA QUESTÃO DE...

de proporcionar oportunidades para que
todas as potencialidades, que existam
dentro de cada um, sejam descobertas e
desenvolvidas com liberdade, tranquilidade
e respeito.

41. Aprendi a sentir...

Joelson, T.702

Simples e diretamente, o aluno demonstra a importância de ouvir e sentir o que realmente está realizado.

42. Eu aprendi que tudo que se vai fazer precisa que haja o amor, senão, fica monótono, sem graça. E o amor é uma coisa tão bonita que todos poderiam provar dele...

Andréa, T.702

O aluno demonstra o prazer da realização de tarefas suas imposições e suas pela dedicação de si mesmo, pelo que realiza, e os seus encontros no PIC.

43. Para mim, a aula de hoje foi maravilhosa... Eu acho que todos acharam essa aula maravilhosa. Acho, também, que descobri que é um pouquinho de cada coisa por dentro de si...

Daniel, T.504

O aula mostra que, nesta aula, descobre vários sentimentos até então não percebidos em si próprio.

44. Essa aula foi boa para que eu pensasse quem sou eu, como eu sou. É verdade que eu penso como fiz alguma coisa, como deverei fazer mas nunca pensei em fazer uma auto-avaliação desse modo: escrever palavras que tem a ver comigo. De hoje em diante eu vou me olhar mais desse jeito para ver como eu sou, se desse jeito eu estou bem, como devo agir futuramente, se eu estou bem assim, pensar como agir com certas pessoas.

O aula demonstra ter aprendido a refletir sobre suas realizações e sua própria pessoa, seu relacionamento ao mundo que o cerca.

45. Eu aprendi a me expressar melhor, a ler melhor, a interpretar os textos, tornou-se uma coisa mais clara para mim. Aprendi a conhecer melhor a vida... aprendi a dar mais valor à minha mãe... tinha palavras que eu não sabia o significado e acabei me interessando em procurar o significado delas... ler ajuda a pensar.

Elisângela, T.705

O aluno descobre a importância da cultura, que além de ensiná-lo seu vocacionamento, o faz compreender e viver com harmonia sua própria realidade.

EDUCAÇÃO UMA QUESTÃO DE BOU SENSO!

Todas as aulas que lidas devem trazer, naturalmente, o bom relacionamento entre professor e alunos, mas encontros do PIC. Todos os jovens demonstram o desejo (espontânea) de participar.

Parece-se que, nos encontros, os alunos não só recebem reforços positivos, mas também despertam para os sentimentos e valores que realmente são importantes na formação do ser humano.

ISTO É EDUCAR!

46. Para mim, a aula de hoje foi "legal", porque eu aprendi a inventar, e porque eu também aprendi a usar a imaginação.

Mário Jorge, T.701

O ato da descoberta traz
prazer, dai' a fertilidade viva
que traz ao ato de escrever.

47. Para mim, a aula de hoje foi ótima... porque eu consegui entender a história e inventar uma.

Adriana Conceição, T.701

Aluno: O aporte modificado
deixou o participante ativo
na condição de destinatário
da história - até mesmo a par
tir de uma estória, uma ficção.

48. Para mim, a aula de hoje foi boa porque finalmente eu pude escrever e pensar sozinho.

Marco Antonio, T. 507

O ato de sentir-se "é-ori".
 Dizer "dizer de si e de suas ações
 liberdade e eria a possibilidade de se
 fazer "existir", descobrindo-se, seu-
 tindose se convidado algo não estranho.

49. Hoje, se passou comigo uma aula diferente, descontraída e divertida, porque eu me soltei um pouco das aulas de matemática, provas, etc., e me senti em outro lugar, parecia que eu estava voltando à minha infância e desenvolvendo desenhos com cores e palavras.
 Adorei!

André, T. 802

O ser vivo só se sente "vivo"
 quando percebe o "ser livre" em
 busca de seu espaço - mas pa-
 lavras e ações.

50. Para mim, a aula de hoje foi muito boa, ~~foi ótima~~, porque eu pude falar dos alunos e dos professores, que é uma coisa muito comum, mas que não tem união. Os alunos não respeitam mais os professores. Os professores não podem dar a matéria porque é uma bagunça... de alunos falando ao mesmo tempo. Hoje, quando entrei, quando a professora disse o assunto do trabalho, eu não tinha nenhum assunto, mas de repente "pintou". Por isso é que eu gosto do PIC.

Cláudia, T.801

As oportunidades oferecidas no ato da criação propiciam um "despertar" criativo.

Educação:

uma questão de liberdade, desatando as amarras do preconceito do isolacionismo, das oportunidades que dissociam o homem da realidade histórica a que pertence, transformando-o em "ser evadível" na criação de sua própria história.

E ... Juízes também se auto-avaliam:

Senti o prazer de perceber seres que se transformam, buscando novos seres.

A certeza de que "a arte de ensinar", assim como o prazer quando se está "aprendendo", superam os limites da razão, transpondo as barreiras da opressão, do medo, das desigualdades, do preconceito, e se apóiam numa única e inesgotável fonte de vida - o PRAZER.

A relação de prazer transforma e faz renascer um outro "eu", em cada um de nós.

► Senti que, nem tudo é explicável, mas tudo, em si, se explica.

Professora Ariete da Rocha Duarte,
Professora de Língua Portuguesa

► Refletindo em cima das opiniões dos alunos, senti que ainda há ESPERANÇA de mudarmos os caminhos que devem ser trilhados.

Os dirigentes do ensino têm de se alertar, não podem se omitir, têm de proporcionar uma gama de atividades, de situações, para se chegar à autenticidade, à esponsabilidade, à livre expressão de pensamento e, em consequência, à beleza, à perfeição, à unidade da língua gema.

Professora Cléa Rocha da Cunha
Professora/Diretora

Descobri o contato, a alegria, desses depoimentos ... transferiram para mim uma sensação de anestesia... Virostos, risos, olhos brilhantes; lembrei meu tempo de estudante, coloquei-me, mais uma vez, no "momento mágico" do ímpeto criativo. E isso é mais, muito mais, que uma lição de vida...

Professor Francisco da Silva Salvino
Professor/Animador Cultural

O que eu senti?

Estado de graça de professora.

É a alegria de pontificar as pequenas ou grandes descobertas, auto-conhecimento.

São os momentos mágicos que vivemos e que fazem com que ainda valham a pena todas as vicissitudes a que é submetida a Educação neste país.

São os momentos únicos em que a luz que chega ao nosso aluno num despertar, numa tomada de consciência — essa luz que dele emana — nos ilumina também.

Professora Isis Miqueline Ferraz
Professora de Língua Portuguesa

Aprendi o quanto é imprescindível deixar o aluno voltar a imaginar e deixar fluir o seu potencial criativo.

Professora Márcia Rodrigues Camargo
Professora de Língua Portuguesa

Ao ler estes depoimentos, senti emoção ao comprovar o duro cotidiano desses meninos, começando, tão cedo, a luta pelo "PÃO NOSSO DE CADA DIA". Por que não tornar o ambiente escolar propício ao desenvolvimento de suas potencialidades? Se todos os professores trabalhassem de forma criativa, a escola seria mais ATRAENTE e PRODUTIVA!

Foi um enorme prazer poder apreciá-los e constatar a importância do AMOR, ALEGRIA e CORAGEM, para diminuir os "ESPINHOS" do dia a dia e, sobretudo, continuar a TER ESPERANÇA e "AMAR AO PRÓXIMO COMO A NÓS MESMOS"!

Professora Maria Clara da Silva Cascaes
Professora de Língua Portuguesa

Lendo e relendo as auto-avaliações dos alunos do PIC, senti saudade do tempo de sala de aula... Apesar dos tempos atuais, ainda existem profissionais dedicados ao ideal escolhido e com resultados positivos. Reforçei a idéia de que o jovem só precisa de compreensão, liberdade e respeito, para realmente se dedicar nas tarefas educacionais. Aprendi que, mesmo avaliando, estou somente aprendendo sempre.

Professora Maria Teresa da Silva Cascaes
Professora/Psicóloga

Observando todos os trabalhos, aprendi que nós, professores, temos o dever de propiciar aos nossos alunos mais momentos de liberdade criadora, deixando que o seu coração fale mais alto do que sua própria voz e dando oportunidade a que eles soltem sua imaginação e se deixem voar sem amarras, sem medo. Dessa forma, aumentarão a capacidade de pensar, de criar e escrever. Com isso, produzirão mais e conseguirão nos proporcionar mais momentos em que teremos a sensação do dever cumprido.

Professora Sueli de Albuquerque Fontes
Professora de Língua Portuguesa

Descobri que toda pessoa é capaz de aprender — o que varia em cada uma é a "pedra-de-toque" e esse toque depende do talento e da sensibilidade do professor...

Professora Vânia Fonseca Maia
Professora de Matemática

Descobri que a arte de escrever é um ato livre, quase imperceptível, solto no ar, que de repente flui, harmoniosamente, fundindo sons, imagens, formando palavras — surgindo o texto.

Professor Vânio Marcos Lenzi
Professor de História

ALUNOS & PROFESSORES: JUÍZES

(Manuscritos dos Alunos)

1

Lei orhei que a aula de poesia foi sensação, melhor que até hoje tive, e que eu apertei a juntar as palavras e transformá-las em um poema. Senti uma sensação que nunca havia sentido, e também dei de mim o máximo que podia.

E apertei que posso apresentar melhor, as palavras e a mina escrita, se eu quiser. Bem agora vou me despedir daqui e embora, ~~é~~ fiquei!!

Com as aulas do Juiz, me sinto bem melhor quando saio daqui! T

Eu e o PTC

2

Eu e o PTC somos bons amigos porque eu gosto lá nele, faço um monte de coisas e ele não reclama muito... Se quando eu faço uma coisa errada...

Eu gosto muito do PTC porque nele eu estou desenvolvendo a meu raciocínio e estou produzindo um pouco mais... O meu livro, para mim, foi a coisa mais "legal" que eu fiz em toda minha vida de escola... O PTC é uma sala onde eu me sento à vontade,

(3)

bra - muri
a auto de fuge foi fea

pois que eu quise ver como é o poeta moderno
nosso.

Com as andas do Rio, desse ano eu tenho certeza
que me hararei bem persegues

Agora, eu me considero uma pessoa que conhece
o poeta, agora quando alguém me pergunta
se eu cumpri o que o poeta me vai pedir de dizer

(4)

Ser poeta é - criar artes, versões, falar sobre as coisas que
nós temos na mente olhando as belezas, as flores e outras
coisas...

O Poeta é um ato de tristes, alegrias, pensamentos,
sonhos e realidades.

(5)

A auto do Rio é um tipo auto diferente das
outros, não é só auto com violino, piano, marimba
mas a sua harmonia. Um teatro que consegue
juntar o drama, tragédia, e humor em
uma única escuridão que é muito bonita.
Eles daqui não tem diretor nenhô, nem
atriz, mas é também temos expectativas de
queiram que sejam bons.

Esse humor é muito bom, não é desculpa.
Eles fazem suas piadas considerando o quanto
é o personagem que querem que os outros
vejam como se vêem, para que seja mais
real. Eles a auto a que tem que ser feita
é feita assim é sempre legal.

6

O PIC é um grupo de amigos que se reúnem para ouvir, abrindo mente, estar livre para dizer tudo que pretende, e mostrar o seu valor.

O aluno que freqüenta o PIC, está preparado para ouvir em grupos, (1) ter a capacidade de abordar, escutar, pintar, sem firme ser um bom aluno desmonocólico com suas confortáveis.

O PIC no Cinfã é uma sala que nunca estancou fechada para quem quiser aprender, para aqueles que gostam de mostrar os seus valores, e para quem quiser abrir novas perspectivas em jeces, versos, e ~~histórias~~ de ~~histórias~~ ali mesmo para aqueles que querem descobrir os seus valores.

O que é o PIC.

Ou sou muito grata ~~ao~~ professor por ~~me~~ dar uma oportunidade que nunca tive.

O PIC para mim é uma sala donde as minhas tristezas se refazem, recordo minhas corações e minha mente se abre,

7 Um trabalho muito interessante, porque leva o aluno a ~~nacionais~~, e isto é muito importante, porque toda pessoa é inteligente; mas falta aprender um ~~desenvolvimento~~^{desenvolvimento}, e isto é o que está sendo feito no Pic.

A sala de aula tem um clima muito descontruído e assim ajuda o aluno em várias dificuldades.

A presença da professora é agradável e da ~~ao~~ ~~o~~ aluno ~~é~~ da ^{confiança} de que ele ~~mai~~ ^é incapaz de fazer ^{certas} ~~certas~~ tais.

8

O Pic

O Pic é sócio todo num grupo de amigos que juntos conseguem um novo lar.

Infelizmente não assisto aula de pic, porque não estou num horário comum deles, devido a minha responsabilidade é deles do colégio.

Mas, pela minha frequência no ano que passou, que vejo não sólo do pic, noto que esta é cada vez mais bela.

É muito bom estar num sólo de aula onde posso ter liberdades.

Os trabalhos do pic são ~~só~~ os mais lindos coisas, porque ~~estamos~~ ~~a~~ amar, tristes, nervosas etc.

Com um simples e lindo trabalho conseguimos extraír isso, nos sentindo assim alegre, dispostas a "viver", enfim dispostas a viver.

⑨ Eu acho muito interessante .
pois eu não havia percebido quanto
os cores influenciam os sentimentos.

Eu descobri cores que existiam
dentro de mim, e eu não conhecia .

Eu gostaria que tivessem mais
cores como esta, que me fazem
perceber o quanto a vida é
importante.

10 O tipo de trabalho que é empregado
no PTC, é um trabalho todo especial,
pois é feito por grupos de pessoas , todos
colaborando para ter um bom êxito .
O ambiente é muito favorável pois
o relacionamento entre o professor e o
aluno é livre, quer dizer : todos podem
falar, discutir o assunto, debater , confirmar
com isso é que chegamos ao termo
denominado sem problemas que nos
interfiram. O PTC é muito importante →
para pessoas de ambos os sexos . A →
pessoa que frequenta PTC não é pessoa
tímida, pois o PTC faz com que ela
 tire tudo que está por dentro de si, e
saia para fora .

⑩ (cont.)

O pic é para mim, um grande resovedor de problemas, pois se estivermos com algum problema e só frequentar-mos o pic e veremos como é bom. A gente se distrai ajudando a fazer os trabalhos, conversando, enfim massamente se esquece dos problemas.

Mas devemos frequentar o pic não só quando aparece o problema e sim sempre que estiver-mos numa oportunidade de frequentá-lo. O pic é ótimo para mim.

Vamos tentar, para que nós possamos não perder a oportunidade de frequentar o pic, porque isso é toda escola que o tem.

O pic é um ótimo caminho para aqueles que querem fazê-lo.

(11)

Gastei muitos dessa aula, porque
houve uma discussão no despacho
da intendência - estudando, os meus
sentimentos e a minha atitude
de como é o futuro (como escrevi na
carta de intendência)

(12)

Avto - Atribuição

Rio 16/9/187

A aula de hoje foi muito calma e eu,
 pela primeira vez na minha vida tive
 uma atitude tão importante, eu sabia
 que o nosso prefeito não ia poder ler o
 meu cartaz ou melhor meu trabalho, mas
 mesmo assim, eu me sentia como se esti-
 vesse falando com ele!

(13)

Parte 1

a intender o que é - em outros termos
que é o despacho de intendência
 Partiu logo em dia de domingo
 e dirigiu-se à intendência para
 pedir-me, a cartas.

(14)

Nós nos criámos uma aula interativa sem
pauta de cors sem estar de ninguém a
professor dava uma instrução para
a grandeza que queríamos assim de
maneira particular. Foram divertidos & entusias
trinos. As com as cores ficaram estúdi
mesa atrapalhou sem melhor impressão
que da aula entre minha classe
que nos pesquisamos é um lugar
de descanso que ficou na escola
durando muitos anos.
 Foi uma aula divertida.

(15)

Para mim a aula de hoje foi ótima
Refletimos quem somos até hoje No enche
tem o Professor! Para nos, é importante,
tivermos a oportunidade de expressar
O que sentimos a Respeito deste
assunto: Professor + aluno = Amizade

(16)

A aula de foge foi muito legal
e gostosa. Bem que a Renata quis falar para
a gente mais valer.

Eu ~~encontro~~ uma vontade de descrever
mais.

~~Descrever~~ uma etapa só que em maior

Descrever a mente em mim.
Em apreendi a organizas aquela no
organizar que só podia fazer com atra
cosa

(17)

P.I.C.L.P. - professora Sueli Costa

Auto Aplicação

Hoje eu tenho o meu passado a minha
linda infância que eu tanto amei
e sempre amarei por Toda VIDA,
Hoje eu ~~penso~~ ^{penso} "que eu fazia antigamente
eu gostei da minha aula de foge
porque pensei em tudo o que eu gosto de jogar e o
que fiz na minha infância.

(18)

V Pic-LP é uma coisa esuper legal
hoje por exemplo (para mim) em desenvolver
o verdadeiro sentido de amar.

Obrigado

professora:

ass: Cláudia Alves Freitas
Freira

(19)

Depois da noite que tive com o seu
mas tem que me dar aquela desculpa
Isabel, ficando da manhã sua dormida
ano.

Esta aula ~~de~~ é feita para
desenvolver o costume

Quando eu dirijo que não aguento
da manhã sua, não é matinalmente
criativo minha educação -

(20)

Em gosto da aula de PLE porque em uma feira de papel eu escrivo e fui eu que fiz. Eu acho que a aula de PLE foi linda porque se a gente puder trocar com as outras, dizer pra nós o que é o amor, o que é um sentimento e com isso podemos trocar muito lido, estima e apreço de todos, sinceramente, e isso não é só um divertimento, que é maravilhoso!

Quando a gente tem uma chance de ter uma aula dessas nós vamos ter que aproveitar até o último minuto. O que eu senti hoje foi uma coisa linda, foi uma coisa que eu não tinha a oportunidade de sentir tanto dia.

(21)

Auto-avaliação:

Para mim, a aula de PLE foi ótima. Pode-se dizer que é ótima, porque eu pude criar a minha história, eu consegui desenvolver a minha capacidade mental de beleza, eu conseguiram respeitar as diferentes opiniões de pessoas.

(22)

Auto-avaliações:

Para mim, a aula de PLE foi muito interessante porque eu pude criar a minha história em prática para poder criar uma história em que eu quebrasse a cabeça.

23

129

Para mim,

a aula de hoje foi bastante criativa, pois pude definir uma grande história de humor.

Por que eu pude criar minha própria história.

E consegui desenhar palavras inventando uma história de humor e alegria.

Por que eu aprendi que na vida pude fazer, definir, criar do meu próprio jeito; forse da minha própria criacão.

24

Para mim, a aula de hoje foi ótima porque eu pude criar um rato lento, porque eu consegui desenvolver a capacidade de criar um rato diferente dos outros e porque aprendi que na vida podemos alcançar coisas boas.

25

Para mim o maior de todos foi criar o rato porque eu senti que esse rato é muito grande, uma coisa que nunca imaginei para ser feita.

E eu descobri mais os meus fraco nesses e descobri que a sua tarefa é sempre mais que seu desafio querer.

Eu aprendi que se uma tarefa é
tão menor é só foi feita para ser cumprido por todos, mas só para os pessoas que pertencem ao país.

26) O que é Poesia?

Poesia é uma arte particular de cada pessoa, poesia é tudo que sentimos traduzido em uma simples folha, contendo em lettras um pôr-nos.

27) O que é ser Poeta?

Ser poeta é se liberar para um mundo de fantasia, mas que abrange a mente de cada ser. O poeta faz de sua poesia, um momento importantíssimo para a sua vida, ele pensa, reflete e diz o que ele mais gosta e quer. Na verdade ele quer ser tão importante quanto seus poemas.

• O que eu senti?

28) Minha inspiração é fazer o meu trabalho de maneira.

• O que eu descobri?

Descobri que o quanto é bonito é fazer o meu trabalho, assim que é feio muito gente que não sabe fazer, é de paixão é de amor de vida de P.I.C - F.P.

• O que eu desenvolvi?

O que falar da natureza,

da vida, da amizade, do

mundo, que o quanto é possível de se mudar tanto quanto é de ter o que deseja a libertar.

O que mais utilizo?

(28)

1) Que li senti?

R: Senti muito
prestativa ou tudo
aquilo que fiz

2) Que li descobri?

R: Descobri que muitas
coisas que a gente pensa
podemos usar com
meias proprias...

3) Que ~~ouvi~~ descobri?

R: Uma lição, uma
maneira de proteger a
natureza

(29)

R: Eu acho que o maior risco
é o que não é tão entendido
mas.

1) Que li desabrigado?

R: Eu desabrigado que não pensei
~~que~~, em que ser protegido
em desabrigado. essas mudanças
interventivas

(CONT.)

(29) (cont.)

3) O que eu desenhei?

Eu desenhei a inteligência
que era seu tar lindo com
eu pintar

4) O que eu aprendi para a
 minha vida?

Eu aprendi que falar a pintura
 sobre as outras pessoas que
 e como eles podem tentar pôr
 alguma coisa contra a gente ou
 que gostaria que alguém ~~fazia~~
 fala-se mal de mim.

(30)

1) O que eu senti?

Eu senti uma liberdade de
 Pensar e criar.

2) O que eu descobri?

Eu descobri que estaria
 na selva o Pandanal.

3) O que eu desenvolvi?

Eu desenvolvi que Para ver
 as outras espécies do Pandanal
 preciso ir lá.

(31)

... É enqum este dia chegoa. Quando comeci a estudar, o meu bicho ~~pardo~~^{churrasqueiro} era a redicid, e o pica ainda irania ~~depois~~; e chegou, em minha pareça, para mim, na facia capacidade de conturbar um libro, sequeir, pensa que fosse uma livraria, mis para mim, eu nã consegui falar. Hoje, acho que como todos os dias, eu nã estalo com a maior inspiraçao para fazer este trabalho. Consegui a escrever, por que é um bixo o meu trabalho, não desenrolar da-

(32)

Eu hoje gostei da aula, por que desenvolvi uma liceio que serve para todos. Descobri que gosto de lijar, apunhal a liceio que devolvi para todo a minha vida.

(33)

A aula do PIC, é uma aula que inspira muito o aluno em criatividades. Fazendo trabalhando colocando o que tem na natureza para o trabalho, trabalhos magníficos. Que o próprio aluno, percebe que não realizaria aquilo.

O clima da sala, é um exemplo de sala bem planejada, facilitando assim o desenvolvimento dos alunos, através das atividades que dão mais criatividades, para os alunos.

A professora, vamos dizer minha colega, em talvez, alguma turma. Pelo PIC, todos aprendem...

E com ajudando o outro, formamos o PIC.

Eu e o PIC, vamos dizer Eu e a atividade de combinar, pois o PIC faz que eu consiga pensar para fora tudo que eu tenho na cabeça, apesar de não desenhar muito bem, acredito, que eu e o PIC já criamos ~~estamos~~ criar muitas coisas juntas.

(34)

Nesta aula de hoje, eu RELEMBREI o que o PIC me deu desde a primeira aula, se viu para despertar a consciência que estava longe, tão distante que nem passava pela cabeça que um dia voltaria a ter tanta vontade de desenhar quanto tinha quando era menorrinho e eu aprendi que na vida, RELEMBRAR FAZ BEM.

35

Nós, os alunos do 9º ano programam, intensivo de comunicação) tecnos e atividades de participação de um trabalho que é necessariamente comunitário. Nós realizamos atividades úteis, trabalhos, realizados mediante o modo liberdade do processo radiodifusão e televisão. Temos a disposição livre ordem só nosso projeto. "Assim é imaginação"! É participação das alunas e crianças estudantes necessariamente a professor abre o espacinho entre professor e aluno.

Os professores paisentes, securas e alegres, eão, ajudam-nos com o que tecmos dívidas ou querem, também os professores resolvem tecmos para abordar ^{mos} discussões.

Nós, os alunos, com voz, elogiam deles só podermos nos sentir bem, e se sentirmos-nos.

Su e opic

Su criou seu um aluno que frequentava o 9º porque faltamento o dia devido a eu mesmo admitir que é um bento o pic. E não frequenta o dia devido a sua deficiência, após o horário convencional das aulas. Mas regularmente é uma festinha. Este horário pode ser mudado.

36

Olá mim, a onda de hoje foi ruim, porque não gotei e, principalmente, porque estava desanimado.

Eu e o PIC

(32)

A melhor coisa que eu já fiz até hoje foi participar das aulas do PIC, porque PIC eu fiz coisas que eu pensava que era impossível de fazer e imaginei.

"Eu e o PIC trouxe uma liberdade muito gostosa... Mele eu me sinto com outra pessoa - ouço "outra pessoa" porque no PIC eu desenvolvi tudo que eu pensava que era impossível de fazer." (Gulairia)

(38)

Para mim,

a aula de Hofe é tema,

Porque eu senti que os corpos mudaram
muito.

Porque eu desenvolvi um trabalho

Porque eu descobri que a arte é presente

^{em cada instante da nossa vida.}

e porque eu aprendi que a arte

tem uma importância fundamental

(39)

Para mim, a aula de Hofe foi ótima, porque eu

aprendi a trabalhar com a matéria, a pensar

o que é arte, a pensar o que é cultura, a pensar

o que é arte, a pensar o que é cultura, a pensar

o que é arte, a pensar o que é cultura, a pensar

o que é arte, a pensar o que é cultura, a pensar

(40)

A aula de hoy foi desculpada - fui inteligente
 porque entendi a razão pessoal porque
 houve negligência profissional dos professores do Rio.
 Esse ano, eu tentei conseguindo ser um
 - intelectual. Agora, eu já me considero um
 aluno mais - inteligente e uma pessoa
 útil à humanidade porque é de pessoas
 úteis e inteligentes que este Brasil está precisando.

(41)

Foto - Milias 40

Aprendendo...

... a -

Sentir

(42)

(Eu entendi que tudo que se vai
 fazer precisa ser que haja: carinho,
 de mais feia máfia: seu que
 (E o amor é essa tão menor)
 (que todos querem provar dele)

(43)

Pessoalmente eu acho que não é necessário.
O certo que descrever tudo aqui é ruim.
Um pouco de cada coisa, por exemplo:
as suas Tradições, cultura, costume, humor, crenças
etc., etc.

Na altura que fui aí, houve muitos dias
que fui mercadilheiro e vendei também que
descreveria o que é para ser um profissional de sucesso
é algo que só é dito de mim.

A minha auto avaliação também não

(44)

Assim ando por ai para que eu
pense quem sou eu como eu sou!
é verdade que eu penso como fiz alguma
coisa como deveria fazer mais nunca
pensei em fazer uma auto avaliação
desse modo; escrever palavras que
tem haver conigo, só fioje em diante
eu vou me olhar mais desse jeito para
ver como eu sou, só desse jeito que
estou bem; como devo agir futuramente
se eu estou bem assim, pensar como
agir com certas pessoas.

(45)

Eu apresendi a me expressar melhor,
 a ler milhares, a interpretar císteres
 tornar-se nova causa mais forte à
 peleja nova. Apresendi. Conhecer milhares
 a vida, seu. A história que eu li
 falava de uma garota que não
 tinha pera sua separação da mãe.
 E a mãe não ligava para ela.
 Com isso, apresendi a dizer mais
 belas à minha mente - apreendendo
 isso: vi que seu ardoroso te nai
 é tão fácil como eu pensava.
 O que seu tinha 58 férias
 muito interessante, tinha paixões
 que eu não sabia o significado
 e acabei me interessando em
 picar o significado elas. Até
 eu já gostava de ler, mas não
 lia histórias interessantes dia, sum
 romances, causas paixões, etc.
 Que seu desejo suas paixões eram,
 pais si ele não é meu pai
 do resto não muito interessante.
 Com tudo isso soube ter muitas
 paixões.

Ler ajuda a pensar.

(46)

Para mim,
 a amea de haja fez - ~~levo~~
porque seu objetivo é firmar
o protocolo de cooperação entre a
comunidade

(47)

Para mim,
 a amea de haja ~~se~~ só...
que seu objetivo é ferir o Brasil e o mundo

(48)

Para mim,
 a amea de haja ~~é~~ a amea de
que seu objetivo é ferir o mundo
do globo.

49

Dear Sir, in accordance with the
instructions of the Secretary of State for
Colonies, you will see one million
one thousand three hundred and forty
million dollars have been sent to the
Government of India, and that the same
amount has been deducted from the
sum of one million three hundred and
forty million dollars which had been
sent to the Government of India.

The logo consists of the letters "so" in a lowercase, italicized font, enclosed within a thick, dark oval border.

Para mim, a aula de física foi muito boa, foi
ótima. Respeitou eu muito fazer desenhos
e des profissionais, que é uma coisa muito
comum, mas que não tem nenhum problema.
Nós não sabíamos mais os professores. Os
professores não pediram para matemática porque
é como lógica e os alunos falam só a gente
no teste. Fiz

Hoje, quando entrei, quando a florada disse o assunto de trabalho, eu não tinha nenhum assunto para dizer. Repente, "pensou". Por isso que eu fui de Pic

Para encerrar este Capítulo, gostaríamos de apresentar auto-avaliações de alunos da Sala de Leitura do 1º CIEP de 5a. a 8a. séries (1985), onde implantamos o PIC, a convite da Direção.

E o trabalho que lá realizamos -professora & alunos- caracteriza a Sala de Leitura, segundo o testemunho dos alunos, como

- um lugar especial (1), importante (2) ;

- onde o inusitado acontece (3) e faz do dia de aula um dia especial (4) ;

- onde os momentos de reflexão, de trabalho mental(5), exercitam e provocam a originalidade dos trabalhos (6), incen tivando à arte e à composição poética (7), além de contribuir para a formação de valores e afirmação da personalidade(8).

Assim seguem, abaixo, 8 depoimentos que ilustram as referências que acabamos de fazer - referências depreendidas desses depoimentos.

C I E P

ALUNO : Marcos da Silva M T.: 5C2 Idade: 12 anos .



EEE SALA DE LEITURA EEE PIC -PEDAGOGIA DO CONFRONTO/LP

&& AUTO - AVALIAÇÃO EEE

Para mim, a aula de hoje ... Não ensinava...
disse... Só leitura porque ... A Sala de Leitura é um lugar
especial pra leitura, escrever, ler
e falar um pouco de literatura.

C I E P

ALUNO : Fábio de Souza T.: 4A Idade: 19 anos

EEC SALA DE LITERATURA EEC PIG - PENSAGEM DA COR, BOATO/LE

auto - avanti agli altri

Alas que se aprecia mucha menor actividad en el centro de la
ciudad, donde se observa una actividad económica y social menor.
Alas que se observa una actividad económica y social menor.
En la parte sur de la ciudad se observa una actividad económica y social menor.
En la parte sur de la ciudad se observa una actividad económica y social menor.

CONT

ALUNO : Diego Henrique da Cunha Britto Idade: 11 anos

三

Para mim, a aula de hoje é muito interessante porque é de experimento e aplicação. Estou a trabalhar.

C I E P

ALUNO : Leandro Cesarini Góes Télo: 502 Idade: 12 Anos

Para mim, a aula de hoje.....

C I E P

144

ALUNO : Edimara de Souza T.: 504 Idade: 10 anos.

⑥ Para mim, a aula de hoje ... foi... muito... interessante...

desenvolveu-se muito porque ... eu aprendi... muito... sobre
meu cérebro e também sobre como é que o cérebro
funciona. Foi muito interessante para mim. Eu gostei
muito da aula, para mim é ótimo o CIEP.
Mas, essa mensagem foi verdadeira, porque
na aula fomos de fato ao confronto com
mim mesmo. Tudo de vez.

C I E P

ALUNO : Carolina Vazquez T.: 504 Idade: 10 anos

⑥ Essa aula de LITERATURA SEE PIC-PEDAGOGIA DO CONFRONTO / LP

⑦ Essa AUTO - AVALIAÇÃO

Para mim, a aula de hoje ... foi... muito... interessante...
porque ... eu aprendi... muito... sobre o meu cérebro.
Me deparei com a parte que é minha vida:
o que é que eu sou e como sou.

C I E P

ALUNO : Cláudia Rezende T.: 504 Idade: 11 anos

② Para mim, a aula de hoje ... foi... muito... interessante...

porque ... eu aprendi... muito... sobre o meu cérebro.
Me deparei com a parte que é minha vida.

C I E P

ALUNO : Vânia Fabrício T.: 508 Idade: 14 anos

① Para mim, a aula de hoje ... foi... muito... interessante...

porque ... eu aprendi... muito... sobre o meu cérebro.

Passemos então, ao próximo Capítulo.

LÍNGUA PORTUGUESA

Olavo Bilac

Última flor do Lácio, inculta e bela,
Es, a um tempo, esplendor e sepultura,
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela.

Amo-te, assim, desconhecida e obscura.
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrolo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: "meu filho!"
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

CAPÍTULO V

LÍNGUA PORTUGUESA: UM PRETEXTO PARA O EXERCÍCIO DO SER EM LIBERDADE

"As pessoas sem imaginação podem ter tido as mais imprevistas aventuras, podem ter visitado as terras mais estranhas. Nada lhes ficou.

Nada lhes sobrou.

Uma vida não basta apenas ser vida:

também precisa ser sonhada."

(Mário Quintana)

Este capítulo destina-se à apresentação dos aspectos teórico-práticos que envolvem o "ensino" & a "aprendizagem" da Língua Portuguesa quando se torna um pretexto para o exercício do ser em liberdade.

Compõe-se de quatro seções: a primeira apresenta o capítulo e as demais se identificam pelos títulos:

- Língua Portuguesa: tão inculta quanto bela...

- Lingüística: um Conhecimento Essencial ao

Professor de Língua Portuguesa

- Vôo Livre: Caminhos do Coração...

Caminhos da Liberdade...

Língua Portuguesa: tão inculta quanto bela...

Língua Portuguesa: paradoxo tão bem definido, poeticamente, criticamente, por Bilac, como "esplendor e sepultura"...

A língua, patrimônio cultural de um povo, precisa - e a nossa, especialmente, merece - ser cultivada, ser preservada.

Cremos que, com isto, todos nós concordamos...

Nas próximas duas seções, nós apresentaremos, estrategicamente, o texto do aluno datilografado/corrigido, em primeiro plano, e o seu original (manuscrito), só ao final...

Assim procedemos para que o leitor pudesse chegar diretamente ao conteúdo sem a interferência negativa da forma — dos "erros de Português"...

Quantas vezes, (não só no texto aluno) a aparência empanga o brilho da essência... não é verdade?

Pois bem: parece-nos, pelo teor significativo das auto-avaliações, em geral, o que fica evidente é que, se o ensino ou... a aprendizagem "do Português" vai mal, o pensamento do aluno — dando-se-lhe condições! — vai razoavelmente bem, vai bem e até vai muito bem...!

Que se passa, então?

Questão conjuntural... (?)

Temos a convicção, pela nossa prática profissional, de que é mais fácil conseguir levar o aluno a pensar/expressar-se, logicamente, do que conseguir que ele chegue ao aceitável/sohnado domínio da forma.

Entendemos (e defendemos) que o escrever/falar bem deve

ve ser **mais que um DEVER, um DIREITO** do aluno... especialmente dos alunos das "classes populares", como os nossos - das escolas municipais, em geral.

E consideramos que este **direito** deve se aplicar a toda aquisição de **conhecimento**, a todo acesso ao **saber...**

Por que os que já têm **muito** ainda precisam de **mais** e... os que têm **pouco** devem se contentar com **menos ...?(!)**

O momento de crise generalizada que atravessa o nosso país, o nosso povo, nos faz perceber o realismo das palavras de Rollo May:

A **perda da eficácia da linguagem**, por estranho que pareça, é sintoma de uma época histórica **conturbada**. Quando se estuda a **ascensão e queda** de uma era, nota-se que a linguagem é vigorosa e expressiva em determinados períodos (...) e, em outros períodos, mostra-se **débil, vacua e inexpressiva**, como quando a cultura grega se **despersou** e quase desapareceu. (May, 1991)

Nosso país, nossa língua, assim se mostra(m).

Triste.

Mas, se o povo é uma massa numerosa, inatingível, o nosso aluno nos é próximo, está ao alcance das nossas mãos, do nosso trabalho.

Lembremo-nos:

...**diariamente**, em presença de **nossos semelhantes**, já mais defrontamos com o **homem em geral**, mas sempre com um **homem particular**, um indivíduo que freqüentemente constitui um **enigma**, um problema, cuja **solução** só pode ser encontrada **nele mesmo**. (Filloux, 1966)

Ali está o nosso aluno: com um toque podemos despertá-lo... facilitar (inclusive, em termos Rogerianos) a sua busca... que, em busca do auto-conhecimento, se revele, desvende o seu enigma... entreviste-se... comunique-se consigo mesmo, pois

a comunicação consigo mesmo é o caminho adequado que o indivíduo possui para se reajustar. (Rudio, 1987)

Reajustar-se: encontrar-se consigo mesmo, escapar à solidão do século, reconquistar o seu eu (self) perdido, pois

Junto com a perda do senso do self desapareceu a linguagem de comunicados profundamente pessoais. Este é um importante aspecto da solidão vivida no mundo ocidental. (May, 1991)

É preciso ter liberdade para ser, mas não para ser só, sozinho, "jogado-no-mundo" ...

É preciso re/descobrir - como os alunos, no PIC - que o homem é ser com o outro - o companheiro, segundo elemento essencial ao diálogo da vida.

A profunda desconfiança da linguagem e o empobrecimento de nós próprios e de nossas relações, que são simultaneamente causa e resultado, generalizam-se em nossa época. Experimentamos o desespero de não poder comunicar a outros o que sentimos e o que pensamos - e o desespero ainda maior de sermos incapazes de distinguir o que sentimos e o que somos. (May, 1986)

Aqui talvez esteja elaborado em teoria o que o PIC - ao contrário - alcança na prática: confiança na linguagem que é meio de enriquecimento recíproco entre alunos e professor... fugindo ao clima de uma época... livre pensamento/livre comunicação... identificando, descobrindo "o que sentimos e o que somos"... fazendo, assim, da língua portuguesa um pretexto para o exercício do ser em liberdade...

Como nos coloca Hélio Pellegrino:

A linguagem falada e depois escrita constitui o chão da LIBERDADE. Através de seu uso é que os seres humanos se fundem, enquanto sujeitos livres, capazes de transformar o mundo e inventar novos caminhos. (in Rio de Janeiro, 1991)

E há um lugar perfeito - sob medida - para isto: a sa

la do PIC, onde "seres humanos se fundem, enquanto sujeitos livres..."

Já a emoção é um ingrediente básico: acreditamos, como Cassirer, que

a linguagem não é um fenômeno simples e uniforme. (...) precisamos, por assim dizer, distinguir os vários estratos geológicos da linguagem. O primeiro e mais fundamental é, evidentemente, a **linguagem das emoções**. Grande parte de toda a expressão oral humana ainda pertence a esse estrato. (Cassirer, 1977)

O professor precisa estar atento: saber que espécie de ser é o seu aluno... trabalhar com ele temas que lhe "falem ao coração", como o concebia Pascal. Afinal,

dificilmente se encontrará uma sentença - com exceção talvez das sentenças formais puras da matemática - que não tenha certo matiz afetivo ou emocional. (Cassirer, 1977)

Esse filão - afetivo ou emocional - é uma espécie de via de acesso: por ali se começa... aonde vai chegar?

Só a imaginação, o querer e o talento decidirão...

Cassirer nos informa:

Linguagem e mito são parentes próximos. (...) São dois brotos da mesma e única raiz. Sempre que encontramos o homem, vemo-lo na posse do dom da linguagem sob a influência da função mito-criadora. (Cassirer, 1977)

E, como "o homem é projeto de si mesmo": cria, mitifica... transcende, com a ajuda da linguagem.

A linguagem se faz de um elemento muito forte, mágico — a PALAVRA.

(No princípio era o Verbo e... o verbo habitou entre nós...) Heráclito & a palavra:

...no pensamento de Heráclito, a **PALAVRA**, o **Logos**, não é simplesmente um fenômeno antropológico. Não está confinada nos estreitos limites do mundo humano, pois possui verdade cósmica universal. Mas em lugar de ser um

poder mágico, é compreendida em sua função semântica e simbólica. "Não me ouças" - escreveu Heráclito - "mas ouve a **PALAVRA** e confessa que todas as coisas são uma só". (Cassirer, 1977)

A palavra não cabe dentro de um análise sintática (é uma caixa pequena demais para ela)...

A palavra é parte nobre da linguagem.

A linguagem precisa ser considerada mais como uma energia e não como um ergon. Não é uma coisa já pronta e acabada, mas um processo contínuo - o trabalho sempre repetido do espírito humano para utilizar sons articulados na expressão do pensamento. (Cassirer, 1977)

O homem deve servir-se da linguagem, como o músico, do seu instrumento que - por sinal - quanto mais afinado, melhor soa...

Ademais... lembra-nos Wittgenstein

Os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo. (in Giles, 1979)

Ao professor de língua portuguesa - por excelência - cabe, **didaticamente**, criar condições propícias para que esses limites se superem a cada encontro, a cada trabalho a dois...

E a linguagem do encontro (Buber, 1979) mediando o dia logo professor-aluno.

E Bollnow (1974) nos fala de outro encontro: o educador deve

preparar e facilitar o encontro para que o aluno, se o evento lhe sobrevier, saiba o que está acontecendo, para que não recue diante do encontro e recaia na atitude sem compromisso.

Este é o encontro do aluno com ele mesmo:

Eu descobri que valho alguma coisa. (Ana Paula, T.503)

Este é um depoimento tão importante, único mesmo, que

não nos cansamos de repeti-lo.

A aula de Língua Portuguesa já produziu algo de bom esta ano, nesta turma... "despertou uma consciência ainda ignorante", como define Georges Gusdorf (1978).

Quantas vezes, a inexpressão (May, 1980) do aluno ad-vém de lhe faltarem as palavras para dizer o que sente, o que pensa: a **palavra** é, por vezes, muito **pobre** para expressar toda uma **riqueza** interior que - de súbito aparece. Ullmann (1973) nos reporta, em sua **Semântica**, o protesto de alguns poetas a respeito.

Sabemos ainda que o aluno também pode se mostrar **caldado**, ou **não inspirado** ou com **dificuldades** para **expressar** os seus pensamentos e sentimentos por uma série de fatores como ignorar/bloquear a intuição do aluno, em relação à gramática, como competência que deve ser considerada (Genouvrier, 1974), tão retrógrados são os métodos e as práticas que não alcançam o aluno atual (Rodari, 1982).

Como se ignorava que o aluno tem - como o mestre - competência inata para o desempenho... é capaz de **aprender** a língua (Saussure, 1969) sem que tanto precisem **ensinar-lhe** (!) "O imaginário no poder" proposto por Jacqueline Held (1980), mais as aulas de Alice Miel (1972) podem ajudar a revitalizar o ensino, de forma saudável.

A **palavra** tem um poder mágico tão grande que assume relevante papel na psicanálise - mesmo quando não é dita, ou quando é dita em lugar de outra. (Goeppert, 1980)

Esse poder mágico é grandemente responsável pelo que acontece no PIC - o "Delfos da petizada".... (Pretensão afetiva!)

Aproveitando o tom, vamos mostrar quatro peças da "última flor do Lácio":

Pedimos a atenção da Directoria Geral da Saúde Pública para a Escola Pública que funciona à Rua (...), não há a menor hygiene (...) a caixa tem mais de dous palmos de lama... (JB, 1921)

Cançado de luptar e de soffrer oppremido (...) com o corpo martyrisado... (Camões, 1871)

En gran coyta, senhor, que peyor que mort'e, vivo per
boa fé, e pollo voss'amor. (D.Denis, in Silveira, 1972)

Grammatica da Lingüagem Portuguesa. (Williams, 1973)

É um espanto (!) - sejamos sinceros...

Todas estas quatro peças (de museu) são legítimas vestimentas do nosso vernáculo... é o caráter dinâmico da língua: nada mais... português arcaico: em desuso, parece feio...

É assim que o falante nativo faz: intui e grafa com os recursos de que dispõe.

Não é isto - por acaso - que fazem os nossos alunos?

E como isto nos causa ma impressão (!) que, às vezes, condenamos às profundezas um texto de aluno: o preconceito em relação à forma não nos deixa chegar ao verdadeiro conteúdo...

Condenar a obra às vezes soa como condenar o artista.

Todo rigor excessivo tem sérias consequências (Foster, 1964). Os "erros" são sintomas... os "erros gravíssimos" são sintomas gravíssimos! Cumpre tratar com urgência... senão o mal só se agravará. Não basta, pois, dizer ao portador da doença que ele está muitíssimo mal e condená-lo ao confinamento... Tratar, prevenir, curar é competência do doutor, o professor...

E a Lingüística pode ajudá-lo. Vamos a ela?

Lingüística: Um Conhecimento Essencial ao Professor de Língua Portuguesa

Convocamos, para esta seção, uma pléiade de estudiosos da lingüística para que possamos situar em que contexto tensional ocorre o exercício da linguagem: as prerrogativas e cerceamentos de um **falante nativo** que se pretenda em liberdade, quanto ao uso do vernáculo.

E este personagem - falante nativo - é o nosso aluno, que vai à escola para aprender várias matérias, inclusive Língua Portuguesa...

E, em sendo a língua um instrumento de "mil e uma utilidades", através dela o homem assimila a **cultura**. Isto traz implicações que Benveniste (1968) assim analisa:

"A **cultura** é inerente à sociedade dos homens, qualquer que seja seu nível de civilização. Ela consiste numa multiplicidade de **noções e prescrições**, envolvendo tam bém **proibições específicas**; o que uma cultura proíbe a caracteriza tanto quanto o que ela prescreve. O mundo animal não conhece proibição alguma."

O homem sim.

E a língua de que se serve lhe mostra isto tão bem que, se ele não lhe obedece, pelo menos nas "prescrições básicas", ela se nega a servi-lo. A liberdade para o uso de uma língua tem limites - o da gramaticalidade da frase, por exemplo, é inarrável...

Tomando-se a **cultura** como o somatório das conquistas do homem, ao longo de sua história, nela vemos, pois, inserida a língua.

E é Pagliaro (1967) que nos diz:

"A língua constitui a **imagem mais completa e genuína** da fisionomia natural e histórica dos povos (...) o **reflexo de todas as experiências internas e externas, de todas as conquistas e de todos os contrastes**, por que esse povo passou na cadeia das gerações."

E, considerando que cada povo é, em verdade, uma comunidade de seres individuais, estes seres, enquanto células vivas, refletem o grande organismo...

E, assim, Pagliaro complementa:

"(...) observamos o mesmo na fala individual: nada revela melhor a **fisionomia interior** de cada indivíduo, a sua cultura ou ignorância, o seu gosto ou tacanhez, do que a sua expressão lingüística." (Pagliaro, 1967)

A fisionomia interior de cada indivíduo: quando se permite ao indivíduo - nosso aluno - o exercício da liberdade de expressão, como esta **fisionomia interior** se revela (!)

E é preciso, então, não perder de vista que

"Todas as solidariedades sociais e históricas que se reúnem no indivíduo encontram expressão nas formas lingüísticas: a família, a cidade, a espécie de trabalho, a região ou o país, dão lugar a solidariedades expressivas de **índole particular**, que vão de algumas características idiomáticas à gíria, ao dialeto e à língua." (Pagliaro, 1967)

A tudo isto um professor de língua materna tem que estar atento, ou dificilmente entenderá o universo lingüístico do seu aluno.

Precisa ainda o professor compreender que

"Toda língua comporta variações... (...) variantes que se podem chamar dialetais: variantes especiais (...), variantes de **classe social** (...), variantes de **grupos de idade** (...), variantes de **sexo** (...), assim como variantes de **gerações** (...), variantes de **registro**." (Rodrigues, 1968)

Este nosso aluno - adolescente - obviamente, não tem a nossa idade, muito menos pertence à nossa geração e... ainda

não concluiu o curso universitário (!)

Quantas variantes comporta o seu discurso...quão distante está do nosso... E, da mesma forma o nosso está distante para o aluno. Lembramo-nos disto...?

Quantos de nós não?

Bem, agora, com a ajuda de Langacker, Genouvrier & Peytard, Mattoso Câmara e Halliday (et alii), examinemos - de forma diferente - aspectos da língua portuguesa que, de algum modo, se tornam **obstáculos** para o exercício da liberdade de expressão do nosso aluno.

1. Langacker (1975):

"Uma língua é um conjunto de regras dominado pelo falante; não é nada que um falante faz. O mesmo tipo de distinção pode ser feito entre uma sinfonia e sua execução. Não importa de que maneira seja a sinfonia executada, ela permanece inalterada (...) A estrutura de uma língua não é afetada, quando seus falantes fazem erros ao falar, assim como uma sinfonia não é afetada quando não é bem executada."

O medo de fazer "erros ao falar", ao escrever, como insinua, no aluno, a liberdade de ser um "falante nativo".

2. Genouvrier & Peytard (1974):

"O papel da escola será complementar e compensar a "cultura verbal" recebida no ambiente familiar. (...) Lamenta-se com frequência que o vocabulário das crianças pertença antes à gíria do bairro (...) do que à língua de Vieira e Bernardes. O mestre deveria, então, levar as crianças a expressar seus pensamentos e sentimentos, oralmente ou por escrito, numa linguagem correta. (...) Todo desvio é sancionado - notado ou punido."

Como o aluno parece culpado(!)

Culpado de ter nascido naquela família, naquele bairro... de ter aquele falar...

Como expressar-se livremente se há um censor a bordo,

se há uma caneta vermelha em riste... (?)

3. J.Mattoso Câmara Jr. (1961)

"Que é, em princípio, a **correção**? (...) A correção é a obediência ao **padrão lingüístico**. (...) Cada um de nós faz um trabalho mental **espontâneo** no material lingüístico, depositado na memória, e dele tira **conclusões aberrantes**."

A própria ação mental também concorre para que a liberdade de elaboração atrapalhe a liberdade de expressão... (Ironia!)

4. J.Mattoso Câmara Jr. (1970):

"(...) Como quer que seja, a **língua escrita** ele tem de aprender **na escola**; (...) tantos estudantes psiquicamente **normais**, que falam bem, e até com exuberância e eloquência, no intercâmbio de todos os dias, são **desoladores**, quando se lhes põe um lápis ou uma caneta na mão."

Será que é porque sente-se "só e sem desculpas... condenado a ser livre...?"

Ou (também) porque está diante do seu censor, o professor?

Talvez mais porque a fala é instintiva, natural... a escrita, artificiosa, exterior...

5. J.Mattoso Câmara Jr. (1962)

"...sucede que **esse sistema** (a língua) é comum a toda uma **coletividade** (...) tende a se impor como uma **norma** a todos os indivíduos; (...) o **cerceamento da personalidade** que a norma lingüística acarreta é a dificuldade de exprimirmos com o sistema intelectivo da língua o mundo emocional, que envolve, espontaneamente, todo e qualquer pensamento."

Se a **norma** é elemento **cerceador** da espontaneidade, o **professor** precisa ser **facilitador**... e, se o for nos moldes de Rogers, o registro individual irrompe espontâneo e a comunicação acontece!

6. Halliday et alii (1974):

"Quando chega a época em que a **sociedade** exige do **indivíduo** que acrescente à habilidade da **fala** a de **ler e escrever**, existe uma forte motivação para fazer isso, pois a criança geralmente **descobre** bem cedo que as **pesadas iletradas** são relegadas a fazer parte de um grupo desfavorecido dentro da comunidade."

Liberdade e inocência caminham juntas...

Mas só até o advento da consciência da responsabilidade sobre o futuro...

Passaremos, agora, a examinar pontos de vista de Langacker, Dubois, Sapir, Pagliaro, J. Mattoso Câmara Jr., Jakobson e Head - em que se vislumbram algumas alternativas que favorecem o exercício da liberdade de expressão do nosso aluno.

1. Langacker (1975):

"As crianças mostram uma habilidade surpreendente para falar qualquer língua constantemente usada ao seu redor. (...) A aquisição da língua vernácula pela criança independe de qualquer orientação especial. A única coisa aparentemente necessária é ficar suficientemente exposto à língua em questão."

Realmente: nenhuma criança - ao que nos conste - fez "curso de português" para aprender a falar... tem a competência: está livre de "lições"... o desempenho vem por acréscimo, naturalmente...

Melhorar esse desempenho: expor esse "nativo" à língua, a bons textos... tarefa para o professor.

2. Langacker (1975):

"Um exemplo mais comum de nosso respeito para com a palavra escrita é a preocupação predominante na sociedade atual, de não cometer erros de grafia. Não há realmente uma boa razão pela qual uma palavra tenha de ser escrita de uma única maneira e nos dariamos perfeitamente bem com um sistema pelo qual cada pessoa escrevesse uma palavra da maneira que lhe parecesse melhor. Era esse o costume nos primeiros séculos e não causava maiores dificuldades."

Era esse o costume nos primeiros séculos e não causava maiores dificuldades."

Tivemos oportunidade de ver no Capítulo III como "deficiência de forma" não implica necessariamente "deficiência de conteúdo", quando os alunos se auto-avaliam com significativa expressividade, apesar dos "erros de Português"....

3. Dubois (1976):

"O lingüista diz, portanto, implicitamente, que determinadas construções não convêm a determinadas circunstâncias. Mas, também aqui, há passagem da norma de príscritor às normas das situações e dos utentes."

Nem sempre o tom erudito, culto, de uma conferência... nem sempre o tom informal de uma reunião familiar... é como um traje: é preciso saber escolher, de acordo com o evento, com o lugar... mas a liberdade de escolha está aqui defendida.

4. Sapir (1971):

"A arte é uma expressão tão pessoal que não nos apraz senti-la jungida a uma forma predeterminada, seja qual for. As possibilidades da expressão individual são infinitas, e a linguagem, em particular, é o mais fluido dos meios."

Assim se confirma, quando a criança se exercita nos seus madrigais... sente-se poeta: sua primeira poesia é tão pessoal que, até por isto, lhe flui espontaneamente.

5. Pugliaro (1967):

"Hoje não existe já uma distância tão profunda entre a língua literária culta e a língua do uso comum. A língua culta com todas as suas gradações, que vão da linguagem dos jornais à da poesia, quase se identifica com a língua escrita, constituindo um aspecto da língua comum, enquanto um outro aspecto é constituído pela língua falada."

Nos estilos cultos mais soltos, mais livres de hoje, encontramos uma alternativa - um recurso didático - para colo

car os alunos em contato com registros expressivos da língua portuguesa (já que a língua falada anda oferecendo tão pouco).

E o aluno vê que é possível escrever bem e com liberdade.

6. J.Mattoso Câmara Jr. (1961):

"**Nem sempre** são possíveis as prescrições gramaticais. Há muitas catalogações de supostos erros que não passam de **prescrições arbitrárias** dessa ordem. (...) Em regra, diante de uma **discordância** de uso (...) a escolha deve antes de tudo pautar-se pela **nossa preferência pessoal**, a fim de nos sentirmos bem integrados na língua que empregamos, livres daquela penosa impressão de quem enverga uma roupa que intimamente não lhe agrada."

Com esta licença dada pelo mestre Câmara, o professor pode sentir-se seguro em incentivar o seu aluno a pautar-se pela sua preferência lingüística pessoal - a "envergar uma roupa que lhe agrade..." (!)

Liberdade de expressão!

7. Jakobson (1974):

"A chamada função **emotiva** ou **expressiva**, centrada no **remetente**, visa a uma expressão direta da **atitude de quem fala** em relação àquilo de que está falando."

Esta é a função da linguagem que melhor serve ao aluno do PIC - pois que ele fala de algo vívido/vivido... certamente por isto os depoimentos sejam tão **expressivos...** tão livres.

8. Head (1968):

"Os **estilos refletidos** ou formais resultam do desejo que qualquer indivíduo manifesta em certos momentos de tornar o seu ato de fala o **mais adequado** possível às circunstâncias em que este se realiza; os produtos dos atos de fala mais **espontâneos** representam estilos não-refletidos ou coloquiais."

O nosso aluno escreve **muito** como fala...

Dos depoimentos diários (auto-avaliações) ao livro, escrito ao final do ano, notamos que a liberdade de pensamento e de expressão permite surgirem, naturalmente, estilos não-refletidos... são os primeiros passos em liberdade, num novo trabalho...

Depois há o desejo de aperfeiçoar o estilo para compor o livro... E tudo é muito bom (!)

Para concluirmos esta seção, escolhemos três passagens do mestre Celso Cunha (1975), que gostaríamos de subscrever, tal a oportunidade de seu teor.

1ª) "Língua de contrastes, sob certos aspectos excessivamente conservadora, sob outros muito evoluída; ora com progressões rápidas, ora com regressões violentas; língua de clérigos e notários, de "bons latinos", mas também língua de guerreiros e conquistadores; língua mais apta para a poesia do que para a prosa, o portu-apresenta todas aquelas liberdades e indecisões que caracterizam as línguas de base essencialmente rural, nas quais a força niveladora das cidades ou não se exerceu, ou veio a agir tardivamente."

Esta é a língua que tão bom comportamento quer exigir dos seus "utentes" ... mas, jocosamente, diríamos: "teu passando te condena...": é uma língua cuja ebullição contagia seus usuários de uma certa "indisciplina"...(rebeldia criativa?)

Mas...ainda que "rebelde", quando "comportada" não deixa de ter sua beleza, não é mesmo?

2ª) "Não é uma unificação, uma uniformização da língua o que sugerimos. (...) O que desejamos é que, através do ensino, se resguarde a atual unidade superior da língua portuguesa, os traços essenciais que ainda permitem a compreensão entre os seus usuários."

Em que pese esta justa preocupação, da qual participam, em geral, os professores de Língua Portuguesa, apenas tememos que sejam cuidados insuficientes, posto que grande massa

do povo não anda tendo acesso ao ensino ...

De qualquer forma, acreditemos e invistamos no efeito multiplicador daqueles poucos que ainda podem ter contato com o ensino, freqüentar uma escola...

3a) "Ao largo do tempo, a profecia é verdadeira: 'Não há língua no mundo que não venha a fragmentar-se ou a extinguir-se um dia. (...) Diferenças sempre haverá, e muitas são até desejáveis. Lutemos, porém, para que elas não ultrapassem aquele matiz ideal preconizado por Jorge Luiz Borges - 'um matiz que seja bastante discreto para não entorpecer a circulação total do idioma é bastante nítido para que nele ouçamos a pátria."

Plenamente, de acordo, Borges!

Encerramos, aqui, esta sessão, que pretendeu situar as implicações do ensino da língua, mais no campo teórico.

E... o que se passa na prática - nossa prática - vem aí na próxima sessão...

Vamos, agora, ao "Vôo Livre", um texto criado por nós e pelos nossos alunos e apresentado na abertura do I ENCONTRO DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO, em 1984, na UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro).

Foi um encontro promovido pela Secretaria Municipal de Educação/RJ, organizado pelos professores do PIC para os professores de Língua Portuguesa (núcleo comum) e pessoal da SME.

Vamos ao vôo ...

Pelos caminhos do coração...

Nas asas da liberdade ...

" V Ó O

L I V R E "

Profª Sueli Costa *

" Todo homem tem direito à liberdade
de pensamento e expressão. " "

(D.U.D.H.)

" V O O
L I V R E "

caminhos do coração...
caminhos da liberdade...

aqui

a visão de uma professora e seus alunos
no convívio "humano-pedagógico" do PIC:

os primeiros momentos

em emoção e trabalho
em erros e acertos

e

sobretudo

em persistência ...

persistência

esse fermento responsável

pelo crescer

da

massa (!)

- massa:

o grande desafio (!)

(... é imperioso olhar, decompõe-a,
ou então ...)

1. EMPATIA / apatia

...E tudo começa bem, entre professor e aluno, quando o professor procura instalar na sala de trabalho um clima em que o aluno se sinta amado, desejado, respeitado, na sua dupla condição de humano: **ser sensível / ser inteligente...**

Só a sinceridade possilitará, pela confiança, um de sabrochar frutífero do aluno.

ALUNO:

O PIC ajuda aos necessitados, criando situações incríveis e soluções inacreditáveis.

O PIC constrói um clima de amizade (incrível) jamais criado por alguém: ele transforma a pessoa de uma tal maneira, que o aluno, ao assistir à aula, nunca mais quer se soltar dela. O PIC "dá uma chave" no aluno que ele não pode fugir às situações propostas pelo professor...!

O aluno que vem pela primeira vez a uma aula do PIC, ele se sente meio inibido... a partir da segunda aula, o aluno vai ficando inspirado a fazer coisas, que ele não podia pensar que tinha aptidão para fazer.

O clima da aula do PIC é fabuloso: dá-nos inspiração...sentimentos, como se pudéssemos descobrir a solução para os problemas do mundo.

Se o mundo não vem ao PIC, o PIC irá ao mundo!

- este é o meu sentimento e esta é a minha pretensão...

(APARECIDO - 8^a s., CIMFA)

C U I D A D O ! F R Á G I L !

Quando olhar em volta,
verifique a embalagem:
se for gente,
toque com cuidado,
porque - dentro -
há um coração
frágil ... frágil...

Toda pessoa é
lindo cristal bem frágil...
quando se parte:

m u l i p a r t e
— restos mortais de um coração (!)

2. LIBERDADE / imposição

... E todo homem nasce livre: se sufocado, morre...

mata ou...

s o f r e (!)

Assim, a empatia - primeira - logo lembra ao professor que também o aluno gosta de liberdade:

liberdade de pensamento... liberdade de escolha...

liberdade de expressão... (!)

E... assegurar a liberdade é

praticar a democracia ...

ALUNO:

Se não houver liberdade,

não há meio de chegar ao mundo maravilhoso da fantasia,

onde tudo se realiza...

e esta liberdade deve ser "quase" total,

pois não existe esta liberdade total...

(nem um papel, largado do alto de um prédio, fica em liberdade total, pois a força da gravidade o atrairá ao chão ...)

... mas, no PIC, a liberdade é tão suficiente,

que podemos criar coisas maravilhosas,

como este trabalho que acabo de fazer!

(PAULO RICARDO, 8^a s., CIMFA)

" Gaivota doirada "

- Gaivota doirada,
que, aos raios do sol,
pareces rainha,
responde à pergunta
que, há muito, é minha:
" Que sábios ouviste (?)
Quem foi o teu mestre (?) "
pois
livre tu nasces
livre tu vives
... não és como o Homem
que livre nasceu
mas
o que é liberdade
há muito esqueceu (!)

3. ALEGRIA / rebeldia

... O professor

que já inspirou c o n f i a n ç a

que já assegurou l i b e r d a d e

já não pode evitar um "efeito colateral":

a a l e g r i a

realçando o brilho de cada olhar (!!)

A a l e g r i a "levanta o astral"... tranqüiliza

e... gera motivações positivas.



ALUNO:

PIC é alegria...

os trabalhos são diversos...

minha alegria é confiante,

meu trabalho é bonito... me permitindo liberdade,

rebeldia não existe, enquanto eu estiver trabalhando...

...pois a alegria é realizar o que me permitem
a liberdade dada e a confiança inspirada pela minha professora...

Verso realista mostra minha alegria:

nem sempre rebeldia

pois o meu serviço

é feito com alegria...

(DIOVANI - 8^a s.CIMFA)

" A L E G R I A : UM DOS DIREITOS HUMANOS ... "

... é

quando se oferece
que mais se ganha: alegria (!)
reconforta
reanimia
reconstrói
o espírito ... (!)

Projeta-nos
no espaço ilimitado
da felicidade ...

permite que se perceba
o arco-íris
surgindo por entre a chuva ...

a alegria:
um dos "Direitos Humanos" ... (!)

4. INSPIRAÇÃO / bloqueio

... e a reação-em-cadeia continua:

confiança
liberdade
alegria

i n s p i r a ç ã o !

O bloqueio vai-se rompendo: a auto-segurança irá propiciar a liberação do que está contido, pois o medo
o medo cedeu lugar à coragem de criar ...

ALUNO:

O PIC é um lugar onde expomos nossas idéias...
e mais: é um lugar em que, de súbito,
"pinta uma inspiração"!

Essa inspiração repentina origina-se do clima, do ambiente que se forma no PIC. A liberdade é um dos fatores que nos levam a ter inspiração.

A professora tranquiliza o aluno com sua atitude carinhosa; há união entre alunos.

A inspiração é um sentimento muito importante, pois nascemos com ela e, às vezes, não sabemos usá-la...

Portanto...

o PIC é o lugar ideal para

libertarmos nossas idéias e
encontrarmos "um jeito" para
criar palavras, versos, poesias, livros...

(CLÁUDIO - 82 s., CIMFA)

" INSPIRAÇÃO: o belo batendo à porta..."

... mágica brisa
que suave chega (!)

... instala-se, aninhando-se
- não para adormecer

mas para despertar o belo (!)

... afasta os "fantasmas",
traz o colorido onírico dos contos de fada
para a ponta dos dedos:

é só dispor de papel... de lápis ...

... depois, é só comemorar !!!

5. ORIGINALIDADE / cópia

... Sendo a **inspiração** um processo que permite a liberação do mundo interior, a **originalidade** é fenômeno decorrente, natural...

Então, direto-da-fonte,
a marca de cada um é imprimida, com fidelidade,
 em cada trabalho... (para felicidade do autor!)

ALUNO:

No PIC,
 todos os trabalhos são originais...
 tão originais,
 quanto a Natureza...
 como uma criança,
 que nasce da necessidade de
 um amor ...

Na realidade do pensamento,
 surge uma inspiração,
 a qual dá idéia a um trabalho ideal
 e de intensa originalidade ...

(OSVALDO, 8^a s., CIMFA)

" QUANDO EU SOU O EXPLORADOR... "

... é como um tesouro
perdido no fundo do mar:
repousa inútil
até que um explorador
ousado, corajoso
resolva arriscar-se na viagem ...

Eis que o tesouro ressurge:
- E esse ouro é todo meu ?!
... e as "jóias" que eu fabrico
são obras da ourivesaria da minha imaginação...(!)

6. PRAZER / obrigação

... Ver-se no próprio trabalho (!)

... Descobrir-se capaz (!)

... Conhecer-se por-dentro (!)

... Experimentar a sensação de
usar a sua própria idéia (!)

Isto significa um prazer - um raro prazer...

E... poder unir TRABALHO & PRAZER

... algo não muito comum (!)

ALUNO:

PIC: prazer de estudar !

Prazer, indiscutivelmente, o aluno sente,

ao ter uma aula do PIC.

Não custa nada...

é de graça e

você descobre que é intelligentíssimo...

O prazer do aluno, no PIC,

se resume na capacidade de o aluno

desenvolver a sua própria

inteligência...

(APARECIDO - 8^a s., CIMFA)

" QUE PRAZER ! "

É como o lavrador
a lavrar a terra que é sua:
que prazer (!)

É como a tecelã
a tecer o linho que é seu:
que prazer (!)

Diz o ditado:
quem corre por gosto
não cansa ... (!)

7. RESPONSABILIDADE / obediência

...E, quando se faz um trabalho por l i v r e opção,
não há o caráter "obediência".

...Assim, o aluno que está e n v o l v i d o, criando o seu trabalho, só tem uma "obrigação": auto-realizar-se... agradar a si mesmo...

Ele se torna **responsável** por sua obra,

como o princípio por sua rosa... (!)

ALUNO:

O aluno
aumenta a sua responsabilidade,
quando conhece o PIC
pois o aluno
se empenha num trabalho
do seu gosto...

como o sol:

o sol
tem a responsabilidade de
nascer a cada dia... (!)

(PAULO RICARDO, 8^a s., CIMFA)

" VIVER: escultura cobiçada... "

... vem de mim
e p'ra mim volta:
sou eu... l i v r e !

... envolvo-me,
entrego-me:
 forma
 conteúdo
 cor
 - corpo e alma (!)

Sou responsável
por este sentir ... por este curtir...
por este fazer ... por este viver... !

8. TRABALHO / estagnação

... O envolvimento substitui a alienação.

... A ação elimina a passividade.

... E ... o trabalho aparece (!)

A imaginação produz e

as mãos confeccionam ...

- | | |
|----------|---------|
| . ferro | . obras |
| | ? |
| . bronze | . obras |
| . prata | . obras |
| . ouro | . obras |

ALUNO:

No PIC,

o trabalho é

uma das principais exigências.

Assim...

necessita-se,

fundamentalmente,

de uma inteligência

adequada

para o momento certo.

(OSVALDO - 8^a s., CIMFA)

" O EU - sem retoques "

A imagem e semelhança
do artista
surge a obra:

as nuances
revelam as escolhas...

e as escolhas
são pessoais...

— na obra de cada um,

o eu - sem retoques (!)

9. PROGRESSO / recessão

...Se sair do "ponto zero" foi importante,
 progredir continuamente e aos saltos (!)
 é fato inusitado, dado o atual contexto educacional...

O que fazem — juntos —

- . um clima renovado / envolvente
- ! . uma liberdade **v i v e n c i a d a**
- . um auto-conhecimento "batalhado"

sensibilidade + inteligência + ação = progresso (!)

ALUNO:

Desenvolvemos a mente...

a capacidade de nos expressarmos...

a criatividade...

Nossa força de vontade nos conduz a criar

incríveis trabalhos

em que nossas diversas idéias progridem,

despertando o que há

dentro das pessoas

e que elas ainda

não tinham

procurado desenvolver.

(LUCIENE - 8^a s., CIMFA)

" OUTROS MUNDOS - eis o desafio ... "

... percebo uma linha
... descubro o horizonte
... vou até lá !

contemplo... examino... verifico a verdade física:
o céu não toca a terra.

- Mais um fato do universo
passa para o mundo dos meus conhecimentos...
Preciso, agora, de uma astronave:
desejo conhecer o espaço sideral ...!

10. SUCESSO / fracasso

... Finalmente,

quando o **aluno sente** que **ele** superou suas dificuldades, pois tem diante de seus olhos
o resultado positivo de sua "batalha"
esse **aluno conclui** (sem ir ao dicionário) que **SUCESSO** é **sinônimo** de **TRABALHO**: o "efeito útil de uma força" ... (!)

ALUNO:

Vencer obstáculos:

o sucesso!

O PIC com suas **novidades...**

a professora está apenas como "a cabeça" ...

eu, como aluno -

propondo ou fazendo o que o PIC propõe
posso viver o trabalho...

A minha alegria

está no sucesso

do meu trabalho...

A glória está em

vencer os obstáculos que
a língua portuguesa oferece...

(DIOVANI, 8^a s., CIMFA)

" P A L A V R A: semente a escolher..."

Lutei, alcancei !

Era impossível crer ...!

Tem, assim, um sabor

de figura delineada,

pois reforçar-o-traço

é trabalho cotidiano:

palavra é semente,

semente a es colher

e merece ser re plantada

não pode, ali, se perder !

" NO MEIO DO CAMINHO

TINHA UMA PEDRA

TINHA UMA PEDRA
NO MEIO DO CAMINHO..."

(Carlos Drummond de Andrade)

A VIDA: UMA PEDAGOGIA DO CONFRONTO !

Res. 06/07/84

Cecília

Tô aqui para lhe fazer a "festa".
 Fiz o meu trabalho!
 Como me orgulho de o ter
 iniciado. Projeto isso abriga os
 os resultados. Eles existem

e aconteceram por força da
 sua competência e dedicação.

Sua grande e afectuosa
 abraço,

Terezinha Saraiva



Nota: O PIC foi uma iniciativa da Professora Terezinha Saraiva, enquanto Secretária Municipal de Educação e Cultura (1979 a 1982) no Município do Rio de Janeiro, tendo contado também com o apoio de pessoas da SMEC, como Profª Berenice Piçango, Prof. Flávio Gustavo T. Filho e Profª Clair Barbosa, além de outros professores que integravam a ASE/SMEC.

" DAQUILO QUE EU SEI "

Daquilo que eu sei
nem tudo me deu clareza
nem tudo foi permitido
nem tudo me deu certeza

Daquilo que eu sei
nem tudo foi proibido
nem tudo me foi possível
nem tudo foi concebido

Não fechei os olhos
Não tapei os ouvidos

cheirei
toquei
provei (!)
Ah, eu usei todos os sentidos...

Só não lavei as mãos
e é por isso que eu me sinto
cada vez mais limpo
cada vez mais limpo
cada vez mais limpo ! ! !

Autores: Ivan Lins & Vitor Martins
Interpretação: Ivan Lins
(Música integrante da trilha sonora da montagem "VÔO LIVRE")
- um programa audiovisual -

CONCLUSÕES

O homem. A vida. O mundo.

Estar no mundo...

Viver a vida...

Ser homem...

Ser livre...

Eis que, de manhã, o sol apareceu: nasceu mais um alguém... livre!

O homem tem este direito — quantas vezes, quisera não tê-lo (!)

E o que faz deste direito?

No uso de suas **prerrogativas**, o homem usa e abusa de ser livre...

Parece nem se lembrar de que seus atos de hoje têm consequências para o amanhã — seu e... dos outros, geralmente.

O homem, quando se julga sábio, por vezes se enaltece, se constrói... por vezes, se amesquinha, se destrói...

Esse homem está aí: sou eu... é você... é ele... é ela... é o professor... é o aluno... (!)

Somos apresentados ao Tu, nosso outro eu, e não nos reconhecemos nele... e somos absolutamente **semelhantes** (!)

Gostamos de liberdade, o seu sabor nos agrada...

mas, como é difícil dar uma bala desse saquinho para o outro...(!)

O exercício **p l e n o** da liberdade é conturbado: ta
tear é a alternativa possível, disponível...

Neste transitar por entre certezas e incertezas, o ho
mem vai-se **conhecendo** melhor... se desejar, pode melhorar-se,
descobrir que é **humano** e viver a sua vocação de **ser sensível,**
ser civilizável... **ser companheiro** — realmente...

O encontro pressupõe dois seres: ambos em liberdade.

Liberdade para ...(?)

ou

Liberdade para... (?)

É só escolher...

Escolhemos a sala de aula: nosso pequeno campo...mas
lá construímos um pequenino templo... não é assim o Templo de
Delfos, mas... lá nos inspiramos — professora, alunos, e quem
mais chegue é sempre bem-vindo.

Quantas aprendizagens:

Parece que

agora eu valho alguma coisa ... afinal,

eu deixei a mochila de não poder lá fora...

aprendi a caminhar com os meus próprios pés e a des-
cobrir os meus próprios caminhos...

e quanto mais? ...

Fazer da língua portuguesa um **pretexto** para o exercí-
cio da liberdade é uma ousadia...

Afinal, onde é que fica a **G R A M Á T I C A ?**

- Que fantasia!

Concluímos,

finalmente,

que

é preciso

reconhecer e propiciar

o real exercício da

liberdade aos nossos

alunos,

sob pena de sermos nós os **prisioneiros** de nosso autoritarismo...

que é preciso

reconhecer o aluno como ser sensível, inteligente e, por respeito, envolvê-lo em **atividades-desafios** que lhe acrescentem algo novo, **por ele mesmo** identificado, trabalhado, conquistado...

que é preciso

reconhecer o perigo de, em nome de desenvolver o es
pírito crítico no nosso aluno, acabemos por incutir-lhe a(s) **ideologia(s)** em que acreditamos...

que é preciso

não impedir

que ele conheça

e se extasie com a versão **bela** da "última flor do Lácio", sem contudo **impedi-lo** de usar a versão **inculta** que lhe é mais à mão, no cotidiano de **sua vida**...

E, se de repente alguém aprender a aprender, **buscar**

sua **auto-realização**, e se declarar **FELIZ**, vamos então **concluir** que passou no **teste de fidedignidade** a nossa filosofia, a nossa didática de

obstinadamente

fazermos

da língua portuguesa

um belo pretexto para o exercício do **ser em liberdade...**

Vamos deixar aqui um espaço para que você aceite um convite amigo:

quer ajudar-nos a chegar a mais algumas conclusões?

" OS 10 MANDAMENTOS DO MESTRE

DITADOS PELO BOM SENSO..."

- 1º) "Amar ao seu aluno, sobre todas as coisas..."
- 2º) "Não tomar seu santo tempo em vão...
até porque ali estamos a seu serviço e,
deste modo, o aluno é fonte para nós..."
- 3º) "Guardar que aula pode/deve ser sinônimo de domingo & festa...
afinal, a alegria até faz bem à saúde de todos..."
- 4º) "Honrar pai e mãe do aluno...
pois eles nos 'cederam' seu filho..."
- 5º) "Não matar a capacidade criadora da pessoa-aluno...
mas - antes - possibilitar que ela se desenvolva..."
- 6º) "Não pecar contra a honestidade profissional...
pois cada um de nós reflete o Magistério..."
- 7º) "Não furtar ao aluno o direito inalienável da liberdade...
afinal, também nós gostamos de ser livres..."
- 8º) "Não levantar falso testemunho quanto ao desempenho do aluno...
pois que - no futuro - a má avaliação adquire outros matizes
que extrapolam o azul e o vermelho..."
- 9º) "Não desejar a prática docente do próximo, seu colega...
mas - antes - perseverar na busca do estilo próprio
como docente..."
- 10º) "Não cobiçar as experiências alheias...
mas - antes - procurar trocar... em prol de um salutar
enriquecimento mútuo..."

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, Guido de. O Professor que não ensina. SP: Summus Editorial, 1986.
- Almeida, Maria Ângela Vinagre de. Utopia e Educação: o Pensamento de Theodore Brameld. Tese de Livre Docência apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, set., 1976.
- Alonso, Arthur. Reflexões Pedagógicas. SP: Loyola, 1986.
- Bastos, Lília; Paixão, L. & Fernandes, L.M. Manual para a elaboração de projetos e relatórios de pesquisa, teses e dissertações. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- Benveniste, E. Problèmes de Linguistique Générale. Editions Gallimard, Paris, 1968.
- Bochenski, J.M. Diretrizes do Pensamento Filosófico. São Paulo: EPU, 1977.
- Bollnow, Otto F. Pedagogia e Filosofia da Existência - um ensaio sobre formas instáveis de educação. RJ: Vozes, 1974.
- Bonazzi, Marisa & Eco, Umberto. Mentiras que parecem Verdades. São Paulo: Summus, 1980.
- Buber, Martin. Eu e Tu. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- Buffa, Ester & Arroyo, Miguel. Educação e Cidadania. São Paulo: Cortez, 1991.
- Britto, Sulami Pereira. Psicologia da Aprendizagem centrada no Estudante. Campinas: Papirus, 1986.
- Câmara Jr., J. Mattoso. Ensaios Machadianos. Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 1962.
- . Estrutura da Língua Portuguesa. Editora Vozes, Petrópolis, 1970.
- . Manual de Expressão Oral e Escrita. J.Ozon, Editor, Rio de Janeiro, 2ª ed., 1961.

- Camões, Luiz de. Os Lusíadas. Lisboa: Rolland & Semiond, 1871.
- Cassirer, Ernst. Antropologia Filosófica. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- Chauí, Marilena. O que é Ideologia. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- Cunha, Celso. Língua Portuguesa e Realidade Brasileira. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 5ª ed., 1975.
- Cunha, Luiz Antonio & Góes, Moacyr. O Golpe na Educação. Rio de Janeiro: Zahar Edit., 1991.
- Del Valle, Augustin B.F. Filosofia do Homem. Fundamentos de Antropologia Metafísica. São Paulo: Convívio, 1975.
- Dubois, Charlier, F. Bases de Análise Lingüística. Livraria Almedina, Coimbra, 1976.
- Filloux, J.C. A Personalidade. São Paulo: Difel, 1966.
- Foster, Constance J. Desenvolvendo a Responsabilidade na Criança. Rio de Janeiro: Ed. Fundo de Cultura, 1964.
- Foulquié, Paul. O Existencialismo. São Paulo: Difel, 1975.
- Fromm, Erich. Análise do Homem. Rio de Janeiro, Zahar Editores. 1960.
- Furter, Pierre. Educação e Vida. Petrópolis: Vozes, 1979.
_____. Educação e Reflexão. Petrópolis: Vozes, 1982.
- Genouvier, Emile Peitard, Jean. Lingüística e Ensino do Português. Coimbra: Livraria Almedina, 1974.
- Giles, Thomas Ransom. Introdução à Filosofia. São Paulo: EPU, 1979.
- Goeppert, Sebastian e Herna, C. Linguagem e Psicanálise. São Paulo, Cultrix, 1980.
- Gusdorf, Georges. Professores, para quê? Para uma pedagogia da Pedagogia. Lisboa: Moraes Editores, 1978.
- Halliday, M.A.K. et alli. As Ciências Lingüísticas e o Ensino de Línguas. Editora Vozes, Petrópolis, 1974.
- Head, Brian F. "A descrição das variedades cultas do português contemporâneo como língua padrão". In Actas do I Simpósio Luso-Brasileiro sobre a Língua Portuguesa Contemporânea, Coimbra, Editora Coimbra, 1968, p.63-77.
- Held, Jacqueline. O Imaginário no Poder - as crianças e a literatura. São Paulo: Summus, 1980.

- Jakobson, Roman. Lingüística e Comunicação. Editora Cultrix, São Paulo, 1974.
- Jaspers, Karl. Filosofia da Existência. Rio de Janeiro: Imago 1973.
- Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 18.05.1990. pág. 3, Caderno Cidade.
- Jung, C.G. O Desenvolvimento da Personalidade. Petrópolis: Vozes, 1981.
- Kowarzik, Wolfdietrich Schmied. Pedagogia Dialética. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- Laing, R.D.; Phillipson, H. & Lee, A.R. Percepção Interpessoal: uma teoria e um método de pesquisa. Rio de Janeiro: Eldorado, 1972.
- Langacker, Ronald W. A Linguagem e sua Estrutura. Editora Vozes, Petrópolis, 2ª edição, 1975.
- Lima, Balina Bello. Ampla Didática; reflexões sobre o ensino brasileiro e proposta de reformulação baseada na criatividade. Niterói, UFF, 1985.
- Marx, Karl & Engels, F. A Ideologia Alemã. I - Fenerbach. São Paulo: Hucitec, 1989.
- März, Fritz. Grandes Educadores. São Paulo: EPU, 1987.
- May, Rollo. Psicologia e Dilema Humano. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.
- _____. Poder e Inocência - uma análise das fontes da violência. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- May, Rollo. O Homem à procura de si mesmo. Petrópolis: Vozes, 1991.
- _____. A Coragem de Criar. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- Miel, Alice. Criatividade no Ensino. São Paulo: Brasa, 1972.
- Nogare, Pedro Dalle. Humanismos e Anti-Humanismos. Introdução à Antropologia Filosófica. Petrópolis: Vozes, 1983.
- Oliveira, J.B.A. & Chadwick, Clifton B. Tecnologia Educacional. Petrópolis: Vozes, 1982.
- Ostrower, Fayga. Criatividade e Processos de Criação. Petrópolis: Vozes, 1989.
- Padovani, Umberto & Castagnola, Luiz. História da Filosofia. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

- Pagliaro, A. A vida do Sinal. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, 1967.
- Piletti, Claudino & Piletti, Nelson. Filosofia e História da Educação. São Paulo: Ática, 1981.
- Revista Estudos e Pesquisas - VI nº 1 julho/dezembro de 1980. RJ: Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Subsecretaria / Assessoria de Estudos e Pesquisas - V. Semestral. Estudos e Pesquisas.
- Rio de Janeiro. Secretaria Municipal de Educação. Fundamentos para elaboração do currículo básico das escolas públicas do Município do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1991.
- Rodari, Gianni. Gramática da Fantasia. São Paulo: Summus, 1981.
- Rodrigues, Aryon D. "Problemas relativos à descrição do Português contemporâneo como língua padrão no Brasil" in Actas do I Simpósio Luso-Brasileiro sobre a Língua Portuguesa Contemporânea. Coimbra, Editora Coimbra, 1968. p.41-55.
- Rogers, Carl. Tornar-se Pessoa. Lisboa: Martins Fontes, 1976.
- _____. Liberdade para Aprender. Lisboa: Martins Fontes, 1978.
- _____. Liberdade para aprender em nossa década. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- Rudio, Franz Victor. Orientação Não-Diretiva na Educação e no aconselhamento e na psicologia. Petrópolis: Vozes, 1987.
- Santos, Delfim. Fundamentação Existencial da Pedagogia. Lisboa: Livros Horizonte, 1940.
- Sapir, E. A Linguagem. Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 2ª edição, 1971.
- Sartre, J.Paul. O Existencialismo é um Humanismo. Lisboa: Editorial Presença, s.d.
- Saussure, Ferdinand de. Curso de Lingüística Geral. São Paulo: Cultrix, 1969.
- Silveira, Maria Helena. Português para o Ginásio. Petrópolis: Vozes, 1972.
- Soares, Magda. Linguagem e Escola - Uma perspectiva social. São Paulo: Atlas, 1992.
- Soares, Magda B. & Kramer, Sonia. Menga, Ludke e outros. Escola Básica. Coletânea C.B.C. São Paulo: Papirus, 1992.
- Ullmann, Stephen. Semântica - Introdução à Ciência do Significado. Lisboa: Atlântida, 1973.
- Vancourt, R. A Estrutura da Filosofia. São Paulo: Duas Cidades, 1964.
- Williams, Edwin B. Do Latim ao Português. Rio de Janeiro: Templo Brasileiro, 1973.

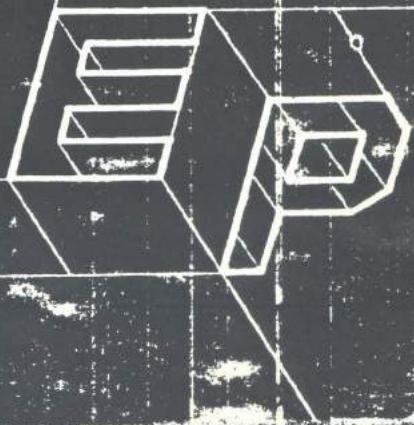
ANEXO 1
DOCUMENTO OFICIAL DO PIC

**PREFEITURA
DA CIDADE
DO RIO DE JANEIRO**

**Secretaria Municipal
de Educação e Cultura**

**Subsecretaria Municipal
de Educação e Cultura**

estudos & pesquisas



Uma proposta de trabalho na área de comunicação e expressão - PIC*

Eliane Caillaux**
Flávio Gustavo Thamsten Filho**

1. *Introdução;*
2. *Educação e interpessoalidade;*
3. *A comunicação dialógica;*
4. *A intersubjetividade da linguagem;*
5. *Desenvolvimento da proposta;*
6. *Considerações finais.*

1. Introdução

Constata-se uma situação de crise no ensino que, além de pressupostos pedagógicos, remete a princípios filosófico-educacionais e teórico-práticos.

O que se pretende neste artigo não é limitar a questão a uma discussão didática quanto ao ensino da língua, mas situá-lo, mesmo lacunadamente, num contexto de reflexão filosófico-educacional, uma vez que, constituindo-se a língua como objeto deste discurso, interrogam-se os valores institucionais.

2. Educação e interpessoalidade

Tomando-se a educação como campo de "e-laboração", de investigações e "re-novações" metodológicas na transmissão do conhecimento, a especificidade do PIC destaca-se por um descentramento da ação pedagógica, ao se colocarem os conteúdos trazidos pelo educando em confronto dialógico com aqueles levados pelo professor, rastreador e restaurador do processo, o que conduz a uma forma de apreensão da realidade, compatível com o conceito de eficácia social.

Considerando-se a educação como um processo dialógico interpessoal e desalienante, uma vez que a realização individual é sempre determinada ao nível social através da interpessoalidade, procura-se descentralizar a ação pedagógica de uma relação polarizada professor-aluno, a fim de não se fazer da comunicação um mero processo informacional.

A transmissão de conceitos e normas que não levam em conta a realidade contextual do aluno mas ao contrário, tentam direcioná-lo, distancia-se da colocação desse aluno como sujeito, tornando-o um objeto alienado do processo de sua construção pessoal e da construção de uma realidade onde ele se veja como ator.

* PIC — PLANO INTENSIVO DE COMUNICAÇÃO

** Da E-SUB/Assessoria de Estudos e Pesquisas.

14

3. A comunicação dialógica

É na intercomunicação dos sujeitos pensantes a propósito do pensado que se insere a comunicação dialógica, sendo portanto transformadora no sentido de que é utilizada não apenas como um meio ou canal por onde se dá a veiculação de idéias mas como o espaço da própria construção do discurso e, portanto, da linguagem.

Por outro lado, ao se destacarem posições polares — emissor e receptor — no sistema comunicacional, corre-se o risco de esquecer que tais posições se superam freqüentemente na dinâmica do processo, fato que leva a uma constante retroalimentação do sistema.

Falando-se em comunicação dialógica, embora esse sintagma possa parecer uma redundância, descarta-se a falsa concepção, muitas vezes corriqueira, de que comunicar é veicular um saber que se estende daquele que é o seu portador aquele que o recebe passivamente, como um mero receptáculo de informações, sem atuar como fruidor e co-participante da construção e/ou transformação desse saber. Por isso, ao se preferir falar em comunicação dialógica, na tentativa de não se tornarem polares as posições próprias ao diálogo, pretende-se afirmar a idéia de que é no espaço mesmo da intercomunicação, no transcurso do diálogo, que se dá a construção da linguagem e do sujeito como categoria própria a instância de discurso em que se faz nomear.

4. A intersubjetividade da linguagem

Faz-se necessário proceder a uma breve explanação de certos conceitos-chaves para a lingüística.

Ao se tentar explicar o que é a linguagem, uma questão se impõe: como inferir uma unidade, se nela se esconde uma dualidade? Ao mesmo tempo que é prática de discurso — ato individual — é também o que torna pertinente esse exercício nos indivíduos, na medida em que só se legitima quando reconhecida a partir de um corpo formal — instituição social — que lhe é anterior.

A esse corpo formal que se constitui num conjunto de convenções necessárias adotadas por um grupo social e que permite o exercício de línguagem dá-se o nome de Lingua, e à prática individual desse produto social, fala ou discurso. Evidentemente, o par Lingua/Fala só se permite ler dialeticamente, vale dizer, a Lingua constitui-se a partir da prática dos sujeitos falantes e, diaeticamente, tal exercício só se torna pertinente porque realiza os princípios previstos na estrutura da Lingua.

Ora, se a língua é o lado social da linguagem e a fala o lado individual — disjunção a que se procede apenas para efeito didático — a linguagem é o espaço mesmo onde esses dois momentos se refundem, propiciando a emergência do sujeito como categoria própria à instância de discurso que o identifica.

Na perspectiva de Benveniste, a subjetividade é uma categoria criada pela linguagem e só nela possível, uma vez que a instância de discurso evidencia o momento em que um locutor virtual se apropria

da linguagem, tornando-se no ato em que diz eu não mais um emissor potencial, mas um locutor presentificado no atual ato de fala.

Diz o autor: "A subjetividade de que tratamos aqui é a capacidade do locutor de se propor como "sujeito"... E ego que diz "ego". Encerramos aí o fundamento da subjetividade que se determina pelo estatuto lingüístico da "pessoa". (SENVENISTE Emile, "Da subjetividade da linguagem" — IN. *Problemas de Lingüística Geral*. Ed. da Universidade de São Paulo S.P. 1976, p. 286).

Na medida em que as instâncias de emprego do pronome eu não formam uma classe de referência, porque não há "objeto" definível como eu ao qual se possam referir identicamente essas instâncias, a categoria eu torna-se vazia fora do discurso. Mas, ao designar o locutor do atual ato de fala, essa categoria passa a ter a sua própria referência, correspondendo em cada enunciação a um ser único, aquele que se apropria do discurso e diz eu.

Nessa medida, o estatuto de pessoalidade é afirmado na instância de discurso capaz de referenciá-lo. O discurso que contendo eu como referente, reflete o seu próprio processo de enunciação.

A visão da linguagem como um mero instrumento de que os homens se valem para expressar o seu pensamento é simplista e reducionista, porque deixa de concebê-la naquilo que é o seu traço distintivo — o fato de que é na linguagem que o homem se constitui como sujeito.

Tomar a linguagem como instrumento é cair num raciocínio falacioso que considera o homem compreendendo-se a si mesmo e ao mundo sem a mediação da linguagem.

Pensar dessa forma e imaginar as idéias preexistindo às próprias palavras e conceber a língua como uma simples nomenclatura, um instrumento de que se serve para dar nome às idéias. Ao contrário, compreender a linguagem como uma forma de representação da realidade implica em não separar o homem da linguagem, mas concebê-lo como um ser de linguagem que só se comprehende nele por ela.

5. Desenvolvimento da proposta.

Consubstanciada no PLANO INTENSIVO DE COMUNICAÇÃO — SUBPROJETO LÍNGUA PORTUGUESA, a presente proposta estende-se aos dez Centros Interescolares, além de uma unidade escolar, do Município do Rio de Janeiro, envolvendo uma clientela prevista em 3.500 alunos de 5^a a 8^a série.

As atividades do PIC desenvolvem-se paralelamente às aulas de comunicação e expressão integrantes do núcleo comum, observando características peculiares quanto ao tratamento didático: aula com duração de sessenta a noventa minutos, máximo de vinte e cinco alunos por turma e inscrição do aluno consoante opção.

O acompanhamento técnico-pedagógico realiza-se através de reuniões e relatórios efetuados periodicamente e abrangendo todos os professores integrantes do processo, além de encontros bimestrais que visam, especificamente, promover a discussão de textos teóricos

16

no intuito de manter um contínuo questionamento teórico-prático.

Outro aspecto a se ressaltar está no critério de avaliação a ser adotado pelo professor, uma vez que alguns princípios devem ser atendidos a fim de se manter uma linha coerente com o trabalho proposto, na medida em que se espera do aluno a conscientização de suas experiências, colocando a sua expressividade de forma livre, pois a socialização do indivíduo relaciona-se à ampliação de sua(s) vivência(s), propiciando maior consciência de si mesmo e colocando-o numa direção construtiva do ato criador.

A criatividade leva à emergência de condições que se dão ao nível das relações propícias do ambiente, permitindo a expansão do processo de amadurecimento do educando na atualização de suas capacidades orgânicas e psíquicas.

Por relações propícias quer-se definir um contexto de espontaneidade, onde o aluno se veja compreendido e aceito nas peculiaridades de seu manejo com as idéias, formas e relações. O compreender o aluno através de seu próprio ponto de vista constitui-se numa relação empática que permitirá a sua emergência como indivíduo e ser social.

6. Considerações finais.

Outro não poderia ser o caminho pedagógico rastreado pelo PIC, senão o que pretende incentivar no educando a sua colocação como sujeito capaz de expressar criativamente as suas potencialidades, uma vez que se procura instaurar um espaço aberto a novas abordagens metodológicas vinculadas ao ensino da língua. Não pertinente seria caracterizar o PIC/LP como aula de reforço do ensino da língua, o que não só implicaria em seguir os conteúdos programáticos previstos pela escola, discrepantes em relação à proposta apresentada, mas também deslocar a autocorreção prevista nos estudos de recuperação, que se deve realizar no ensino regular, para um espaço que não tem esse propósito.

Como advertência de caráter didático-pedagógico, deve-se ressaltar que a abordagem linguístico-semiológica é a que mais se adapta à proposta do PIC/LP, pois o ensino calcado na gramática tradicional não enfoca a língua como um sistema comunicacional, preocupando-se antes com a normatização de regras que refletem apenas o padrão culto da língua.

Bibliografia:

- SAUSSURE, F. de. *Cours de linguistique générale*. Paris, Payot, 1978.
- BENVENISTE, Emile. *Problemas de lingüística geral*. São Paulo, Nacional, 1976.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou Comunicação?* 4. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- ECO, Umberto. *Obra aberta*. 2 ed. São Paulo, Perspectiva, 1971.
- BLEGER, José. *Temas de psicología (entrevista y grupos)*. Buenos Aires, Nueva Visión, 1978.

- ROGERS, Carl R. *Tornar-se pessoa*. 2. ed. Lisboa, Martins Fontes, 1974.
- HOCHMANN, Jacques. *Hacia una psiquiatria comunitaria*. Buenos Aires, Amorrortu, 1972.

Nota: O PIC, hoje, só existe em duas escolas públicas municipais: onde a autora do estudo trabalhou e onde ainda trabalha - muitíssimo graças ao seu pessoal empenho.

ANEXO 2

MATERIAL DIDÁTICO: uma amostra...



LEI

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS

ARTIGO I :

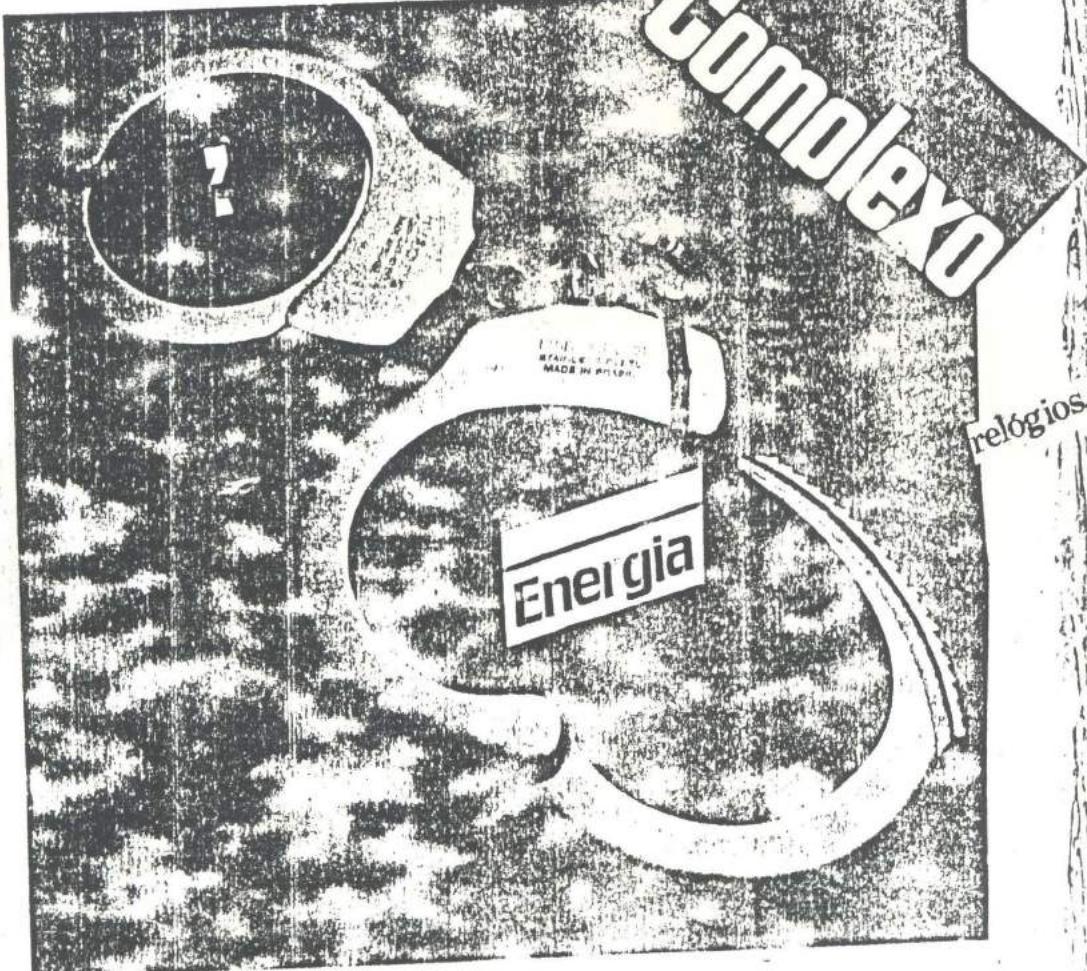
"Todos os homens nascem
livres e iguais em
dignidade e direitos.
São dotados de razão
e consciência e devem
agir em relação uns
aos outros com espírito
de fraternidade . "

DIREITOS HUMANOS

acredite

Segre

Não



certos

relógios

Inesgotável

promessas

vendedores

CARDBACACKO

Ouro Legítimo



"Água mole, em pedra dura,
tanto bate até que fura..."

medo

" De grão em grão, a galinha enche o papo..."

Dormir & Sonhar.

PRISÃO

! Quem
inventou

a saudade

?

IDEIAS



PROJETO PARCERIA

MEUS TRECHOS DE 4 AUTORES
JUNTE SUAS MÚSICAS
E...

ANEXO 3

COM A PALAVRA, O ALUNO...

P I C o l i b r i

pássaro-palavra

nasceu para ser livre
não admite prisão ...
foi feliz um bom tempo,

mas,
depois, deixaram de o alimentar
(pensaram que assim morreria!)
quem podia
não o protegia,
era cúmplice
de quem o perseguia (!)

Mas,
"quem tem padrinho
não morre pagão" ...

e
houve alguém
que lutou... que o defendeu...
que o alimentou... que o preservou...

E ele não morreu!
Aí está

P I C o l i b r i

mais bonito do que nunca...
voando... voando... voando...

bem ALTO!

COM A PALAVRA,

O ALUNO ...

Caro professor.

No começo foi um horror,
quando eu recebi a notícia
foi aquele choque !!, nunca
pensei de fazer um livro
e nem planejava ser escri-
tora, nunca gostei de
~~Ler muito menos de escrever.~~
~~mas depois vi que não~~
~~era tão ruim assim~~
~~fazer um livro nem tão~~,
~~tão difícil, basta ter~~
~~imaginação e é bem~~
~~porque existem fantacias~~
~~que podemos coloca-las em~~
~~um papel e fazer um livro.~~
E hoje me orgulho, mas é
explendido !!! mas é
meu e gosto dele mesmo
assim.

T. 503

Carta dos Santos Gostos

Nota: A maior parte dos depoimentos deste Anexo
não sofreu correção pela professora de LP.

* Primeira auto-avaliação da aluna : 1ª aula /92.

O que eu aprendi para a minha vida?

Boas ideias, muita alegria. Desenvolvi
minha criatividade. Fiz um
desenho a matemática e a ciência.

* Auto-avaliação final da aluna, após o livro -seu livro/92.

Eu sou o meu próprio

Quando a professora me deu
me a matemática que dei
fizemos meu primeiro desenho,
pensei comigo que não ia
fazer; porque não conseguia.
Mas depois fui vendo
ideias e mais ideias,
ai que sou capaz de
fazer coisas imperfeitas.
E me orgulhei delas.

Ana Paula T. 503

que eu havia decretado
livro achar maravilhosos,
porque nunca tirei nenhuma
notícia tão original, que
esente violações, nunca
tirei uma profissão
que esse dedicava para
nosso enjazamento
fazer alguma tarefa
importante, e adorar
palavras de ouça

Quando eu fui dito
que o meu nome era muiro
gracioso, que queria ser meu professor
depois de ser seu. Dito a cada
aluno, quando se soube que o nome
era gracioso, que queria ser meu professor
depois de ser seu. Edição T. 501

Em quando, volta de férias, fui ao meu
país, fiquei com os meus amigos, e fui
muito, mas fui muito edificante quando
se soube que o nome era gracioso, que queria
ser meu professor, de depois de ser seu.

Aldeia Sonânia, 09 de agosto de 1982.

Aluna: Sonânia Soárez. T. 502

F. 4C

"Eu senti muita emoção demorar e
meu o meu desenho é assim da minha
vida" ..

"Desenvolvi uma coisa que nunca
nunca fiz...!"

Eu descobri que gosto de desenhar,
Eu desenvolvi muita atenção.

Eu aprendi o que é certo
e o que é errado para minha
vida. : Giselle de S. Silveira T. 503

Fazendo suas histórias, eu aprendi muitas
coisas interessantes.

Ricardo Alves da Silva T. 504

Eu descobri que eu mesma consigo fazer um

poema sem a ajuda de ninguém.

Desenvolvi a minha mente e a minha criatividade
Gabriela P. Gómes

para a poesia. T. 501 idade: 9 anos

Língua Portuguesa - Profª Sônia Góes

"Eu descobri como fazer poesias, salvando nomes de autores, escritores..."

"Eu descobri que nós temos a capacidade de vencer qualquer barreira..."

Cíciara Ferreira "T: 501 Idade: 10

"Eu aprendi que trabalhar com poesia é chique!" Wagner Luiz T. 503

"Lendo as poesias, eu senti que todos tem querer "legar" com os outros."

"Aprendi que há muitas pessoas que precisam das outras."

"Aluno": Wagner Dias Corrêa T. 503

"Eu descobri que a poesia é uma forma de vida" Cecília Mendes T. 501

"Invento dei" Wagner T. 501
"Professora destá"

"Eu descobri que um poema é a coisa mais bela do mundo"

"Eu aprendi que o amor é fundo"

"Desenvolvi a mente para a poesia"

Aluno(a) Reasons T: 503 Idade: 11
Língua Portuguesa

"Eu desenvolvi o...

... meu senso de vontade,

que me esqueci que existia..."

"Eu desenvolvi a arte de pensar..."

Maria José S. T. 503

Língua Portuguesa Projeto Poesia → 01/02

Eu me senti um poeta, quando eu fiz o poema.

Eu desenvolvi a mente, a minha concentração.

Daniel do Carmo T. 503

Eu descobri que a

imaginação pode ser linda

é só eriar! Daniélê Soares! T. 503

Eu descobri que algum dia eu posso ser um grande poeta, como Manoel Bandeira.

Eu descobri também que, às vezes, as frases têm que fazer concordância (rimar).

José Hugo Virelil da Silveira T. 503

Eu aprendi a trabalhar num auditório,
uma mesa grande e trabalhar em grupo, a falar
pôrma e não inspecionar os outros.

Eu também descobri que eu me cansava de
fazer num pôrma... Minha Fimase

Eu descobri que há pessoas frias, alegres, lisonjas e
bonitas.

Sentimento de culpa é medo

Eu descobri mais algumas fazendo uma
poesia.

E descobri que eu já sei fazer uma
poesia.

Bullying N.º 16 T. 50 I. 300 d.

Eu aprendi que devemos

- Sonhar sempre e crer no.

- Copiar das outras pessoas

- Eu medir

- Tudo com elas facendo

- Pôr a gente

- Olhar para todos liberdade

Eu aprendi que eu sei fazer coisas
nada sozinho, sem a ajuda de ninguém.

Isto é muito importante

Wagner da Cunha T. 50 I.

Rio de Janeiro, II de setembro de 1992
Aluno: Rline F. Salles T: 503. Idade: 12
D.P. → Prof: Sueli Basta

1. O que me senti?

Muito de raio poder me impressionar
sem ter que repetir fórmulas,
e sem entender-las

Eu descobri, que ate com coisas
mais, nos podemos, criar boas coisas,
porque, o que importa, mas é vo-
ner, e assim sentir, colocar tudo a
seu alcance no que está excedendo

Rihelly Vicente - T: 503 - idade: 11 anos

O domínio é a minha estratégia.
Socorro é o que eu quero, e quando
também, e quando eu fui a prisão
eu soube que era o espírito de minúsculo.
Edson da Costa Lobo, med. 1: 503

Aline Braga Cox - T: 503 - Idade: 12
Amanheci e meu pensamento é a minha vida
vida de pauzinhos e bombons.

Eu descobri que daqui a alguns tempos, a minha
mai vai estar coberta de raios.

Aline de Sátila Estivis - T: 503 - N°: 41 - Estado: RS - Idade: 12

Eu aprendi que as poesias também desenvolvem
nem nossa mente.

A poesia é um trabalho muito bom: são os
poetas que ensinam essas coisas maravilhosas
para nós. Adriane Marques T.501

"Eu sinto uma liberdade
tão grande de dizer um bicho.
Girilam Barro de Bozzo T.501

"Eu aprendi que a gente
tem que acordar e ter paciência
de verdade para conseguir
alcançar um objecto:
o famoso ocoje T.501

Eu nunca tinha pensado que
eu ia escrever um livro com
o meu nome, eu mesma, que algu-
ma pessoa preferisse o meu nome
para ler. Andreia D.Q. T.501

Bernardo S. de Souza N° 12 1:503
Língua Portuguesa

Eu aprendi que se eu observar bem as coisas eu terei uma vida absolutamente correspondida a mim e também aprendi a fazer uma poesia diferente das outras que muitos poetas fazem.

Tu tens uma coisa clamando
A minha mente, que deixa para
me querer tudo o que eu
necessito da felicidade.

Ainda fui 803

Ogradeço a Deus por tudo e por
ter me dado inteligência e esperança
de de faze e escrever um livro
de 30 folhas.

Ogradeço a Deus que está por
ter aberto a minha mente, quando
ela disse que não íamos fazer
um livro; eu não queria fazer.

Ass: Fraguline Martins T. 501

Quando eu come-

cei a colecionar livros
no papel velho
O fez em salinha
eu descobri que eu
era capaz de escrever
um livro, só que
que em frente, e só
estão elas que é uma
grande dona Geise
T.503

Me pregunto muito feliz
sou realmente capaz de escre-
ver um livro. Meu en-
canto é grande forte. de tem-
po alegria. Fazer um li-
vro é o meu sonho.
Ass: Patrícia de Souza T501

Quando seu olhar
encontra sua realidade,
quando dentro de alguma ação,
quando sua poesia acontece
em sua vida.

História de S. Paulo T. 503

Este livro é um livro que abre
a imaginação, porque quando
você lê um livro de Tschernow
é lido tentando imaginar
aqueles que estão escritos con-
tecendo com você; então este li-
vro foi feito para desativar -
ver sua imaginação.
Obrigado a professora Sueli Costa
por ter me ensinado um leitra-
gues moderno, dinâmico e diver-
tido essa professora é realmen-
te uma professora de português.
Leonardo Carneiro da Silva.

E espero que você goste do
livro, presto atenção em cada
Palavra. Esse livro é sobre
o meu conhecimento sobre
o nosso país, cada dia

T. 503

Língua Portuguesa - Muriel Lestor

Pré-testes p/ 2010/II

Inter-entrevista

"Eu senti que me faltava ter um hobby, pensava nisso
muito tempo em que eu estava (inventar)..."

"Eu aprendi para a minha vida que ler e escrever é
fundamental." Débora Amélia Neto

T. 501 idade: 11 anos

Rafael Soares P. turma 501 idade: 11

Língua Portuguesa

"Eu descobri que o bom é uma coisa
que toma conta do nosso coração..."

"Eu desenvolvi a minha criatividade
a minha personalidade e inteligência..."

"Eu tive uma vontade grande de pintar..."

"Eu descoxi que, misturando os coros, dão
outros coros que nem naissa que existiam."

Isabella S. Machado T. 501

Não para mim um momento
de muita dor só me
saiu que naquele dia
eu sentia saudade o meu 1º
livro. Eu queria ressuscitar,
mas não conseguia, se já fiz
o meu 1º livro que conta
uma história sobre o meu
de infantil. Foi bom e sur-
preendente falar com pessoas
desse mundo que eram? fo-
ram muito felizes por terem
credo este livro para de-
scobrir.

Viviane França T.503

Eu dedico esse meu 1º livro

as pessoas à minha preferê-
cia. Esta é a sua mi-
nha maneira de fazer, intitular aquela
uma poesia. Fran T.503

É um livro muito
interessante. Porque
é um livro educati-
vo. Kelvin T.503

EU E O MEU LIVRO

Quando soube que ia
fazer um livro sozinha
fiquei muito feliz e

emocionada, e agora
que o livro já está
 pronto fico conten-

tissima, por ter o

meu nome na capa
do livro em que

eu criei os contos

~~Silvana Ferreira~~

T. 503

ao receber a notícia,
de que iria escrever o
meu 1º livro, fiquei meu

ta ansiosa

Fiquei ansiosa para
escolher o tema do livro
e muito bom, agente

ter vários opções e po-
der escolher livremente
o que queremos, e a Prof.
Sueli G. que deu essa ren-
ovação para todos nós.
Aline M. Salles T. 503

Eu apendi que comi mal
e vim deixa nem ~~que~~ deixa
me pagar o que eu queria
disse. Bonitinha B. S. Kima Sete de Maio

Eu descobri que os vizinhos mataram
saudade é bom, maravilhoso, é
conhecer um pouco da saudade é a
coisa que eu queria.
Sheila dos S. P. T. 503 idade 11 anos.

Se eu quiser offender alguém
é só falar minha实话 que
é só que perguntar o que é
a resposta O morai Robert = T. 503

Eu desenho o bichinho
mente.

É a real que eu estou
fazendo uma experiência

Maria Geraldo Pinto T. 503

Eu descobri que não fazia de bombar
nem qualquer tipo de bomba.

Eu desenho a mente para que eu
possa ser também.

Eu apendi que seu poeta é um poeta
de vida ou poeta batalhador, mas é um
um poeta. Adriano Kima de Bonfim T. 503

Para Líteras,

ce que tu estás lendo,

lamento de que tu des
livres para comer

Não tenho prazer de
ser, de idade ou de
quase de nenhuma
firmeza

Lapa, Lima de Vaz e Silva

Agradeço → à Deus a Sua por que
foi Ela que me ensinou como
fazer poesia, e fazer um livro. e
ela ficou sempre do meu lado.

Agradeço → ao meu pai porque
ele sempre esteve do meu lado
dando força em tudo que eu
faço.

Karla de Souza T. 503

Agradeço a minha mãe: Senhora
Renata, que é minha melhor amiga
desde que nasci.

Fazer desse mundo um. Tatiana T. 501

Eu espero que vocês
sejam bons leitores
que em breve
terminarão de ler os gatos
que eu escrevi e quando

(m) meus amigos
já tiverem / T. 503

Gostaria que esse livro fosse um presente,
sem desculpas.

Esse que pessoas podem apreciar e
fazer

- Que agradecimento!

Esse livro é educativo para os leitores
porque fazem com que se aprofundem e apreendam
um pouco da vida Vivian S. T.503

É esse o livro que
mim sempre queria
muito especial
T.503

Li e achei esse muito especial para
mim, eu acho isso muito bom porque
se eu não estivesse estudando, eu
não conseguia fazer esse livro de
felicidade.

Na próxima vez, eu vou fazer
bem melhor. Ana Paula T.503

~~30/07/02~~ - Anderson
Sólido é o que permitir
que se possa estender
sempre mais e mais
mais por mim é decaír nestas
pesadelos Sólido sólido T.501

Espero que me goste desse
meu poema que tem
que respeitar um
pessoas decentes e suas
opiniões. Mônica T.501

Quando verei der o sítio,
lembrai-me daqueles homens,
quando queriam nos des-
cobrir de todos os possi-
veis em desordem.
Miguel Tukina Pinto.

Estou com muita saudade

Vivemos sempre da memória

Anderson Sales 501

Escrivi um poema assim
extremamente tenho força de vo-
zada a pensar no futuro:
devo ser um autor!

Bruno K.H. T.501

Eu sou um aíro que tenta
a impunidade de fazei um li-
bro sem a ajuda da profissão que
já fazia de vez em quando transforma
num aíro que tenta falar T.501

Eu queria dizer que queria
dizer para mim mesmo que
é nado mais fazem um certo
ponto sentimos que é aí que
devemos de nos despedirmos
e muito bom. mas não como
se fosse algo que não ia em-
barcar mais. Eu não dei esse
lida. se fizermos isso eu me de-
diqüis e me esforcei o maior -
muito que eu posso.
minha condição T.503.

Eu agradeço a Deus
por tanta ajuda
a amigos e familiares
e a minha Suli Bento.

Kelly Cristina de Almeida T.501

Dádia  mudei definitivamente
Dádia  preparadamente para
as pessoas que me ajudaram
a construir meu cérebro.
Gostei muito.

Dádia estou me iluminando
mais e mais, meus amigos.
Victor B T.501

"Desse modo corrihei na minha mente, de
presente, tudo, imaginai, me concentrei, desse modo
de formar o que é um desenho, como é um desenho...

Desenvolvi minha mente e fui lá para lá...

Aprendi que muitas vezes, a ideia pode
não ser feita, mas é importante, não é? para
que eu possa! Desenho Barnard RMA 503

• Eu senti inspiração.

Eu aprendi que devo ter muita
atenção e dar valor ao meu trabalho.
Aluno: Roberto r: 503 idade: 12

Língua Portuguesa

• Eu desenvolvi a minha

concentração, a minha criatividade

e a minha atenção ao detalhe.

Michelle Larissa dos Santos Ferreira 1: 503

Além do que fui capaz de
fazer, fumava, fiquei
numa situação em que
o dia todo sentia
uma dor, milhares de dor,
tudo, tudo, que era
metade da vida, e não
se podia dizer de TERROR.

Então, de repente, senti
uma dor, senti, senti
que era a dor de morte,
sentindo com o seu
coração, que é doloroso.

Vanessa

Uma Vanessa

em que fiquei assustado
quando o professor
falou que nemas pagariam
nossa primeira lição,
mas até que gesto, por
que costei de pagar possi-
am a expressar o que
ele sentia. Daniel Fumagalli 150

Hoje lhe diria com certeza.
Tudo o mundo da Reitoria
morria.

José Fontenelle

ALUNOS DO PIC / 7º SÉRIE

O medo é aquele sentimento
de fragilidade e vulnerabilidade.
A minha maior phobia é o afoga-
mento, agonizando sem poder
respirar e temo os pulmões
queimando sem ar.

Afogar, começar a perder os senti-
tidos e sentir a escuridão.
Estou do outro lado, na presen-
ça de todo poderoso, suspirando
minha sentença, glória e
descanso ou...
queimar e agonizar

~~Aluno Anderson da Silveira L. T 703 idade: 13 anos~~

'Nis de Janeiro' 30/06/92

Aluno Anderson da Silveira L. T 703 idade: 13 anos
PIC - L.P. prof: Sueli Costa

Auto-avaliação

Haja se pode copiar em mim o meu nome
meio e passá-lo para o papel.

30/06/92

além da garrafa de vidro da África
uma garrafa África de vidro é que
é de vidro - e só -

outro motivo

Algo interessante como se eu estivesse em alguma parte
plurílio me confundiria

- Pode ser que eu não esteja certo sobre o que é só
qualquer pessoa tem um ou diferente plurílio de só
passando por algo parecido pode ser que de dentro da gema
está resolvendo

Adriana da Silva Oliveira T. fol

eu aprendi que sólido lá no fundo
as cores, eu lembrei muitas coisas lindas
e felizes.

Aluno: Iloné T. 101 (idade: 12 anos)

Aprendi que devemos devolver os nossos envelhe-
cimentos, nova imaginação, fazemos tudo que
colocamos no papel, só mesmo intervir.

Uma futura Namastê Obeng (104 folhas folhas)

L Eu fizeti, como se não fosse só madeira
só simbólico com o mundo fantástico mundo
que mostrando o lado bom da vida, e mostrando
coisas boas que o mundo só
que é tudo só com o mundo só mundo que
que é bom da vida.
É que por causa disso quando que tempos bons
não se importam só com a realidade alguma.

aluno: Página N. da Sessão 5: 106

[achei ótima a aula, foi bom para minha cabeça, só assim eu consigo pensar na minha ~~cabeça~~ vida.

Eu resolvi falar de Amor porque eu penso dentro do meu coração e resolvi falar sobre a minha vida.

A minha experiência foi boa porque assim eu consigo falar de mim.]

I Acho que essa aula foi boa porque como eu estou falando de Amor é porque eu estou triste dentro de mim, por isso estou feliz (só na aparência), mas por dentro estou abraçado ao chão.

Em Pensando eu consigo entender a minha vida.]

Aluno: Sérgio Geraldo Wiles Costa 1705 14 anos

Professora: Sueli Costa (Bic - LP).

auto avaliação

nesse trabalho já fui bem bêbado, gostei desse trabalho. Eu nunca tinha feito um desses, achando que ao fazer estes trabalhos esse senti alguma coisa que nunca tinha sentido. Apesar disso que devo fazer outros e sou muito inspirado, nesta e outras ~~aulas~~ aulas, gosto de pessoas, você está de parabéns!

é uma coisa maravilhosa, eu sinto o amor fazendo este trabalho.

Aluno: Walewska Braga S. da Cruz. T: 101 Idade: 12 anos
Prof: Sueli Costa (PIC-LP)

- Desenvolvi muito a minha imaginação como me expressar quando estiver alegre, triste, quando estiver com ódio ou amando alguém.
- Aprendi a fazer várias coisas bonitas, a dar valor às coisas.

Aluno: Dennis Leandro Cornillo Bezerra. T: 103 idade 13 anos
Prof: Sueli Costa (PIC-LP)

Auto-avaliação

- Senti a sensação de segurança, aprendi que com os coros ajudam a revelar nossos sentimentos nas coisas certas.

Aluno: Alexandre Albuquerque de Souza. T: 403

Idade: 13 Prof: Sueli Costa (PIC-LP)

Auto-avaliação

- Eu senti uma emoção muito grande não da para dizer com palavras e um sentimento do fundo do coração

Aluno: Jeovaldo R. Guerra Neto T: 101 Idade: 13 anos

Prof: Sueli Costa (PIC-LP)

Auto-avaliação

- Eu senti alegria e tristeza, foi legal a aula, aprendi muitas coisas. Fiz boas pinturas.

Obrigado D. Sueli por esta aula.

Aluno: Augustina Lemos de Oliveira R: 704 Idade: 13 anos.

Eu senti uma coisa boa, positiva, bem-ligado. Também descobri que há várias coisas para abrir a memória, o entendimento. Conseguir me desenrolar mais, tomar mais juízo. Desenvolver uma obra prima.

Aprendi que na vida há várias formas para brincar, rir, se divertir e etc. Tbm bem aprendi ter mais calma, mais serenidade, mais compreensão com as pessoas, tentar entender-las e ter mais juízo na ação.

Aluno: Renata Rodrigues R: 704 Idade 13 anos.

1) Foi um desafogo. Tive a vida de um que me senti um tanto como poca de tristeza.

2) Que se ele confiasse na minha mãe tivesse um desafogo, e poderia estar

3- Um sentimento de saudade muito forte.

4- Que nunca iria me envolver com nadar que magoe a minha mãe, ou que possa destruir a minha vida.

Desafogo

A minha maior tristeza aconteceu há dois anos atrás quando o meu irmão morreu. O irmão que eu mais amava, o irmão que era cheio de alegria, cheio de vida. Que a minha mãe lutou demais pra criá-lo quando ele ia fazer dez anos, ele morreu. Um irmão que tinha tudo pra ser feliz, só chegar à adolescência com aquela frigidez, até ai tudo bem. Minha mãe não ligava por ele era quem mais dava orgulho a ela. Até que ele se envolveu com drogas, riu, a caca. Minha mãe não reagiu. Até que, ela descobriu um dia antes dele morrer minha mãe brigou muito com ele e ele não abriu a boca nem pra se desculpar. Ele não confiou nela e morreu, morreu por que estava devendo a caca de furinho. Ali. Hoje nunca achamos o seu corpo.

Aluna: Ana Cristina Gonçalves T. 406 Idade: 14 anos

Me senti como se estivesse
viajando no espaço,
num sonho de fantasia.
Descobri que se não fosse
as cores o que havia do
mundo,eria teria talvez
alegre para alguns.

Aprendi que sem as cores
minha vida.eria teria,
porque sem as cores como
representaria meus sentimentos

Aluno: Wendel Ferreira Da Silva T. 702 Idade: 13 anos

Gostei da aula e me senti mais solto com
os sentimentos.

A experiência também me mostrou
a situação de ser em certas ocasiões.

Aluno: José Roberto das Silveira Rocha Júnior T. 702 Idade: 12 anos

Senti algo muito forte dentro de mim, emoções.
• Retirei vários momentos de minha vida, queria
dizer, ainda tenho 12 anos de idade, e ainda falta muitos anos pela
frente.
• Adorei esta aula, me fez refletir meus sentimentos passados

Aluno: Danielle de Jesus T. 705 Idade: 14 anos

• Gostei de sentir uma coisa maravilhosa e
conseguir expressar o que senti.

• Descobri que existem coisas no mundo que não
devem ser apreciadas.

• Detestei o melhor trabalho que já fiz até hoje, saberi
como é bem viver a vida no mundo das cores.

• Eu aprendi que é bom viver a vida, apreciar a
o bem de tudo que vai acontecer conigo.

• Aprendi que a vida é pra ser vivida
não ser destruída.

Bruno Amália Batista T 705 idade 14 anos

- Hoje eu só sei dessa cula
muito muito escritor falando
sobre as coisas de mestres
sentimentos e descobri
que a voz faz parte do
meu mundo e eu me besei
• Aprendi na minha vida
que ~~existe~~ n'podemos
• Fazer coisas que não queremos
e também ussa cula fei
• Nun clássico daqui cula
de. Hoje

Domingo 10 de Setembro de 1985

Homem que sou

(P.F. 302)

~~Escrever~~

[fazendo eu me senti bem diger círculo
em special numa espécie de papel dentro
dos meus sentimentos]

Era um sentimento como se estivesse com
uma tampa.

Era tempo que admira que adoro a
experiência, pois eu expressei meus
sentimentos e escreve o que um dia se
passa vindo.

Era apreendi que não é só de nós
que se vive e nem que podemos rever.

Enfim eu fui essa experiência.]

Aluno: Fábio Souza da Cruz
Profª. Sueli Costa (Pic - LP)

Aula - Avaliação

EQ Eu senti que a aula foi boa tbm, os sentimentos Amor, ódio, tristeza e felicidade só senti nisso abrindo minhas frigidezas e também soube como é ser um adulto.

- Pude perceber que senti, momentos de alegria, de muita tristeza, mas quem mais fui
- sentimentos não é um invencível.

Aluno: Luciana Evangelista Fernandes.

Nascimento - Juiz de Fora - MG

Professor: Sueli Costa (Pic - LP)

Aula - avaliação:

Gostei

Sim, porque foi uma coisa diferente das outras que faço, eu senti uma sensação linda.

Melhor que minha aula de aulas de aulas, queria coisa a mais, só pra poder falar.

Aluno: Silvana Moreira Ferreira - Tijucas - RJ

Foi o meu momento em que fui mais honesto, aprendi que cada momento da minha vida tem uma cor diferente, tem um gosto de frango de galinha.

Eu gostei muito da ~~aula~~ aula e muito que a minha vida não é tão triste como pensei.

L " Gostei imenso de distanciar sentimentos e cobrir sentimentos de dentro do mago.

Descolhi as cores das sensações, desenrolhei minha mente]

Aluno: Wanderson R. da Cunha - T: 103 RA: 131100

Rosângela T. 403 Idade: 14 anos

Todos nós

- somos iguais. A vida podia ser um mundo de rosas. Por que todo mundo quer. Mais não é só porque todo mundo quer que nós devemos querer também? Se você ver uma flor que está com sete folhas, mais depois nas folhas a mesma coisa.

Aluno: Eliara Alice dos Santos Almeida

T: 401 Idade: 12 anos

- Eu fui sentir que escravidão o que eu senti, como eu sou espontaneamente e descobrir uma pessoa que tenho aqui dentro de mim que se esconde até eu me tratar de forma bastante respeitosa.

Aluno: Eugênia de matos Belchior

T: 401 Idade: 13 anos

- Eu gostei de vez de trabalho porque só podia fazer tudo de maneira.
- Eu descobri que muitas coisas são coisas
- São cores mais interessantes.
- Foi a melhor aula que eu tive.

Rio de Janeiro, 1º de Abril de 1992.

Aluno: Eduardo Tomaz da Silva Júnior

Profª: Queli Bortoli T: 401 Idade: 12 anos

(PIC - L1)

- Senti alegrias como meu primeiro dia de aula no Wallin Burman que foram os meus primeiros trabalhos para mim. Eu fiz bem e alegre isso e que senti, refletiu as alegrias no papel com a giz de cera.
- Descobri muitas cores musicais, cores alegres e cores tristes.

Mesmo assim, cores alegres, tristes e musicais] @ Jardim de Infância

Aluno: Moisés Elias B. Melo T: 101 Idade: 12 anos

Prof: Sueli Costa (Pic-LP)

Auto-avaliação

Pra dizer a verdade eu não sou muito maulo, mas me
encaro muito familiar. Descobri que o amor é a alegria
que eu viver em mim. Desenvolvi um sentimento meio-
forte que é a mistura do amor com a alegria que
mais forte que a tristeza e o célio. Aprendi que não
é só viver sem o que acabei de dizer.

Aluna: Tatiana da Bima T: 704 Idade: 13 anos

Prof: Sueli Costa → PIC - LP

Auto-avaliação

- 1. Eu tenho uma coisa diferente que não é pra
escolher, uma coisa diferente que é pra fazer pra
fazerem com prazer de viver direito.
- 2. Descobri que com pessoas certas faz grande
diferença na sua vida.
- 3. Descobri um ótimo trabalho bem feito durante
meus estudos a minha mente.
- 4. Aprendi que com um pouco de esforço você pode con-
seguir viver.

~~D~~Hoje as palestras encerraram com
muitos encantos, eu gostei muito
da aula foi muito animada,
eu aprendi coisas que eu
nem imaginava em ouvir,
aprender eu adoro essa
aula, eu me senti livre, aberta
Claudia Paula Alunes Rocha S: 706 14 anos

Mãe: Edain Fonseca Souza

Idade: 40 Anos

Prof: Sueli Costa

Idade: 14 anos

Pic - LP

Auto - avaliação

Eu senti uma coisa boa, uma sensa-
ção diferente por que fala das pessoas e dos
sentimentos.
descobri que as pessoas fazem parte da nos-
sas vidas.
entendi um pouco os meus sentimentos.
aprendi a ser mais amável com as pessoas
e ter mais educação com as pessoas
e me respeitam.

Cláudia Cristina P. da Silva 1.704 Idade: 13 anos

Prof: Sueli Costa - Pic - LP

Auto - avaliação

- Eu senti uma coisa que eu não sentia a muito tempo, não sei nem explicar, só sei que me fez lembrar de coisas que não queria.
Eu descobri que ~~que~~ devemos amar uma pessoa sem maldades, pois se torna um amor falso. Eu preciso desenvolver o amor ou seja que a tristeza nunca vença o amor. Eu aprendi a valorizar o amor de verdade.

Clarice Rosimene Freire Ribeiro 1.704 Idade: 13 anos

Prof: Sueli Costa - Pic - LP

Auto - avaliação

Eu senti que na nossa vida se passa de tudo
principalmente a tristeza e ódio mas os que mais
aparecem, descobri que dentro disso Tudo ainda
existe um sentimento muito grande e lindo que
é o amor. Eu sou desenvolvi porque não entendi
que apesar de tudo do ódio, da tristeza e da
alegria, o amor deve reinar em meu ser.

ALUNO: Mirese G. da S. T. 702 IDADE: 13 ANOS

Hoje tive uma aula descontratada.

Não tive problemas algum para descontratar. Ver meu trabalho. Estava folhando uma aula das 10h, descontrair nossas aulas de terça-feira.

Qui que o trabalho não foi perfeito, mas com o tempo, vou me aperfeiçoando. Não é? Por isso que estamos aqui? Para aprender não é?

Obrigado.

Mirese G. da S. Lento

Aluna: Grisele Maria T: 704 Idade: 13 anos

Profª Sueli Gesta - Pie-LP.

Aula - Análise

• Senti um alívio em poder ~~abrir~~ esperar o que estava opreso dentro de mim a muito tempo, pois sem oportunidade fui guardando, esperando um momento como esse.

Que pudemos parar varias vezes para pensarmos em nos mesmos.

que as coisas ruins nem sempre são tão malas.

Aprendi pensar mais ~~nos~~ em mim.

Aluno: Edvaldo T:702 Idade: 13 anos
Prof: Sueli Costa (PIC-LP)

Auto-avaliação

- Eu me senti muito bem.
- Que as cores são muito importantes
- Eu desenvolvi os meus pensamentos
- Aprendi que sem as cores não é possível ter a natureza.

Aluna: Leannele romay da silva T:704 Idade: 13 anos.
Prof: Sueli Costa - PIC - LP

Auto avaliação

1. Sente muita tristeza depois que nós terminamos namoro e alegria depois que nós voltámos.
2. Que se nós fomos na onda dos outros nós ~~ave~~mos entrar pelo lado.
3. Que eu gostava muito do meu namorado e ele também mas só que eu fiquei triste pela janela por
4. Aprendi que é melhor que fazer as coisas do jei fique em ajudar melhor, não o que os outros mandam fazer.

Aluno: Tatiane S. Barros T: 406 Idade: 14 (100)
Prof: Sueli Costa (PIC - LP)

Auto avaliação

Aprendi que amar a outras pessoas e aprender a perdoar é muito bonito e que as pessoas devem combater a tristeza e o ciúme porque são dois sentimentos feios que só deixam os pés das pernas para baixo.

Aluno: Jefferson, M.R. de Oliveira 2º 701 Iolanda 12.2003
Professor: Sueli Costa (PIC-LP)

Auto avaliação

- Senti uma grande satisfação de pintar na aula de hoje.
- Descobri como se fazem as misturas de cores.
- Cores que desenhei foram cores que nunca vi antes.

Aluno: Edgar Brandão 3º 701 - Iolanda 13.2003
Profª. Sueli Costa (PIC - LP)

Auto Avaliação

Eu achei que as cores representam muita coisa, como por exemplo a identificação dos sentimentos, dar vida as coisas.

Alum. Kelly Cristina A. Pinto 3º 703 IPANEMA 13.2003
Profª Sueli Costa (PIC - LP)

Auto avaliação

Eu senti uma coisa muito boa quando eu comecei a misturar as cores. Eu conseguia expressar os sentimentos de alegria, amor, ódio, tristeza. O que é dizer o ódio. Eu descobri os sentimentos das cores. Quando voltei a pintar fui surpreendida que as cores expressam sentimentos muitas feituras.

Aluno: Daniels cardoso Penteado - idade: 13 anos

Prof: Sueli Costa - PIC - LP - 1.701

Auto Avaliação

Senti uma sensação de paz e felicidade
descobri que todo mundo tem o apetite natural
em excesso naturalidade.

Minha naturalidade
apreendi que para mudar que é só olhar para
passo.

Aluno: Bruna O. da Fonseca T: 706 idade: 14 anos
Prof: Sueli Costa (PIC-LP)

Auto-avaliação

Fiz senti um pouco leve
parecia que eu estava
em outro mundo.

Acho que por alguns minutos
ou segundos eu estive fora
dai.

Aluna: Patrícia Miranda T: 705

Idade: 13 anos

Prof: Sueli Costa - PIC - LP

① Uma saída ou pensar
dias difíceis.

② Que tudo mais ajuda os outros com os
acornos mentais.

③ Que tudo vale apena.

④ A refletir nos meus atos - nos mindos
poderosos.

Aluno: Maria do Valle Rodrigues
Idade: 12 anos

Aluna: 702 Idade: 12 anos

Mas sobre o texto me fez recordar situações ruins, boas, etc.

Em acto que essa aula e outras que haverão de pique fará o bom meu pensar.

Aluna: Bráulíria T.704 Idade: 13 anos.

Descobri que minha pessoa não é só o lado exterior tem também o lado interior. As roupas me enganam, as roupas magoam alguém.

Profª Sueli Costa → Pk - LP

Aluna: Lúcia Fernandes da Porteira T.704 Idade: 13 anos

- 3. Fui senti-me curta, curta curta valy que é que não dá para ver. Sente-me leve e muito diferente do que sou.
- 4. Aprendi que nessa aula nós vivemos bem com os colegas.

Aluna: Raquel Alencar Barros. S. 706 Idade: 34 anos

Profª Sueli Costa (Pk - LP)
suto - avaliação

O que aconteceu nesta aula foi gostoso, é bom olhar para dentro de nós mesmos e ver o que está se passando, é legal olhar e representando os nossos sentimentos.

O que se passou comigo hoje eu nunca tinha sentido valer a experiência espero que possa fazer mais vezes

Aluno: Fernando F. da Cunha Júnior T. 702 Idade: 83 anos
Prof.: Sueli Costa (Pic - LP)

Auto-avaliação

Eu senti alegria e gostei muito porque
eu me desabei muito.
Eu desabrei o que não podia ser mais
que era alegria, tristeza, alegria e tristeza.
Eu desenvolvi muitos sentimentos diferentes
muita cor e muitos sentimentos.
Querida a entender em todos os sentidos
tão bons sentidos é a alegria de ser eu mesmo.
Eles são assim.

Aluno: Gláucia Maria Reupy Sivitas I. 1º Ano 13...

Eu senti cores novas e muitas cores.

Paguei no lado ruim também, porque eu
fiz com mais fermeza e mais humor.

Aluno: Lino Borba de Carvalho T. 702 Idade: 83 ANOS

Prof.: Sueli Costa (Pic - LP)

AUTO - AVALIAÇÃO

Senti muita alegria no trabalho, desco-
bri muitas cores diferentes, achei lindo
e desenvolvi várias cores, eu aprendi que
a minha vida é muito importante, estas
cores da alegria, do ódio, do amor e
da tristeza, vários sentimentos importantes,
eu gostei bastante, foi uma aula descontra-
ída e muito alegre.

Aluno: Rodrigo de B. Rodrigues T. 701
Profº: Sueli Costa (Pic-LP)

Auto Avaliação

- Eu senti alguma coisa eu não sei explicar o que era mas eu acho que era uma emoção muito grande. Eu descobri que eu souro para maior experiência, porque foi a primeira vez que fiz uma experiência e saiu ótima. Eu desenvolvi a minha criatividade.

Aluno: Gilmaria da Paiva T. 705 IDADE: 14 anos

Profº: Sueli Costa (Pic-LP)

AUTO - avaliação

- Não eu senti que essa aula foi boa para desenvolver o consciente ou cada aluna. Descobri cada uma tem um momento sentimento diferente e que é normal sentir o que elas sentem.
- Eu desenvolvi que cada um tem um modo de perceber o dia a dia, que se mudaria ficaria muito cansativa, se não fosse dividido em: manhã e noite, dias... profissão dia e noite; já pensou se não é estranho dia?

Aluna: Simone Alves Soárez T.: 706

Idade: 14 anos

Professora: Sueli Costa (Pic-LP)

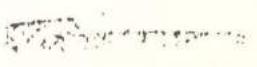
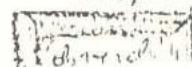
AUTO - Avaliação

- Senti hoje uma coisa inexplicável. Descobri que o meu corpo de fato de tudo é só querer.

Aluno: Bráiley F. L. F. 05 Idade: 14 - anos.

Auto Avaliação

- Eu tive uma sensação relaxante.
Eu descobri que a vida só tem graça e humor o momento.
- Eu desenvolvi um trabalho maior.
- Eu aprendi que o mundo meus é de cores, muitas cores.



Aluno: Mirella F. G. Oliveira (Júnior) F. 05 Idade: 14 Anos

Prof: Sueli Costa (Pic-CP)

Auto Avaliação

- Eu senti uma coisa muito bonita: amor à terra, alegria. Também consegui sentir ódio da tristeza. Também descobri as cores: descobri que eu posso fazer uma coisa que eu quero e não posso. Desenvolvi a mente pensando em várias cores, cores, pessoas, e sentir outros.

ALUNO: Alex da Silveira Santos N° 702

IDADE: 13 ANOS.

PROF: SUELÍ COSTA (PIC-CP)

AUTO · AVALIAÇÃO

- Eu senti o sentimento da alegria.
- Eu descobri que cada sentimento possui suas cores.
- Eu desenvolvi o pensamento, ali, o pensamento para formar o desejo.
- Apresentei que a vida tem muitos tipos de sentimentos para cada momento da vida.

Aluno: Isabell Bald ST: 701 Idade: 11 anos

Prof: Sueli Costa (PIC-LPI)

Auto Avaliação

- Eu gosto do que se passou hoje, eu tive um pouco de dificuldade, mas logo saiu como fazer, eu descrevo experiências com giz de cera, o trabalho é bonito em geral.

Eu desenvolvi criatividade e cores bonitas.

Eu aprendi que é bom trabalhar com giz de cera, a fazer trabalhos bonitos, coloridos e para a vida todo tempo ser colorido.

Tudo foi legal.

Aluno: Bernardo Elias de Souza T: 401 Idade: 12 anos

Prof: Sueli Costa

Auto Avaliação

Eu senti facilidade para fazer algumas coisas e dificuldade para fazer outras, eu me senti muito bem diante os trabalhos.

Eu descobri que ~~é~~ a relação com as cores é muito bom.

Eu desenvolvi trabalhos que me ajudaram a me relacionar melhor com as cores e com o material que é usado na aula.

A aula de hoje me ajudou a relacionar as cores e os sentimentos.

Aluno: Roberto Rodrigues de Oliveira Lourenço.

T: 706 Idade 15 anos.

Prof: Sueli Costa (Pic - LP)

- Thoff eu gostei muito da aula eu fizemos tive muitos criatividade de Pintura, mas quero só eu queria dizer em edição e desenho
- Eu também também gostei da aula porque é uma aula diferente dos outros, com muito alegria e compreensão

Aluno: Christiane Teixeira Cagnin T: 706 Idade 15 anos

Prof: Sueli Costa (Pic - LP)

Auto-avaliação

Acho a aula de Pintura muito interessante, por que a gente desenha o que a gente ama, a Tristeza, o ódio e a Alegria.

• Eu também descrevemos o que é a aula da pintura, por que cada cor cada pintura tem um sentido um sentimento diferente cada cor é só refletindo numa cor diferente num modo de alegria diferente.

Aluna: Simone de Souza T-103 3º ano - 13 Ano 92
Rua de Janiro 07 de Julho de 1992.
Prof.: Sueli Costa (Pic-LP)

Auto - Avaliação

- 1) Eu tenho uma casa muito legal.
- 2) Eu descrevo que é uma casa muito interessante e deslumbrante, mas é uma suíte
- 3)

Aluno: Leandro da Conceição T-105 14 Anos
Prof.: Sueli Costa (Pic-LP)

auto - Avaliação

Eu senti uma bom fluidez na experiência refletir memórias solitárias. É descrever o que não redige magazinaria falando com palavras suas e desenvolver memória, vontade de pensar e aprender o que puder, interagir com você mesma e prestar atenção aos outros.

Aluno: Lívia da Conceição Russo T-105 14 anos.
Professora Sueli Costa (Pic-LP)

auto - Avaliação

Senti um novo amadurecimento, um ar mais puro, quando observei o significado das cores. Elas têm sentido, significa muita, mas muitas pessoas não se ligam, não se importam, desejam que as cores existam só nesse mundo mas pouco.

Maria - professora da 6.º do grupo I. 104 idade 13 anos.
Profª: Sueli Costa - PIC - LP

Auto-avaliação

- Eu sou mais relacional, mais centrado em mim.
- Gosto de estar com os meus amigos, falar com os meus amigos.
- Gosto de conversar com os meus amigos, com os meus professores.

Aluno: Bruna Boeck Boxer Lemos I.104 idade 13 anos
Profª: Sueli Costa - PIC - LP

Auto-avaliação

Sinto que alegria é o meu dos sentimentos mais prazerosos depois do amor. E descobri que a alegria não é só alegria da alegria e da diversão.

Adquiri também a muita criatividade.

E apendi que as cores expressão melhor os sentimentos do que a própria palavra, assim como o olhar.

Aluno: Maria Carvalho I.104 idade 13 anos

Profª: Sueli Costa - PIC - LP

Auto-avaliação

- Eu sou que acho que é bom de falar, falar,
- para conversar falando eu não teria certeza de falar. Descobri que para escutar eu posso ser livre. Dependendo a maneira como. Aprendi ter paciência para tudo em minha vida.

Palavras de gergo não são necessárias.

Sentimentos não se expressam por palavras, sim com gestos.

TRANSVERSAL

UMA
UMA

O mundo negro
de um ex-escravo.

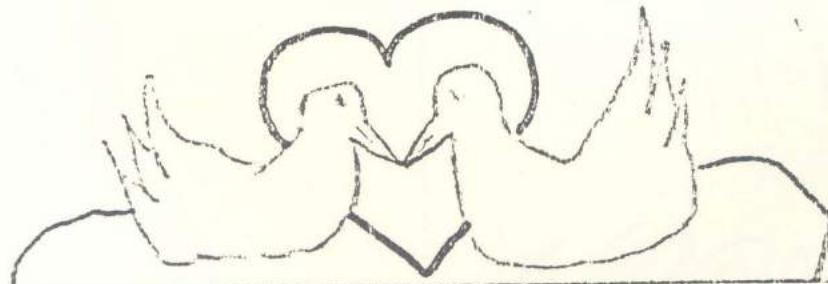
AUTOR:

Juarez Campos /81

PROVA

DE

AMOR



DO
TEMPO

81

Entregue: Rua de Saarz
Endereço: Centro da Serra /92

OS
ACONTECIMENTOS
do
MUNDO



AUTORA: FLÁVIA APARECIDA
EDITORA: FANTASIA

CRÔNICAS

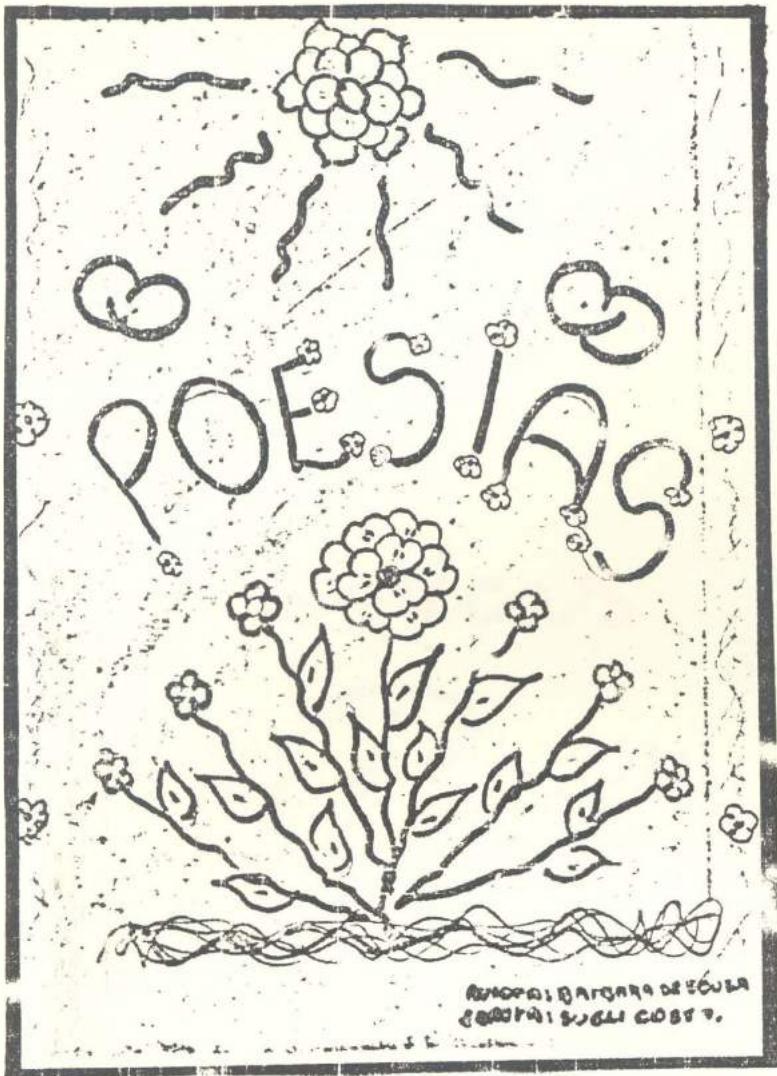
AUTOR: RODRIGO LUIZ 'FREITAS' DE SOUSA
EDITORA: SINISTRA

Cuidado!
dia

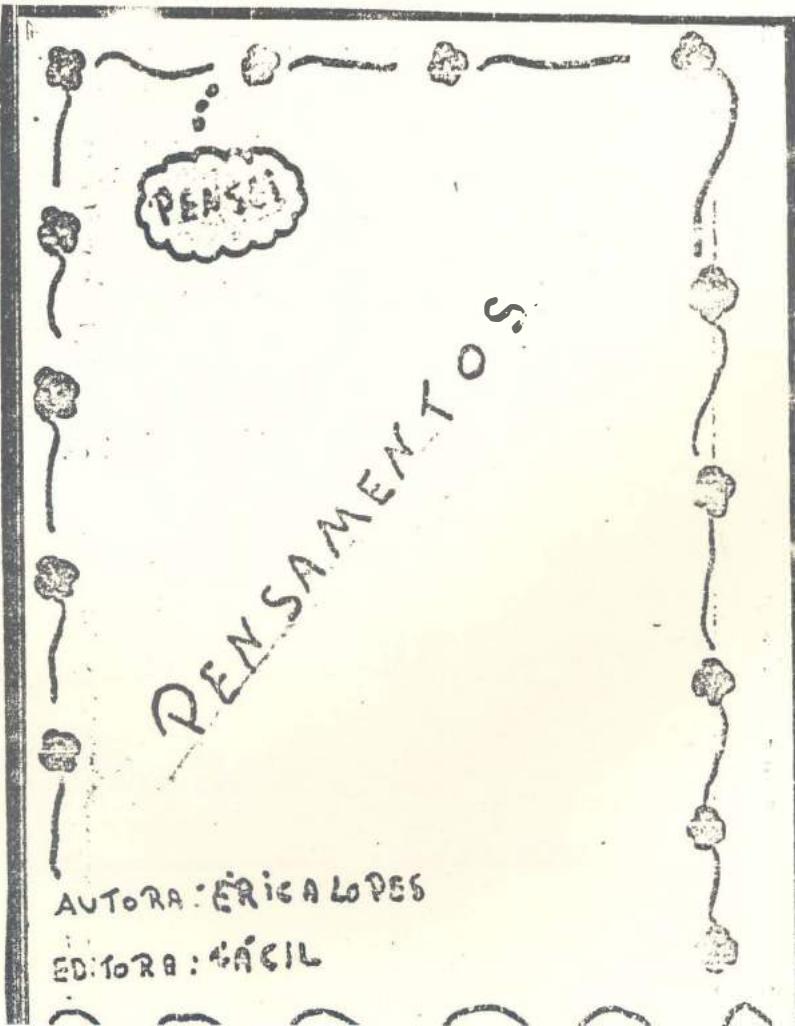
luta

ASSOMBRAÇÃO

ROMANCE



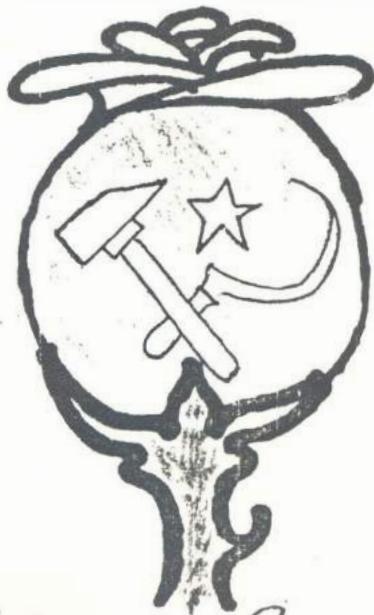
RENATA BARBOSA DE SOUZA
ESTUDANTE DE JURISPRUDÊNCIA



AUTORA: ERICA LOPES

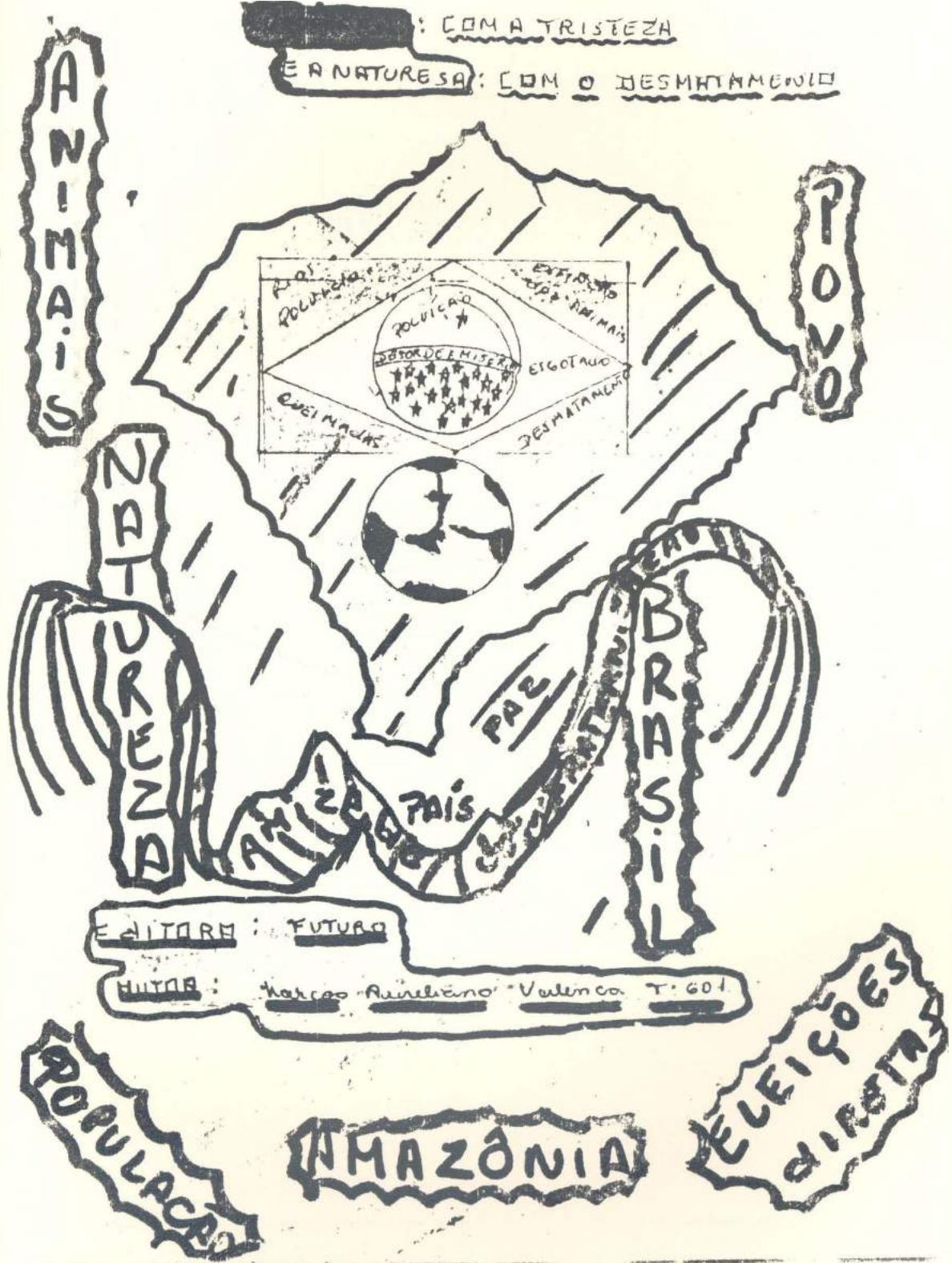
EDITORIA: FÁCIL

Crônicas Revoltantes



autor: Arcos Brante

editora: Comunista



**DOH CASHURRO III OU
A LUTA PELA FELICIDADE.**

PROSES

TIPO

Author: Deryerson Noda Riera

Editora: Guadalas

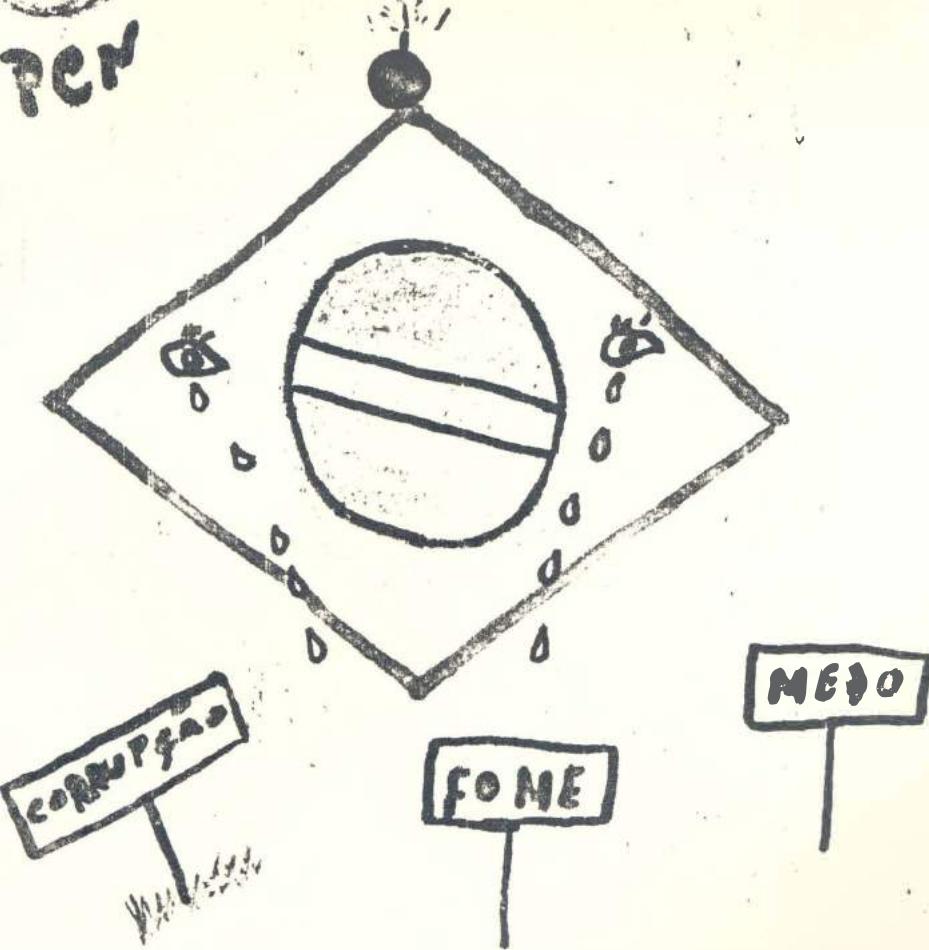
autora: Silvana Galvão



PCR



PTV



autora: Mery Sálim

ANEXO 4

DEPOIMENTO

DEPOIMENTO

Os tempos evoluíram, mas a escola não acompanhou esta evolução. Deveria haver um avanço paralelo, como não houve, parece que a educação regrediu. Por isto, está esse caos.

E o pior é que ninguém sabe como resolver o caos. Ninguém consegue: as próprias pessoas que o criaram não sabem como sair dele.

É como um filho viciado: ninguém sabe como chegou ao vício, nem como tirá-lo do vício...

Alguém tem culpa, ninguém assume, nem ousa apontar os culpados.

No entanto, não foi sempre assim, pois ainda na década de 70, com a clientela do subúrbio de Acari (favela) e arredores (um pouco privilegiados sócio-economicamente) conseguíamos fazer juntos — alunos, professores e direção — um trabalho onde todos participavam com alegria, com vontade de fazer: havia um envolvimento geral.

Até faltavam recursos humanos e materiais, mas ninguém se dava conta disso, porque, num clima contagiante, mágico mesmo, todos se sentiam dispostos a criar.

E, neste ambiente, fazia-se teatro e levava-se o aluno ao teatro, promovia-se Concurso Literário, Festival da Canção, criou-se um Coral (muito convidado para apresentações fora da escola e muito premiado), havia aulas de Ensino Religioso (com música, slides, textos para reflexões/lições de vida).

Tudo isto era interligado e irradiado pelo trabalho de

Língua Portuguesa.

Já eram utilizados pela professora (autora deste estudo) tanto para Ensino Religioso como para Língua Portuguesa, música, desenho, pintura, teatro, debates - tudo isso para o aluno chegar à escrita, que fluía e surpreendia aos alunos que julgavam nunca poder colocar algo no papel. Havia um espírito lúdico, faziam com prazer.

A isto eu classificaria como o PRÉ-PIC...

Havia em cada um de nós um Fernão Capelo Gaivota!

Assim era a Escola Municipal Monte Castelo.

E lá se vão vinte anos!

Por que "isto" tão "antigo", quanto "moderno" - PIC - não há em todas as escolas?

Por que esta maravilhosa vontade de fazer não está mais ocorrendo?

No entanto, em contato com os depoimentos destes alunos e professores-juízes, pude observar mais de perto ainda um trabalho que, de certo modo, "lá" começou e - como tenho acompanhado - continua frutificando e evoluindo (sob o codinome PIC), graças ao empenho e dedicação da professora, autora deste estudo.

Só é pena que o PIC seja uma espécie de privilégio de alguns poucos, quando deveria ser um direito de todos.

Realmente, esta professora continua sendo um Fernão Capelo Gaivota ...

Jandyra Chavarry Correa e Castro

- PROFESSORA JANDYRA CHAVARRY CORREA E CASTRO / GEOGRAFIA.